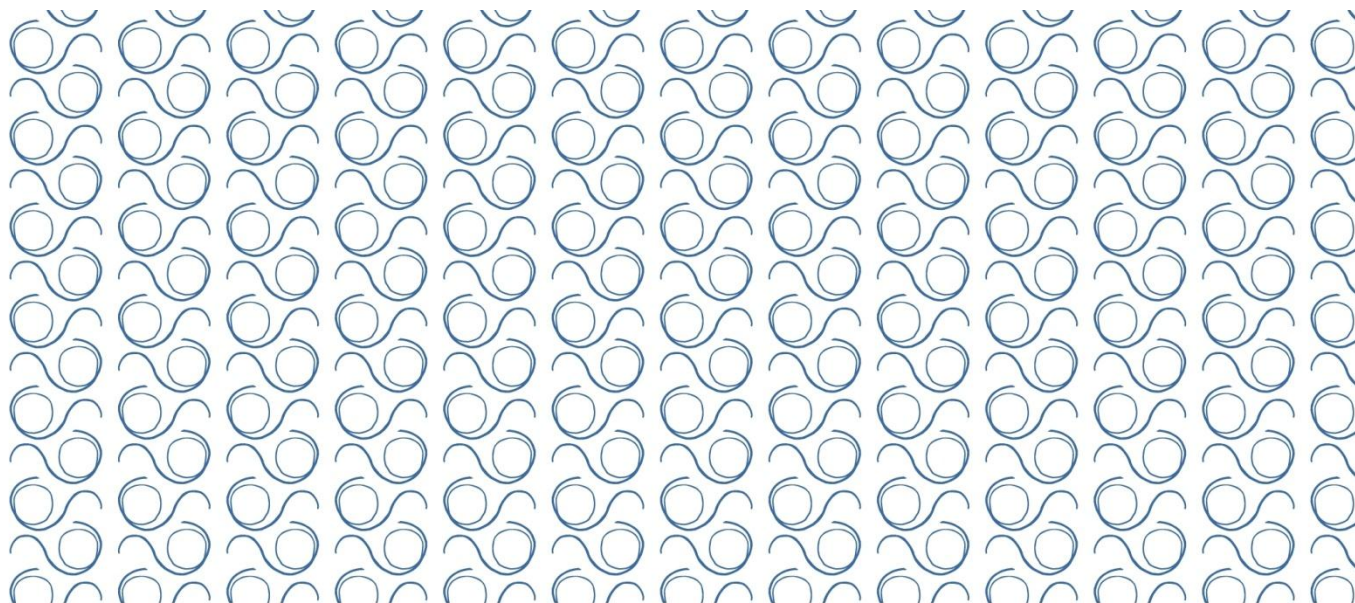
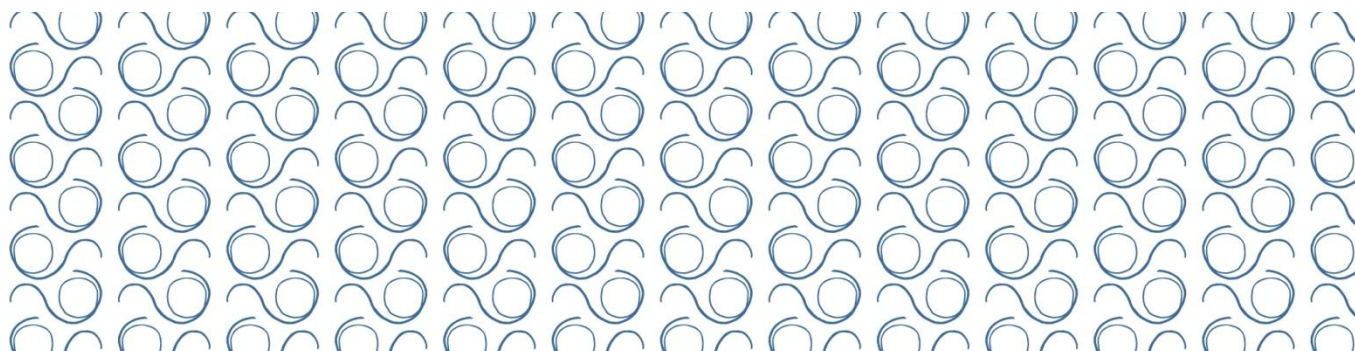




ESTAÇÃO DE PESQUISA DE SINAIS DE MERCADO EM SAÚDE - EPSM

Levantamento da trajetória no mercado de trabalho de egressos dos cursos do PROFAE – 2000 a 2008

Belo Horizonte, Janeiro de 2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA - NESCON**



Universidade
Federal de
Minas Gerais



NESCON
núcleo de educação em saúde coletiva
FACULDADE DE MEDICINA - UFMG

 Rede
ObservaRH



Ministério
da Saúde



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor: Clélio Campolina Diniz

FACULDADE DE MEDICINA

Diretor: Francisco José Penna

NÚCLEO DE ESTUDOS EM SAÚDE COLETIVA

Coordenador: Edison José Corrêa

ESTAÇÃO DE PESQUISA DE SINAIS DE MERCADO

Observatório de Recursos Humanos em Saúde do NESCON/ FM / UFMG

Coordenador: Sabado Nicolau Girardi

RELATÓRIO TÉCNICO DE PROJETO:

Construção do índice de escassez de profissionais de saúde para apoio à Política Nacional de Promoção da Segurança Assistencial em Saúde

COORDENADOR DO PROJETO

Sabado Nicolau Girardi

PESQUISADORES/COLABORADORES

Cristiana Leite Carvalho

Jaqueline Medeiros Farah

Jackson Freire Araújo

Lucas Wan Der Maas

Luis Henrique Silva Ferreira

ESTAGIÁRIOS

Bruno Zaldan Cunha

Charles Junior Souza

Danielle de Souza Santos Oliveira

Joice Carvalho Rodrigues

Luis Antônio Bonolo de Campos

Marcus Vinícius Leles de Barcelos

Nayara Carvalho Vilela

Pedro de Brito Botelho Salomão

Remaclo Rodrigues Junior

INSTITUIÇÕES PATROCINADORAS:

Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS) – Representação do Brasil
Ministério da Saúde

INSTITUIÇÃO EXECUTORA:

Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado – Observatório de Recursos Humanos em Saúde do NESCON/FM/UFMG

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proporção de egressos do PROFAE por tipo de curso frequentado - Brasil, 2001 a 2008.....	22
Figura 2 – Número de egressos do PROFAE por tipo de curso frequentado e sexo - Brasil, 2001 a 2008 .	23
Figura 3 – Distribuição dos egressos por média de idade* e ano de conclusão do curso – Brasil, 2001 a 2008**	24
Figura 4 – Média de idade* à conclusão do primeiro ou único curso do PROFAE, por tipo de curso frequentado e sexo – Brasil, 2001 a 2008	25
Figura 5 – Distribuição de egressos do PROFAE por Região Geográfica - Brasil, 2001 a 2008.....	26
Figura 6 – Distribuição de egressos do PROFAE por Região Geográfica e curso frequentado - Brasil, 2001 a 2008	26
Figura 7 – Evolução da situação dos egressos do PROFAE em relação a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) – Brasil, 2000 a 2008	28
Figura 8 – Evolução do número de egressos do PROFAE atuando exclusivamente como técnicos ou auxiliares de enfermagem no mercado formal – Brasil, 2000 a 2008	29
Figura 9 – Evolução do estoque em 31/12 de indivíduos e vínculos de emprego de egressos de cursos do PROFAE no mercado de trabalho formal – Brasil, 2000 a 2008	30
Figura 10 – Incremento bruto do estoque de indivíduos e vínculos formais de emprego de egressos do PROFAE por sexo e ano – Brasil, 2000-2008.....	31
Figura 11 – Distribuição do estoque de egressos do PROFAE com vínculos formais de emprego ativos em 31/12 por sexo e ano – Brasil, 2000 a 2008	32
Figura 12 – Média de idade dos egressos do PROFAE no mercado de trabalho formal por ano – Brasil, 2000 a 2008	33
Figura 13 - Evolução da distribuição dos vínculos formais de emprego ativos em 31/12 de egressos do PROFAE segundo ocupação – Brasil, 2000 a 2008.....	35
Figura 14 - Evolução da distribuição dos egressos do PROFAE com vínculos formais de emprego ativos em 31/12 segundo ocupação – Brasil, 2000 a 2008.....	36
Figura 15 - Evolução dos salários médios, em salários mínimos, de egressos do PROFAE com vínculos formais de emprego ativos em 31/12 – Brasil, 2000 a 2008	37
Figura 16 - Evolução dos salários médios, em Reais, de egressos do PROFAE com vínculos formais de emprego ativos em 31/12 – Brasil, 2000 a 2008	38
Figura 17 – Evolução da remuneração média, em salários mínimos, dos vínculos formais de emprego registrados como Auxiliar de Enfermagem de egressos do PROFAE e do total da economia formal – Brasil, 2003 a 2008	39
Figura 18 – Evolução da remuneração média, em salários mínimos, dos vínculos formais de emprego registrados como Técnico em Enfermagem de egressos do PROFAE e do total da economia formal – Brasil, 2003 a 2008	39

Figura 19 - Distribuição das entrevistas segundo sexo dos respondentes	42
Figura 20 – Distribuição das entrevistas segundo faixa etária dos respondentes.....	43
Figura 21 - Distribuição das entrevistas: Faixa etária e Regiões Geográficas dos respondentes	45
Figura 22 - Distribuição das entrevistas por local de residência e local do curso	46
Figura 23 - Entrevistados segundo frequência ao curso de Auxiliar de Enfermagem	47
Figura 24 - Entrevistados por frequência ao curso de Auxiliar de Enfermagem, segundo a Região Geográfica	49
Figura 25 – Egressos de cursos de Auxiliar de enfermagem por Tipo de Instituição Executora do curso..	50
Figura 26 - Egressos de cursos de Auxiliar de enfermagem segundo o ano de finalização do curso	51
Figura 27 — Entrevistados segundo frequência ao curso de Técnico em Enfermagem.....	52
Figura 28 - Entrevistados por frequência ao curso de Técnico em Enfermagem, segundo a Região Geográfica	54
Figura 29 - Egressos de cursos de Técnico de Enfermagem segundo o ano de conclusão do curso	55
Figura 30 - Egressos de cursos do PROFAE que concluíram o ensino fundamental através do Projeto	56
Figura 31 - Egressos de cursos do PROFAE segundo interesse em fazer outra formação técnica	57
Figura 32 – Egressos de cursos do PROFAE segundo área de interesse em outra formação técnica	58
Figura 33 - Egressos de cursos do PROFAE segundo frequência ou conclusão de curso de nível superior	59
Figura 34 - Egressos segundo relação entre frequência ou conclusão de curso superior e formação no PROFAE	60
Figura 35 - Egressos de cursos do PROFAE segundo motivações para participar dos cursos	62
Figura 36 - Egressos de cursos do PROFAE segundo grau de importância atribuído aos aspectos motivadores (Estimulada)	64
Figura 37 - Importância da Gratuidade do curso na motivação, segundo Regiões Geográficas	65
Figura 38 - Importância de Auxílio monetário do curso na motivação, segundo Regiões Geográficas	67
Figura 39 - Importância da Liberação no trabalho na motivação, segundo Regiões Geográficas.....	68
Figura 40 - Importância da Perspectiva de formação profissional na motivação, segundo Regiões Geográficas.....	70
Figura 41 - Importância da melhoria da posição no trabalho na motivação, segundo Regiões Geográficas	71
Figura 42 - Importância da melhoria de salário na motivação, segundo Regiões Geográficas	73
Figura 43 - Importância da exigência da legislação na motivação, segundo Regiões Geográficas.....	74
Figura 44 - Grau de dificuldade atribuído às dificuldades encontradas pelos egressos do PROFAE	76
Figura 45 - Grau de dificuldade em realizar o estágio, segundo as Regiões Geográficas.....	77
Figura 46 - Grau de dificuldade em compreender o material didático, segundo as Regiões Geográficas .	79
Figura 47 - Grau de dificuldade em acompanhar as aulas e os professores, segundo as Regiões Geográficas.....	80
Figura 48 - Grau de dificuldade com a carga horária do curso, segundo as Regiões Geográficas	82
Figura 49 - Grau de dificuldade em conciliar os estudos com o serviço, segundo as Regiões Geográficas	83

Figura 50 - Grau de dificuldade em conhecimentos em português e matemática, segundo as Regiões Geográficas.....	85
Figura 51 – Entrevistados segundo existência de mudança no enquadramento profissional após formação no PROFAE por Regiões Geográficas.....	86
Figura 52 - Motivos atribuídos a não mudança no enquadramento profissional após formação no PROFAE	87
Figura 53 - Avaliação das mudanças ocorridas na atividade profissional e relações sociais em função da conclusão dos cursos do PROFAE	91
Figura 54 - Mudanças ocorridas na remuneração segundo as Regiões geográficas	92
Figura 55 - Mudanças ocorridas na relação com os segundo as Regiões geográficas.....	94
Figura 56 - Mudanças ocorridas na relação com os supervisores segundo as Regiões geográficas	95
Figura 57 - Mudanças ocorridas na relação com os familiares e amigos segundo as Regiões geográficas.....	97
Figura 58 - Mudanças ocorridas na empregabilidade segundo as Regiões geográficas.....	98
Figura 59 - Mudanças ocorridas na estabilidade profissional segundo as Regiões geográficas.....	100
Figura 60 - Mudanças ocorridas na capacidade técnica segundo as Regiões geográficas	101
Figura 61 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de realizar as atividades do trabalho, segundo as Regiões Geográficas	104
Figura 62 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de utilizar práticas preventivas de biossegurança, segundo as Regiões Geográficas	105
Figura 63 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de relacionamento com os pacientes, segundo as Regiões Geográficas.....	106
Figura 64 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos do trabalho com os colegas de equipe, segundo as Regiões Geográficas.....	107
Figura 65 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de tomada de decisão no ambiente de trabalho, segundo as Regiões Geográficas	108
Figura 66 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de relacionamento com os coordenadores, segundo as Regiões Geográficas.....	109
Figura 67 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de conhecimento sobre a política do SUS, segundo as Regiões Geográficas.....	110
Figura 68 - Egressos do PROFAE segundo condição de ocupação e Regiões Geográficas	112
Figura 69 – Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo ocupação principal	114
Figura 70 - Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo tipo de vínculo do emprego principal.....	116
Figura 71 - Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo tipo de estabelecimento do emprego principal	117
Figura 72 – Distribuição dos entrevistados não ocupados atualmente segundo motivo	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos egressos do PROFAE entrevistados por situação na RAIS, em 31/12 de 2008, segundo Região Geográfica	18
Tabela 2 – Evolução da situação dos egressos do PROFAE em relação à Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) – Brasil, 2000 a 2008	29
Tabela 3 – Evolução da remuneração média, em Salários Mínimos e em Reais, dos vínculos formais de emprego registrados como Técnicos em Enfermagem e Auxiliar de Enfermagem do total da economia formal e dos egressos do PROFAE* - Brasil, 2003 a 2008	40
Tabela 4 – Distribuição das entrevistas segundo sexo dos respondentes	42
Tabela 5 – Distribuição das entrevistas segundo faixa etária dos respondentes	43
Tabela 6 – Distribuição das entrevistas por faixa etária e Regiões Geográficas dos respondentes	44
Tabela 7 – Distribuição das entrevistas por local de residência e local do curso	45
Tabela 8 – Entrevistados segundo frequência ao curso de Auxiliar de Enfermagem	47
Tabela 9 – Entrevistados por frequência ao curso de Auxiliar de Enfermagem, segundo a Região Geográfica	48
Tabela 10 – Egressos de cursos de Auxiliar de enfermagem por Tipo de Instituição Executora do curso	49
Tabela 11 – Egressos de cursos de Auxiliar de enfermagem segundo o ano de finalização do curso	50
Tabela 12 – Entrevistados segundo frequência ao curso de Técnico em Enfermagem	52
Tabela 13 – Entrevistados por frequência ao curso de Técnico em Enfermagem, segundo a Região Geográfica	53
Tabela 14 – Egressos de cursos de Técnico em Enfermagem por Tipo de Instituição Executora do curso	54
Tabela 15 – Egressos de cursos de Técnico de Enfermagem segundo o ano de conclusão do curso	55
Tabela 16 – Egressos de cursos do PROFAE que concluíram o ensino fundamental através do Projeto ...	56
Tabela 17 – Egressos de cursos do PROFAE segundo interesse em fazer outra formação técnica	57
Tabela 18 – Egressos de cursos do PROFAE segundo área de interesse em outra formação técnica	58
Tabela 19 – Egressos de cursos do PROFAE segundo frequência ou conclusão de curso de nível superior	59
Tabela 20 – Egressos segundo relação entre frequência ou conclusão de curso superior e formação no PROFAE	59
Tabela 21 – Egressos de cursos do PROFAE segundo motivações para participar dos cursos	61
Tabela 22 – Egressos de cursos do PROFAE segundo grau de importância atribuído aos aspectos motivadores (Estimulada)	63
Tabela 23 – Importância da gratuidade do curso na motivação, segundo Regiões Geográficas	65
Tabela 24 – Importância do Auxílio monetário do curso na motivação, segundo Regiões Geográficas	66
Tabela 25 – Importância da Liberação no trabalho na motivação, segundo Regiões Geográficas	68
Tabela 26 – Importância da Perspectiva de formação profissional na motivação, segundo Regiões Geográficas	69

Tabela 27 – Importância da melhoria da posição no trabalho na motivação, segundo Regiões Geográficas	71
Tabela 28 – Importância da melhoria de salário na motivação, segundo Regiões Geográficas	72
Tabela 29 – Importância da exigência da legislação na motivação, segundo Regiões Geográficas	74
Tabela 30 – Grau de dificuldade atribuído às dificuldades encontradas pelos egressos do PROFAE	75
Tabela 31 – Grau de dificuldade em realizar o estágio, segundo as Regiões Geográficas	77
Tabela 32 – Grau de dificuldade em compreender o material didático, segundo as Regiões Geográficas	78
Tabela 33 – Grau de dificuldade em acompanhar as aulas e os professores, segundo as Regiões Geográficas.....	80
Tabela 34 – Grau de dificuldade com a carga horária do curso, segundo as Regiões Geográficas	81
Tabela 35 – Grau de dificuldade em conciliar os estudos com o serviço, segundo as Regiões Geográficas	83
Tabela 36 – Grau de dificuldade em conhecimentos em português e matemática, segundo as Regiões Geográficas.....	84
Tabela 37 – Motivos atribuídos a não mudança no enquadramento profissional após formação no PROFAE.....	87
Tabela 38 – Motivos de não mudança no enquadramento profissional após os cursos do PROFAE, segundo as Regiões Geográficas	89
Tabela 39 – Avaliação das mudanças ocorridas na atividade profissional e relações sociais em função da conclusão dos cursos do PROFAE	90
Tabela 40 – Mudanças na remuneração segundo as Regiões geográficas.....	92
Tabela 41 – Mudanças na relação com os colegas segundo as Regiões geográficas	93
Tabela 42 – Mudanças na relação com os superiores segundo as Regiões geográficas	95
Tabela 43 – Mudanças na relação com familiares e amigos segundo as Regiões geográficas.....	96
Tabela 44 – Mudanças na empregabilidade segundo as Regiões geográficas	98
Tabela 45 – Mudanças na estabilidade profissional segundo as Regiões geográficas	99
Tabela 46 – Mudanças na capacidade técnica segundo as Regiões geográficas.....	101
Tabela 47 – Avaliação atribuída aos aspectos relacionados à capacitação técnica oferecida pelo PROFAE	102
Tabela 48 – Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, segundo as Regiões Geográficas	103
Tabela 49 – Egressos do PROFAE segundo condição de ocupação	111
Tabela 50 – Egressos do PROFAE segundo condição de ocupação e Regiões Geográficas	112
Tabela 51 – Egressos do PROFAE que permaneceram no mesmo emprego anterior à formação.....	113
Tabela 52 – Egressos do PROFAE que possuem mais de um emprego atualmente.....	113
Tabela 53 – Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo ocupação principal	114
Tabela 54 – Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo tipo de vínculo do emprego principal.....	115

Tabela 55 – Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo tipo de estabelecimento do emprego principal	117
Tabela 56 – Emprego secundário dos Egressos dos cursos do PROFAE	118
Tabela 57 – Distribuição dos entrevistados não ocupados atualmente segundo motivo da não ocupação	119
Tabela 58 – Motivos para não desempenhar atividade profissional atualmente	120
Tabela 59 – Último emprego dos egressos do PROFAE que não trabalham atualmente	120

Sumário

1. Introdução	11
2. Metodologia	14
2.1. Análise de dados secundários.....	14
2.2. Entrevistas Assistidas por Computador (ETAC)	16
2.3. Grupos Focais.....	19
3. Resultados	22
3.1. Perfil dos egressos do PROFAE	22
3.2. Mercado de trabalho formal dos egressos do PROFAE (2000 a 2008).....	27
3.2.1. Situação em relação ao mercado de trabalho formal	27
3.2.2. Estoque de vínculos e indivíduos	30
3.2.3. Estrutura Ocupacional.....	33
3.2.4. Salários	37
3.3. Resultados da ETAC com egressos.....	41
3.3.1. Perfil dos entrevistados	41
3.3.2. Egressos dos cursos de Auxiliar de Enfermagem	47
3.3.3. Egressos dos cursos de Técnico de Enfermagem	51
3.3.4. Complementar de Ensino Fundamental	56
3.3.5. Outra formação de nível técnico ou formação de nível superior	57
3.3.6. Motivações para participar dos cursos do PROFAE	60
3.3.7. Dificuldades identificadas nos cursos do PROFAE.....	75
3.3.8. Mudanças no enquadramento profissional após formação no PROFAE	85
3.3.9. Mudanças ocorridas na atividade profissional e nas relações sociais após formação no PROFAE	90
3.3.10. Avaliação sobre os aspectos relacionados à capacitação técnica oferecida pelos cursos do PROFAE	102
3.3.11. Egressos do PROFAE que trabalham atualmente	111
3.3.12. Egressos do PROFAE não ocupados atualmente.....	118

3.4. Resultados dos Grupos Focais	121
3.4.1. <i>Bloco 1 – Formação e qualificação</i>	121
3.4.2. <i>Bloco 2 – Inserção no mercado de trabalho</i>	124
3.4.3. <i>Bloco 3 – Oferta de auxiliares e técnicos de enfermagem</i>	128
3.4.4. <i>Bloco 4 – Escopo do trabalho e conflitos profissionais</i>	130
Apêndice – Máscara Operacional da ETAC.....	134

1. Introdução

Este relatório apresenta os resultados do levantamento sobre a trajetória no mercado de trabalho de egressos dos cursos do Projeto de Profissionalização de Trabalhadores na Área de Enfermagem – PROFAE. O PROFAE foi concebido e implantado, pelo Ministério da Saúde, a partir de 1999, como estratégia de viabilização de uma política pública de saúde, para o campo de Recursos Humanos, tendo em vista o atendimento ao ideário e, por consequência, aos compromissos e demandas do Sistema Único de Saúde – SUS - de melhoria da qualidade da assistência à saúde prestada à população e de qualificação/valorização do trabalhador de saúde. Assim, o PROFAE foi criado como resposta ao problema da baixa qualificação de milhares de trabalhadores que atuavam nos serviços de saúde públicos e privados, prestando cuidados de saúde diretos à população.

Com base nessa contextualização e apoiado nas evidências de natureza qualitativa e quantitativa da composição da força de trabalho em enfermagem, no país, e articulado a um processo de institucionalização da saúde, o Ministério da saúde no ano de 2000 apresentou o Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem - PROFAE. Tratava-se de iniciativa política, de natureza pedagógica voltada para os trabalhadores que atuam em múltiplos espaços e ações em saúde, na especificidade da prática em enfermagem, que não puderam adquirir formação profissional regulamentada em termos educacionais, ético-profissionais e trabalhistas.

O PROFAE foi viabilizado mediante Acordo de Empréstimo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e recursos do Tesouro Nacional e do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), para ser desenvolvido em todo o território nacional, com o objetivo de qualificar os trabalhadores que exerciam sua profissão sem qualificação específica, diminuindo, assim, os riscos à população atendida e melhorando a qualidade da atenção hospitalar e ambulatorial, particularmente nos estabelecimentos públicos e privados de saúde, integrantes do SUS.

Essa estratégia, concebida pelo Ministério da Saúde, foi operacionalizada mediante articulação com gestores estaduais e municipais do SUS e com instituições

públicas e privadas de ensino. Ao tempo em que propunha a formação do pessoal de enfermagem já inserido nos serviços, um dos objetivos do PROFAE prendia-se à criação de condições de continuidade e de sustentabilidade para os programas de formação de nível médio para a saúde, para impedir que um novo contingente de trabalhadores, em situação irregular, possa surgir no futuro.

As metas definidas, no documento original do PROFAE, são as que se seguem:

- i. Qualificar 225 mil trabalhadores de enfermagem como auxiliares;
- ii. Promover a escolarização de 25% da clientela que não concluíram o ensino fundamental;
- iii. Capacitar 12 mil enfermeiros como docentes para a educação profissional em saúde;
- iv. Modernizar as 26 Escolas Técnicas de Saúde do SUS;
- v. Criar um sistema de Certificação de Competência dos Auxiliares de Enfermagem egressos dos cursos promovidos pelo PROFAE;
- vi. Criar um Sistema de Acompanhamento do mercado de trabalho de em saúde e do mercado formador.

Para a equipe da gerência do PROFAE, o processo de gestão do Projeto, incorporando tecnologias e instrumentos inovadores de relacionamento entre entidades públicas e privadas, permitiu em tempo relativamente curto, estabelecer uma rede de formação que atendeu e superou as metas estabelecidas no Acordo de Empréstimo. Os resultados alcançados pelo PROFAE, até o momento, reiteram a legitimidade desse processo de qualificação profissional no setor saúde, expressos na quantidade de trabalhadores formados e na adesão de trabalhadores, gestores, instituições de ensino médio e superior e conselhos profissionais.

O objetivo do presente levantamento foi o de analisar o impacto da formação no PROFAE sobre o trabalho de seus egressos, adotou-se uma estratégia metodológica que combinou técnicas quantitativas e qualitativas de análise, possibilitando uma análise desde uma perspectiva econômica e simbólica sobre o resultado da formação para a

empregabilidade, melhoria ocupacional e de salário e reconhecimento e valorização do trabalhador.

Além desta introdução o relatório se divide em duas partes. No próximo tópico será feita uma breve apresentação da metodologia utilizada com detalhes sobre os dados utilizados, sejam primários ou secundários, e técnicas empregadas. Em seguida serão apresentados os resultados, com uma seção para cada técnica utilizada na análise dos dados.

2. Metodologia

Com o objetivo de analisar o impacto da formação no PROFAE sobre o trabalho de seus egressos, adotou-se uma estratégia metodológica que combinou técnicas quantitativas e qualitativas de análise. Dessa forma, a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), analisou-se estatisticamente o impacto do programa na trajetória do emprego e dos salários dos egressos no mercado de trabalho formal. Por outro lado, a análise de dados primários permitiu conhecer com profundidade os efeitos do PROFAE sobre a empregabilidade e qualidade do trabalho dos profissionais que frequentaram os cursos. Os mesmos foram coletados junto a egressos, a partir de um *survey* telefônico, e junto a chefes e gerentes de serviços de enfermagem, a partir de grupos focais. Assim, o estudo consistiu de emprego de três técnicas que são descritas a seguir.

2.1. Análise de dados secundários

O estudo da trajetória do emprego e salários dos egressos dos cursos de técnicos e auxiliares de enfermagem do PROFAE foi feito a partir de fontes de informação secundárias, nomeadamente a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho do Emprego, correspondente aos anos de 2000 a 2008. Os mercados de trabalho, neste componente, foram analisados desde uma perspectiva estritamente econômica e quantitativa – evolução anual dos níveis do emprego, movimentos de admissão e desligamentos, salários, rotatividade e migração setorial e ocupacional. Os micro-dados do banco de egressos do PROFAE, fornecidos pela unidade gestora do PROFAE no Ministério da Saúde foram pareados com os micro-dados da RAIS a partir de código de identificação comum (CPF/PIS-PASEP).

A Relação Anual de Informações Sociais (RAIS-MTE) é uma das principais fontes de informações sobre o mercado de trabalho formal brasileiro, sendo considerado um censo do mercado formal, com cobertura superior a 97% dos vínculos empregatícios formais do país. É um Registro Administrativo, de âmbito nacional, de periodicidade

anual, de declaração obrigatória para todos os estabelecimentos, inclusive aqueles que não registraram vínculos empregatícios no exercício. A partir do ano base de conclusão dos cursos de auxiliar e técnico de enfermagem foi analisada a trajetória pregressa dos alunos nos mercados de trabalho formais recuando-se a posição ocupada nesses mercados em 2000 e a sua trajetória posterior no mercado de trabalho formal até 31 de dezembro de 2008.

As unidades de análise de dados da referida base são os estabelecimentos e os vínculos formais de emprego. Dessa forma, todo estabelecimento empregador no país deve fornecer ao MTE, por meio da RAIS, os dados referentes ao estabelecimento e a cada um de seus empregos. Devem declarar a RAIS: inscritos no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ); todos os empregadores, conforme definido na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT); todas as pessoas jurídicas de direito privado; empresas individuais; cartórios extrajudiciais; consórcios de empresas; empregadores e pessoas físicas que mantiveram empregados no ano-base; órgãos da administração pública direta e indireta; etc. (MTE, 2010a).

Devem ser relacionados na RAIS todos os empregos correspondentes a empregados contratados por empregadores, pessoa física ou jurídica, sobre o regime da CLT; servidores da Administração Pública direta ou indireta, efetivos ou não; trabalhadores avulsos; empregados de cartórios extrajudiciais; trabalhadores temporários ou com Contrato de Trabalho de Prazo ou Tempo Determinados, de acordo com as legislações específicas dos Estados e Municípios; trabalhadores regidos pelo Estatuto do Trabalhador Rural; servidores e trabalhadores licenciados; servidores públicos cedidos e requisitados; dirigentes sindicais; entre outros. Dessa forma, não devem ser relacionados os vínculos referentes a trabalhadores autônomos; ocupantes de cargos eletivos; cooperados ou cooperativados; empregados domésticos; estagiários; entre outros (op. cit.).

O estudo permitiu conhecer descritivamente os estoques e fluxos de entrada e saída dos egressos dos cursos do PROFAE nos mercados de trabalho formais por tipo de admissão (primeiro emprego, reemprego, transferência de estabelecimento ou ocupação) e de desligamento (aposentadoria, abandono de emprego, transferência de estabelecimento ou migração ocupacional etc.). Também foi possível conhecer a

evolução ocupacional dos mesmos, isto é, se houve melhoria ou não na inserção ocupacional no que diz respeito à posição na ocupação e a remuneração, após a conclusão dos cursos do PROFAE. Os eventuais movimentos dos egressos em direção aos mercados de trabalho informais também foram descritos e analisados.

Levado a cabo entre 2000 e 2008, o PROFAE formou 235.172 pessoas da área da enfermagem através da oferta de cursos de Auxiliar de Enfermagem e Técnico em Enfermagem. Do total de egressos, 176.431 fizeram os cursos de auxiliar e 74.923 de técnico, sendo que 16.182 frequentaram ambos os cursos, perfazendo 257.182 registros no cadastro. Desconsiderando os CPF duplicados, referentes aos que fizeram mais de um curso, e os registros em branco, foram encontrados 232.021 CPF, dos quais 205.989 (89%) também foram encontrados na RAIS em pelo menos um ano do período entre 2000 e 2008. Os que não foram encontrados na RAIS durante o período se mantiveram distantes do mercado formal ou mesmo fora do mercado de trabalho geral, por aposentadoria ou inatividade econômica, ou ainda, por que já haviam falecido.

É importante ressaltar que a análise a partir da RAIS diz respeito aos vínculos de emprego formais ativos em 31 de dezembro de cada ano. Dessa forma, os vínculos que foram desligados ao longo do ano não são contabilizados no estoque de empregos, e os indivíduos ocupantes destes vínculos, se não possuíam vínculo na data referenciada, também não são contabilizados no estoque de trabalhadores. Apesar deste limite, no entanto, é possível analisar os vínculos desligados ao longo do ano por tipo.

Os resultados deste componente podem ser consultados nos itens 4.1 e 4.2.

2.2. Entrevistas Assistidas por Computador (ETAC)

Neste componente foi realizado um *survey* telefônico junto a 103 egressos dos cursos de auxiliar e técnico de enfermagem do PROFAE de todo o país. O *survey* teve por objetivo conhecer a percepção dos egressos dos cursos em relação aos impactos atribuíveis ao PROFAE sobre sua situação atual e perspectivas no mercado de trabalho. A percepção dos egressos foi explorada tanto na dimensão econômica (grau de

empregabilidade, salários e tempo de permanência no trabalho), como na dimensão moral (reconhecimento e valorização dos empregados, expectativas de exercício futuro da profissão, etc.). Para tal, um instrumento de coleta semi-estruturado, isto é, um questionário com perguntas fechadas e abertas foi elaborado e pode ser consultado no Apêndice 1.

O *survey* foi conduzido através de Entrevistas Telefônicas Assistidas por Computador (ETAC) e envolveu uma amostra de conveniência de 103 egressos. A amostra de conveniência se justificou pela necessidade de aprofundar as questões levantadas com a análise dos dados secundários, especialmente entre os egressos não ocupados como técnicos e auxiliares de enfermagem no mercado de trabalho formal e aqueles que migraram do setor saúde para outros setores econômicos, ou seja, para os quais a formação no PROFAE não teria significado uma melhoria de inserção ocupacional na área da saúde.

A construção do plano amostral levou em consideração duas variáveis: Região Geográfica Brasileira e Situação na Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, ano base 2008. Para a primeira variável foram utilizadas cinco categorias (Sul; Sudeste; Norte; Nordeste; e Centro Oeste), e para a segunda, três categorias (ocupado na RAIS como técnico ou auxiliar; ocupado na RAIS em outra ocupação; e não ocupado na RAIS). O cruzamento dessas duas variáveis com as informações disponibilizadas na relação de egressos dos cursos do PROFAE permitiu construir um quadro amostral que levou em conta a proporcionalidade existente entre as variáveis e respectivas categorias. A partir de então foram sorteados egressos em número de 20 para cada entrevista pretendida em cada estrato da amostra.

A Tabela 1 mostra a distribuição da amostra de acordo com os respondentes ao *survey*. É interessante observar que do total de egressos entrevistados apenas 29 (28,2%) se encontravam ocupados como Técnicos ou Auxiliares de Enfermagem. Porém, essa porcentagem varia consideravelmente dentre as regiões. Nas regiões Sul e Sudeste, temos, respectivamente, 42,9% e 40% dos egressos ocupados como Técnicos ou Auxiliares, já no Nordeste, essa porcentagem é de apenas 18,6. Podemos ressaltar também que o Centro Oeste é a única Região que apresenta um predomínio de não

ocupados na RAIS, 44,4% dos casos nesta situação, enquanto nas outras Regiões a porcentagem de não ocupados está mais próxima à porcentagem total, 27,2%.

Tabela 1 – Distribuição dos egressos do PROFAE entrevistados por situação na RAIS, em 31/12 de 2008, segundo Região Geográfica

Situação na RAIS	Região Geográfica											
	CO		N		NE		S		SE		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
TAE*	2	22,2	3	33,3	8	18,6	6	42,9	10	40,0	29	28,2
Outras Ocupações	3	33,3	6	66,7	24	55,8	5	35,7	8	32,0	46	44,7
Não Ocupados	4	44,4	3	33,3	11	25,6	3	21,4	7	28,0	28	27,2
Total	9	100,0	12	100,0	43	100,0	14	100,0	25	100,0	103	100,0

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

*Ocupados na RAIS em 2008 como técnicos ou auxiliares de enfermagem.

As entrevistas tiveram duração aproximada de 20 minutos de aplicação. Foram necessários três dias para a finalização da fase de entrevistas, entre os dias 3 e 6 de agosto de 2010. A equipe foi composta de cinco pesquisadores, no processo de coleta de dados e um sociólogo, responsável pela coordenação, tabulação e análise preliminar dos dados.

A receptividade dos egressos do PROFAE para com a pesquisa foi excelente, e todos se lembraram do curso realizado. Importante ressaltar, no entanto, que a base de dados (cadastro de egressos) disponibilizada pelo Ministério da Saúde, no que diz respeito ao número de telefone deixou a desejar, já que cerca de 50% de todo o universo ou não possuía número de telefone ou a informação estava incompleta.

A análise dos principais resultados do survey pode ser consultada no tópico 4.3.

2.3. Grupos Focais

Este componente consistiu na realização de grupos focais ampliados com gerentes e chefes de equipes e serviços hospitalares de enfermagem do país. Estes grupos tiveram o objetivo de avaliar, na percepção dos participantes, a qualidade do trabalho dos egressos do PROFAE nos serviços hospitalares de saúde. Os grupos focais, de abrangência nacional, foram realizados nos dias 14 e 15 de julho de 2010, em Brasília.

A condução dos grupos focais foi estruturada com base na seguinte dinâmica: (i) apresentação dos objetivos do grupo focal, (ii) coleta de dados com base no roteiro estruturado, e (iii) validação das informações coletadas nos grupos focais, com leitura e confirmação das mesmas pelos participantes. Os dados foram coletados após consentimento assinado dos participantes.

Foram levados em consideração os seguintes aspectos na condução dos grupos:

- Qualificação profissional e complementação da escolarização dos trabalhadores de enfermagem;
- Institucionalização de mecanismos permanentes de formação e regulação de cursos de nível médio que atendam o setor saúde, a exemplo das ETSUS;
- Melhoria da inserção no mercado de trabalho e reconhecimento e valorização dos trabalhadores de enfermagem.

Perfil dos participantes

Com abrangência nacional, os grupos foram realizados junto a gerentes e chefes de enfermagem, em cujas equipes trabalha ou trabalhou pelo menos um técnico ou auxiliar de enfermagem egresso dos cursos do PROFAE. A coleta de dados foi executada a partir da técnica do grupo focal ampliado.

Para a seleção desses profissionais foi realizado um levantamento, no período entre 17 de julho e 04 de agosto de 2010, entre estabelecimentos hospitalares de

saúde das cinco regiões do país. Esses estabelecimentos faziam parte de amostra sorteada a partir do Cadastro de Estabelecimentos Empregadores do Ministério do Trabalho e Emprego (CEE/MET), referente a janeiro de 2009, com 2.236 registros de hospitais.

O contato junto aos gerentes/chefes de enfermagem foi feito por meio de Entrevista Telefônica Assistida por Computador (ETAC). Com o intuito de assegurar que o perfil dos participantes fosse respeitado, durante a seleção, a equipe responsável pelo recrutamento seguiu um roteiro de entrevista, que incluía as seguintes questões:

1. O(A) Sr(a) conhece o PROFAE? Programa de Formação de Trabalhadores da Área da Enfermagem, do Ministério da Saúde? (Se não conhecesse, perguntava-se se no hospital havia mais alguém ocupando a função).
2. Em sua equipe trabalha ou trabalhou pelo menos um técnico ou auxiliar de enfermagem que tenha sido formado pelo PROFAE?
3. O(A) Sr(a) saberia avaliar o impacto do PROFAE sobre o trabalho desses profissionais? (Se não soubesse, perguntava-se se no hospital havia mais alguém ocupando a função).
4. O(A) Sr(a) tem interesse e disponibilidade para participar de um grupo sobre o grupo focal sobre o PROFAE que será realizado em Brasília nos dias 14 e 15 de agosto?

Número de grupos e participantes

Inicialmente, foi definida a realização de 05 grupos focais, um de cada região do país, incluindo representantes de todas as Unidades da Federação. Por região, os números de entrevistados seriam: 8 do Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste; 9 do Nordeste; e 7 do Sul. Entre os participantes, além dos 40 gerentes/chefes de enfermagem, estariam incluídos 05 moderadores, 05 relatores e pessoal de apoio local.

Ao final do período de recrutamento dos gerentes e chefes de enfermagem foi consolidado cadastro com 30 participantes. No total, compareceram no evento 18 profissionais: 01 do Centro-Oeste; 01 do Norte; 04 do Nordeste; 05 do Sul; e 07 do Sudeste. Em sua maioria, oriundos de estabelecimentos de grande porte, com número de empregados superior 100. Considerando os 18 enfermeiros presentes, foram montados dois grupos de nove indivíduos, um com os participantes do Sudeste e Centro-Oeste, e outro com participantes do Norte, Nordeste e Sul.

Coleta de dados

O roteiro foi estruturado em 04 blocos de informações: (i) formação e qualificação; (ii) inserção no mercado de trabalho; (iii) oferta de auxiliares e técnicos de enfermagem; (iv) escopo de trabalho e conflitos profissionais. A coleta dos dados foi realizada em 01 turno de 04 horas, com intervalo de 30 minutos após 02 horas de entrevista. Os grupos foram conduzidos por um coordenador e 01 relator. Após a realização de cada grupo, os dados de cada grupo foram então consolidados e apresentados aos participantes, no dia seguinte, para validação das respostas de cada grupo. Esta etapa foi realizada com a presença dos dois grupos em sessão única.

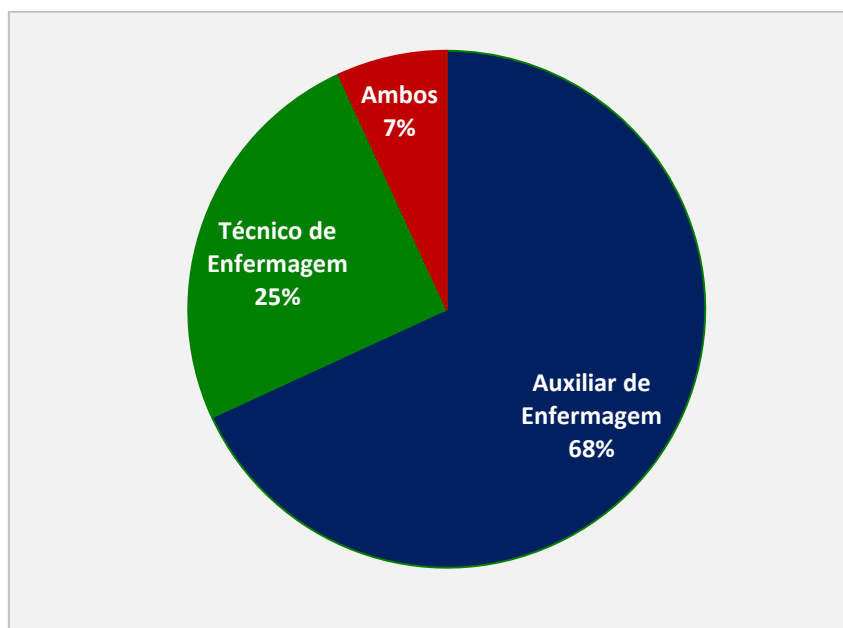
Os resultados deste componente podem ser consultados no tópico 4.4.

3. Resultados

3.1. Perfil dos egressos do PROFAE

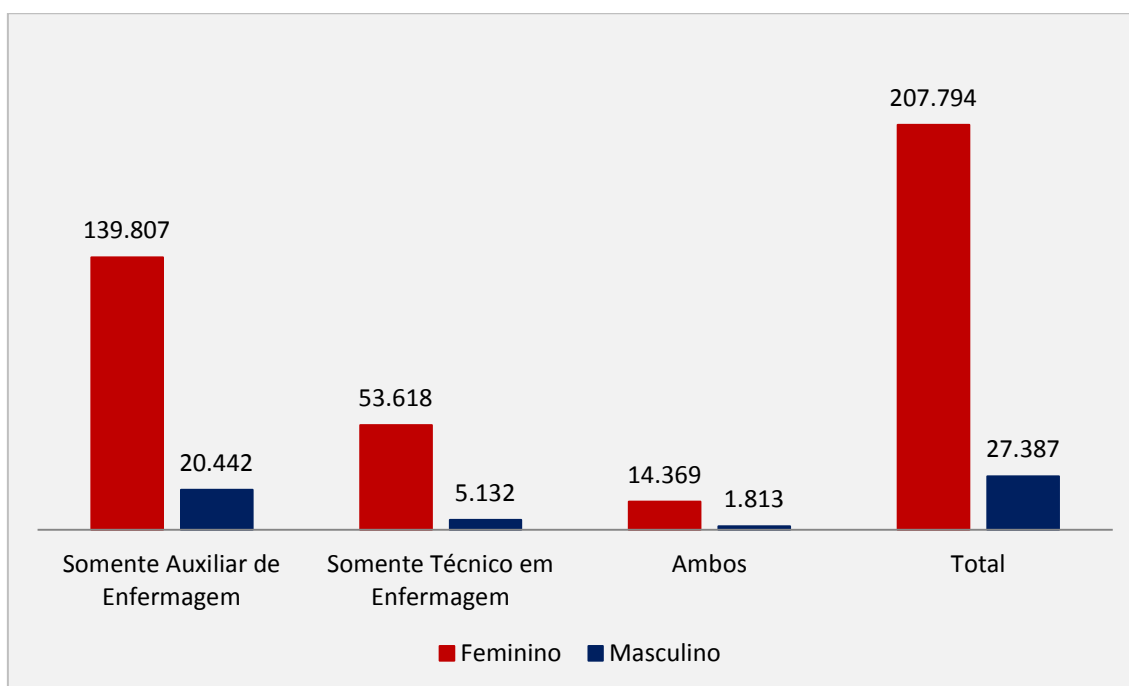
Do total de 235.181 egressos do PROFAE no período de 2001 a 2008, 68% frequentou apenas o curso de Auxiliar de Enfermagem, 25% de Técnico em Enfermagem e 7% ambos os cursos, segundo a Figura 1. Desagregando-se o estoque de egressos por sexo, observa-se que 207.794 são do sexo feminino e 27.387 do masculino, como mostra a Figura 2. Do total de mulheres, 139.807 frequentaram apenas cursos de auxiliar, 53.116 de técnico e 14.369 ambos os cursos. Entre os homens, 20.442, 5.132 e 1.813, respectivamente.

Figura 1 – Proporção de egressos do PROFAE por tipo de curso frequentado - Brasil, 2001 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM) a partir do Cadastro de egressos do PROFAE do Ministério da Saúde.

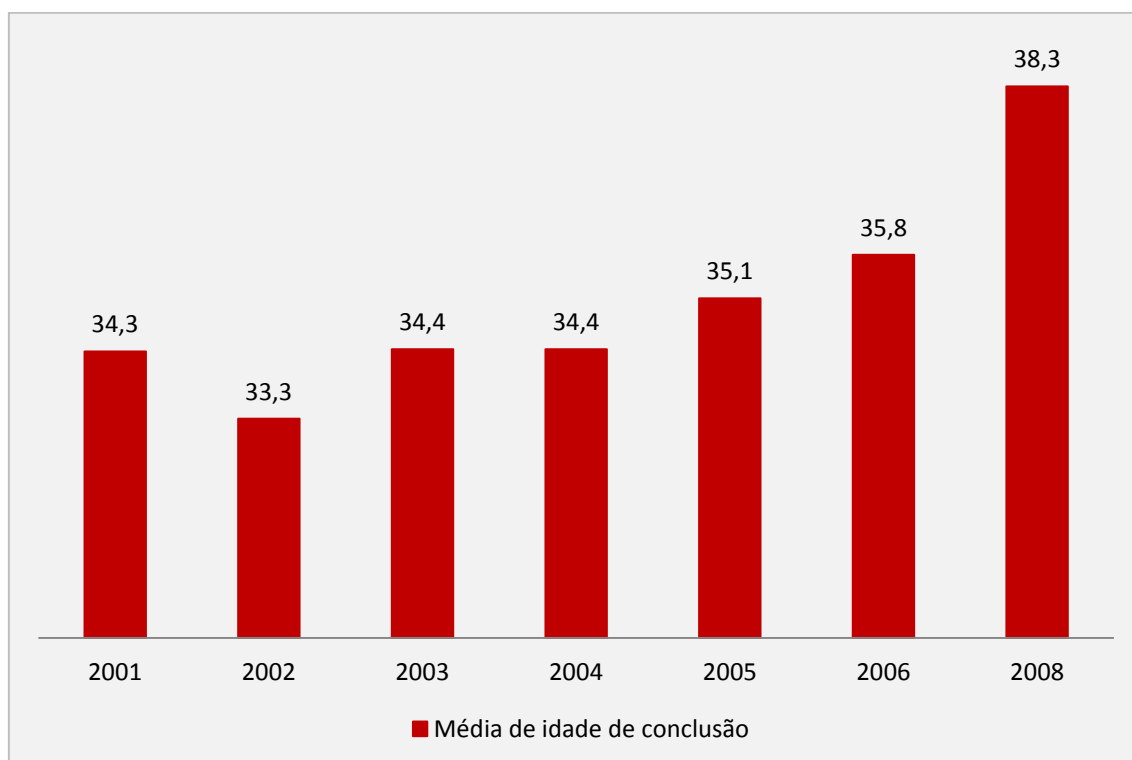
Figura 2 – Número de egressos do PROFAE por tipo de curso frequentado e sexo - Brasil, 2001 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir do Cadastro de egressos do PROFAE do Ministério da Saúde.

No que diz respeito à idade, a Figura 3 mostra que aumentou a média de idade dos egressos à conclusão curso no PROFAE, ou do primeiro, em caso de frequência em mais de um curso. Entre 2001 e 2002, houve uma ligeira queda de 34,3 para 33,3 anos. Entre 2003 e 2004, houve um aumento e, nos dois anos, a média verificada foi de 34,4. Desde então a idade permaneceu crescendo, chegando a 38,3 em 2008. Comparando a idade por sexo e tipo de curso, segundo a Figura 4, observou-se que aqueles que frequentaram apenas o curso de Técnico em Enfermagem são, em média, ligeiramente mais velhos do que os que frequentaram o curso de Auxiliar de Enfermagem, 36,69 contra 32,91 anos. A média dos que frequentaram ambos os cursos foi de 35,61. As mulheres, em relação aos homens, também apresentam média de idade superior, para todos os tipos de curso.

Figura 3 – Distribuição dos egressos por média de idade* e ano de conclusão do curso – Brasil, 2001 a 2008**

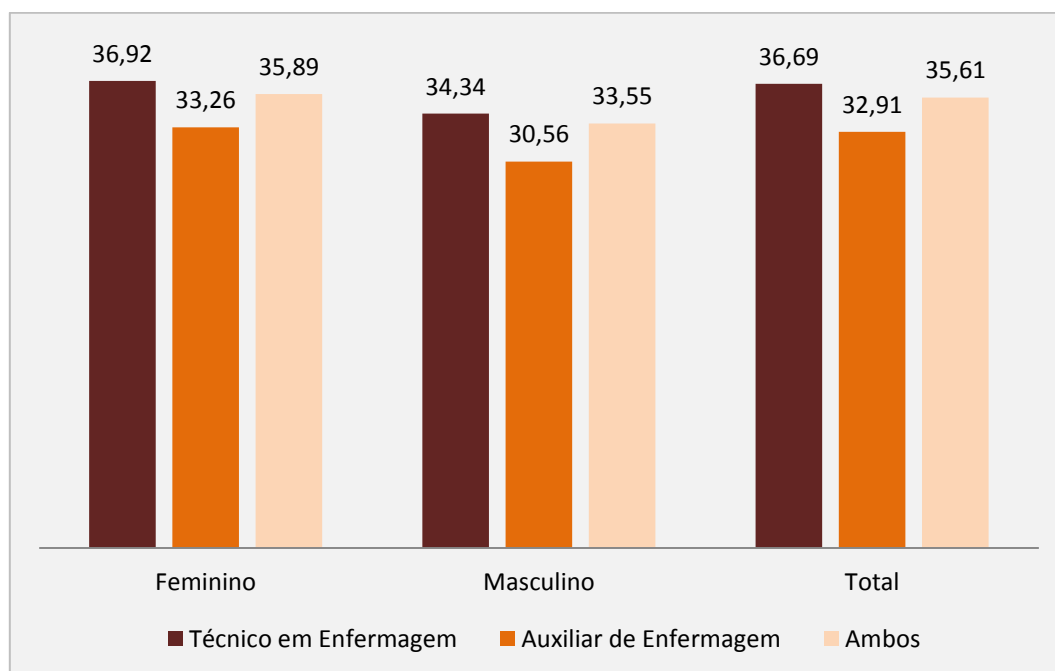


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir do Cadastro de egressos do PROFAE do Ministério da Saúde.

*Foram desconsiderados 7.210 casos que apresentaram erro no registro da data de nascimento no cadastro de egressos do PROFAE.

**Os registros referentes aos egressos em 2007 são insuficientes para tecer uma comparação com os demais anos.

Figura 4 – Média de idade* à conclusão do primeiro ou único curso do PROFAE, por tipo de curso frequentado e sexo – Brasil, 2001 a 2008

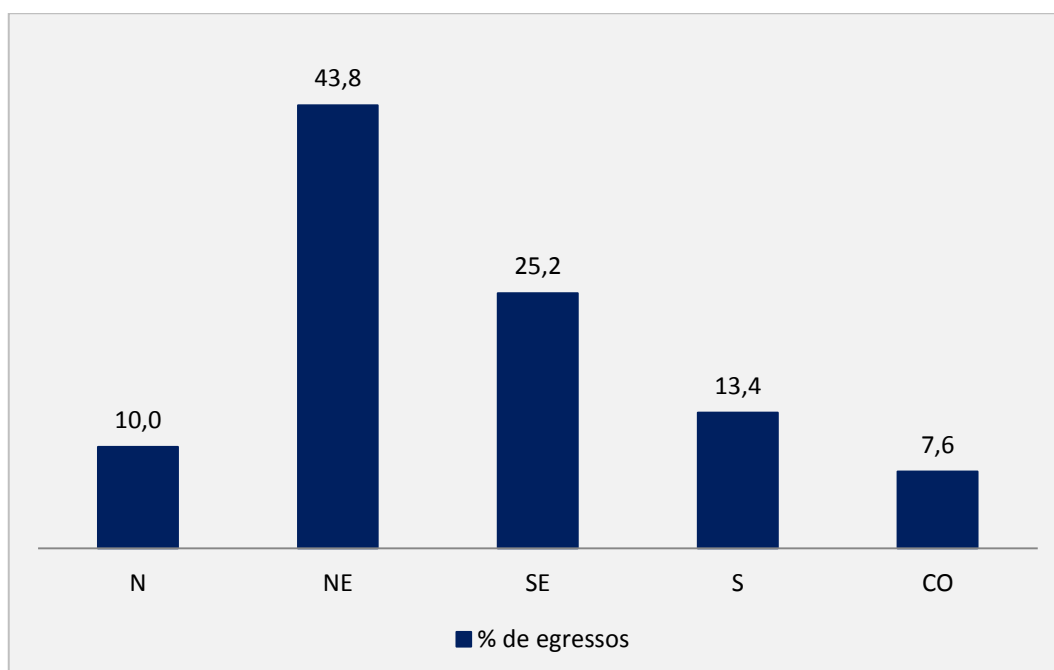


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir do Cadastro de egressos do PROFAE do Ministério da Saúde.

*Foram desconsiderados 7.210 casos que apresentaram erro no registro da data de nascimento no cadastro de egressos do PROFAE.

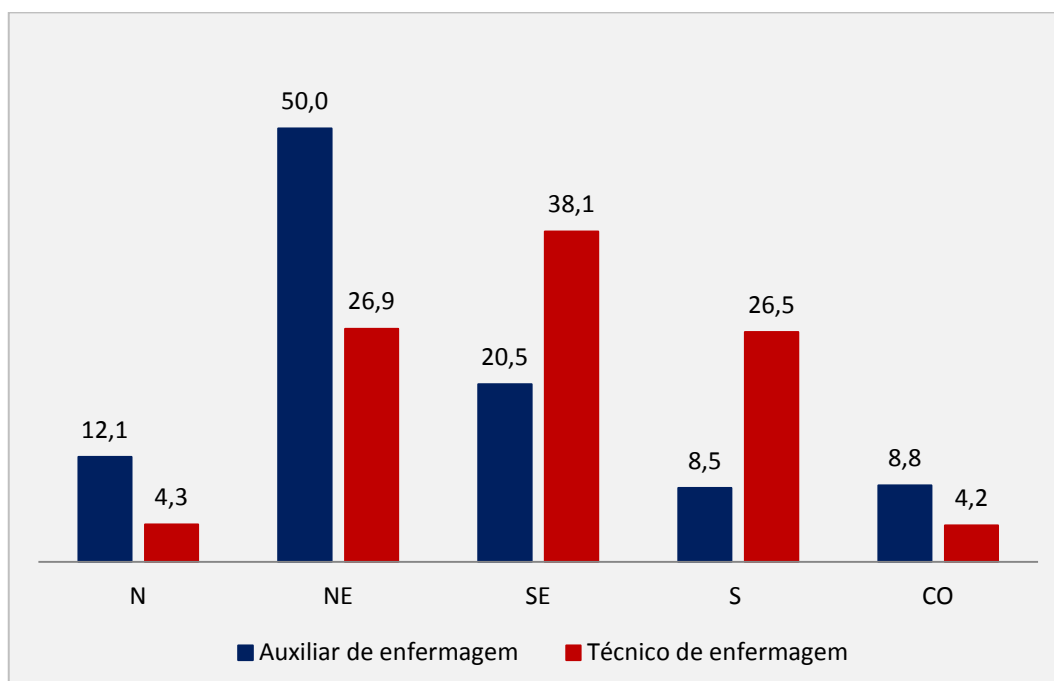
As Figuras 5 e 6 apresentam a distribuição geográfica dos egressos do PROFAE, segundo a região em que o curso foi realizado. O estado do Nordeste concentrou 43,8% deles, seguido do Sudeste, 25,2%, Sul, 13,4%, Norte, 10% e Centro-oeste, 7,6%. O Nordeste também foi a região que mais formou Auxiliares de Enfermagem, a metade do total. No entanto, aquela que mais formou Técnicos em Enfermagem, em relação às demais, foi o Sudeste, 38,1% do total. As regiões Norte, Nordeste, e Centro-oeste formaram, proporcionalmente, mais auxiliares do que técnicos e o inverso ocorreu com as regiões Sudeste e Sul.

Figura 5 – Distribuição de egressos do PROFAE por Região Geográfica - Brasil, 2001 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM) a partir do Cadastro de egressos do PROFAE do Ministério da Saúde.

Figura 6 – Distribuição de egressos do PROFAE por Região Geográfica e curso frequentado - Brasil, 2001 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM) a partir do Cadastro de egressos do PROFAE do Ministério da Saúde.

3.2. Mercado de trabalho formal dos egressos do PROFAE (2000 a 2008)

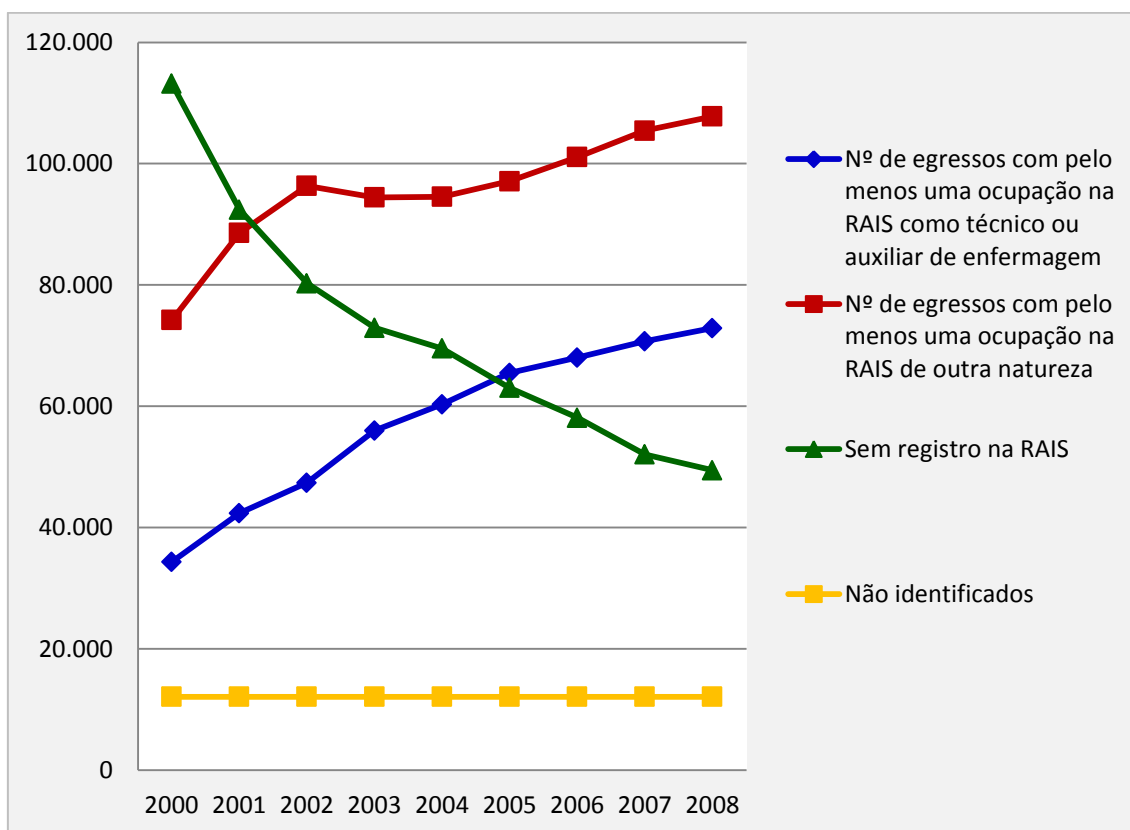
3.2.1. Situação em relação ao mercado de trabalho formal

A Figura 7 e a Tabela 2 apresentam a evolução da distribuição dos egressos do PROFAE em relação à RAIS. Para cada período foi considerada a totalidade de pessoas que concluiu pelo menos um curso do PROFAE. Em toda a série analisada, 12.110 egressos não puderam ser identificados através do número do CPF, utilizado como parâmetro entre o cadastro do Ministério da Saúde e a RAIS. Dessa forma a linha amarela segue inalterada informando o número de pessoas cuja situação não pôde ser verificada no mercado de trabalho formal.

No que se refere aos profissionais identificados pelo CPF no cadastro do MS, 205.962 foram encontrados com uma ou mais ocupação em pelo menos um ano da série da RAIS, o que corresponde a 87,6% dos egressos. No cômputo geral, o número de egressos no mercado formal em cada ano aumentou, indicando uma formalização do trabalho desses profissionais. Entre aqueles que possuíam pelo menos uma ocupação correspondente aos cursos do PROFAE, isto é, como auxiliar ou técnico de enfermagem, o número passou de 34.369, em 2000, para 72.891, em 2008. O número de pessoas com pelo menos uma ocupação de outra natureza, por sua vez, subiu de 74.234 para 107.803.

Para se ter uma ideia da formalização ocorrida no período, o número de egressos sem registro na RAIS, caiu de 113.186, em 2000, para 49.445, em 2008. Vale ressaltar que os indivíduos sem registro na RAIS podem ser considerados como falecidos, não economicamente ativos, desempregados ou ocupados no mercado de trabalho informal, o que provavelmente é o caso da maioria deles. Destaca-se também, que a despeito da formalização ter ocorrido entre os egressos em ocupações não correspondentes, o número de profissionais atuando no mercado formal apenas como auxiliares ou técnicos de enfermagem também cresceu significativamente, de 31.644 para 63.986, no mesmo período, como destaca a Figura 8.

Figura 7 – Evolução da situação dos egressos do PROFAE em relação a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) – Brasil, 2000 a 2008



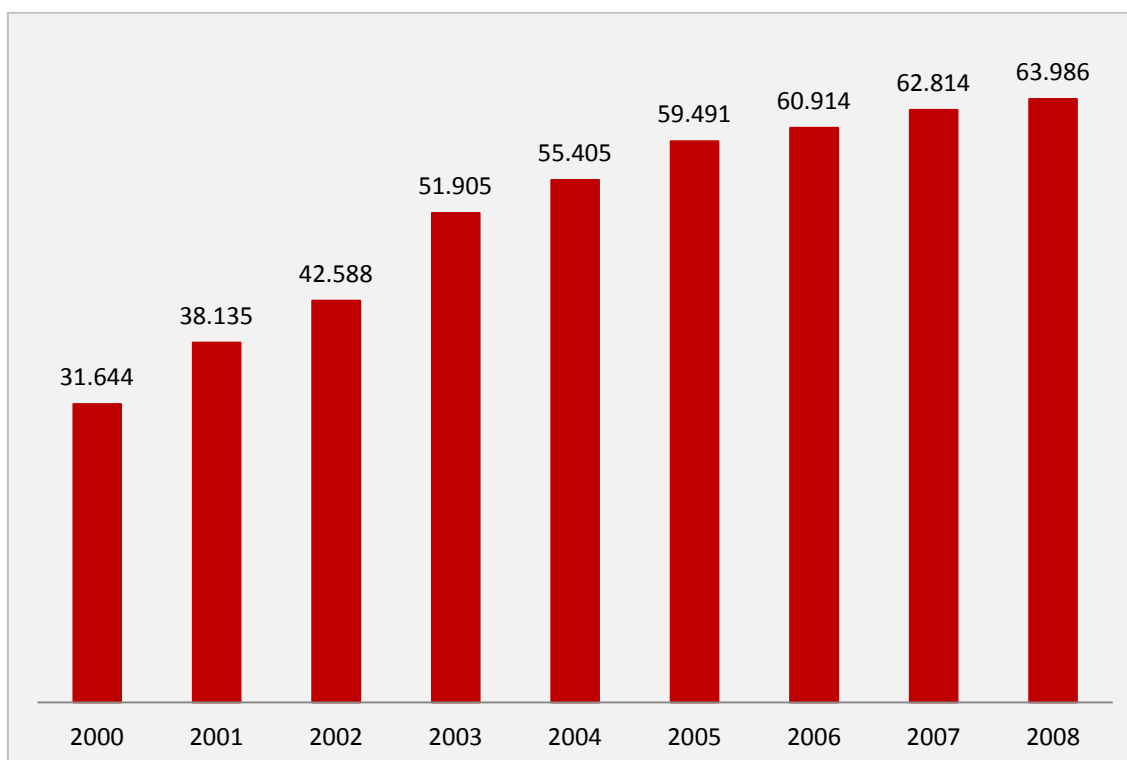
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

Tabela 2 – Evolução da situação dos egressos do PROFAE em relação à Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) – Brasil, 2000 a 2008

Ano	Nº de egressos com pelo menos uma ocupação na RAIS como técnico ou auxiliar de enfermagem	Nº de egressos com pelo menos uma ocupação na RAIS de outra natureza	Sem registro na RAIS	Não identificados
2000	34.369	74.234	113.186	12.110
2001	42.384	88.596	92.405	12.110
2002	47.388	96.351	80.285	12.110
2003	55.988	94.436	72.945	12.110
2004	60.316	94.546	69.525	12.110
2005	65.502	97.113	63.037	12.110
2006	68.034	101.095	58.110	12.110
2007	70.732	105.456	52.077	12.110
2008	72.891	107.803	49.445	12.110

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

Figura 8 – Evolução do número de egressos do PROFAE atuando exclusivamente como técnicos ou auxiliares de enfermagem no mercado formal – Brasil, 2000 a 2008

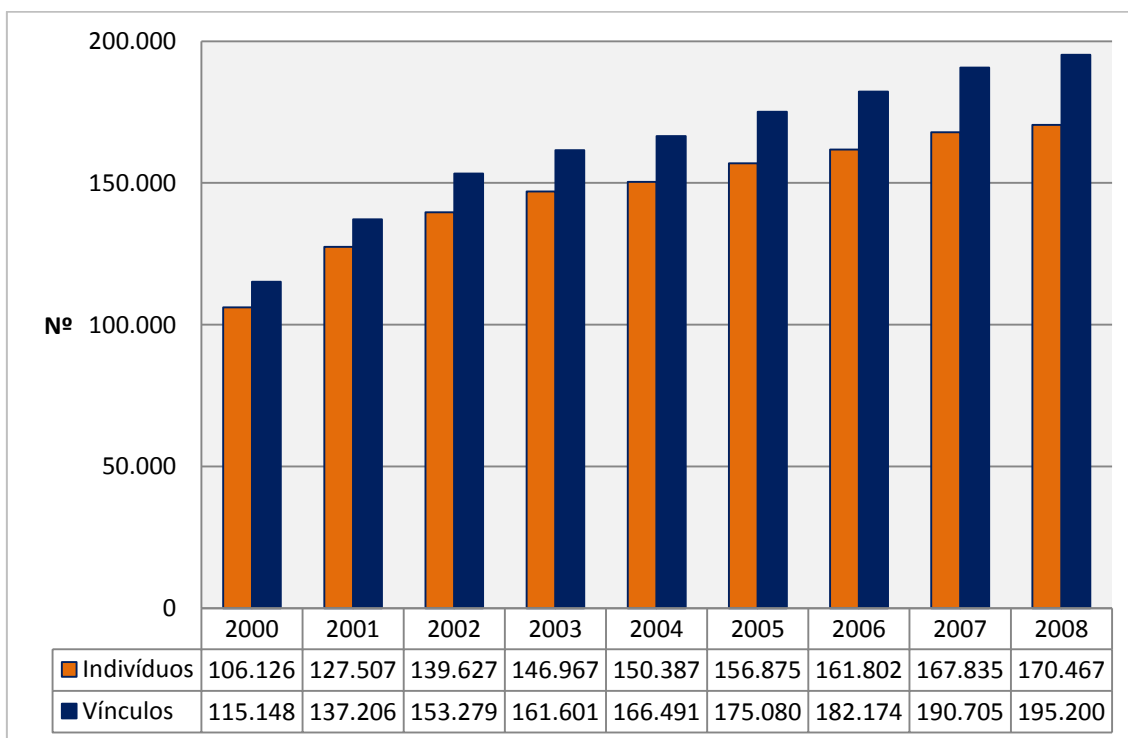


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

3.2.2. Estoque de vínculos e indivíduos

A análise do estoque de emprego de egressos do PROFAE no período de 2000 a 2008, mostra que houve um aumento do número absoluto de vínculos formais de emprego, bem como de indivíduos no mercado de trabalho formal. Segundo a Figura 9, enquanto em 2000 eram 106.126 indivíduos para 115.148 vínculos, em 2008 se observou uma relação de 170.467 para 195.200. Note que a diferença entre os dois aumentou no período, já que houve crescimento do número de indivíduos em 60,6%, de vínculos, em 69,5%, o que indica que não só houve ampliação da participação de egressos no mercado de trabalho formal como também cresceu o número de pessoas que possuíam mais de um vínculo.

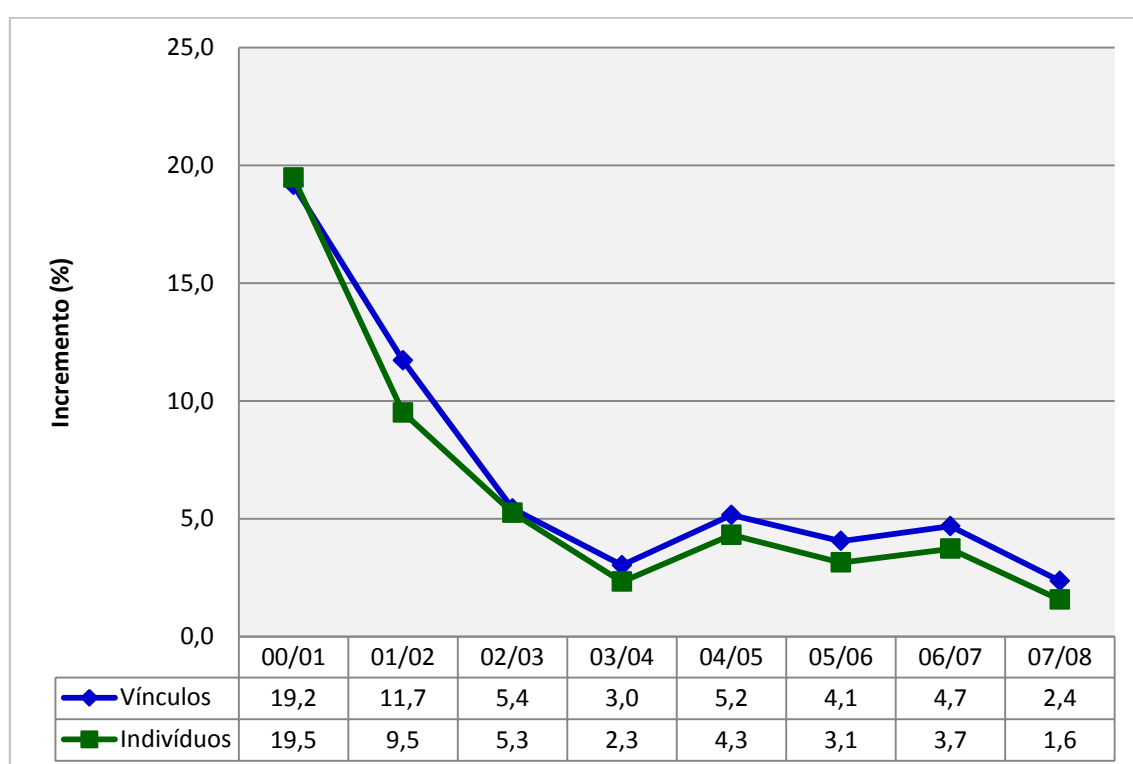
Figura 9 – Evolução do estoque em 31/12 de indivíduos e vínculos de emprego de egressos de cursos do PROFAE no mercado de trabalho formal – Brasil, 2000 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

A evolução dos incrementos anuais do número de vínculos e indivíduos seguiu a mesma tendência, segundo a Figura 10, sendo que a de número de vínculos se manteve um pouco superior. Os períodos de maior crescimento foram observados na fase inicial do PROFAE, entre 2000 e 2003, com maior concentração do primeiro período (incremento de 19,2% de vínculos e 19,5% de indivíduos entre 2000 e 2001) e no segundo (incremento de 11,7% de vínculos e 9,5% de indivíduos entre 2001 e 2002).

Figura 10 – Incremento bruto do estoque de indivíduos e vínculos formais de emprego de egressos do PROFAE por sexo e ano – Brasil, 2000-2008

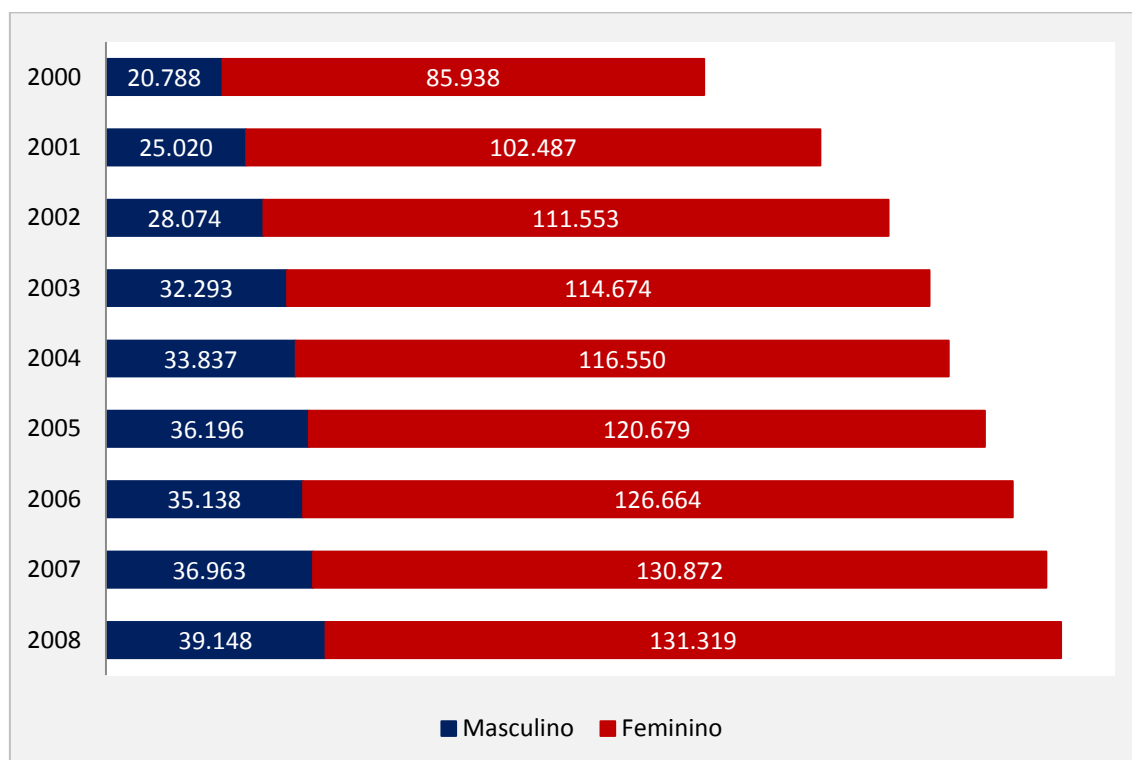


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

Desagregando-se por sexo, como mostra a Figura 11, verifica-se uma maioria absoluta de mulheres ao longo de todo o período, além de expressivo aumento de 85.938 mulheres, em 2000, para 131.319, em 2008. Note que mesmo com este aumento, ocorreu uma ligeira queda na participação total de mulheres no emprego de egressos, de 85,6% para 83,7%. A proporção de egressos do sexo masculino subiu de 14,9% a 16,3%, no mesmo período. Em números absolutos, o aumento foi de 20.788 para 39.148. É interessante ressaltar, que, ainda que de forma pouco significativa, o

aumento do mercado formal de egressos do PROFAE foi maior entre os homens, do que entre as mulheres. Para se ter uma ideia, o número de vínculos de egressos do sexo feminino cresceu 66,1%, ao passo que o de homens, 88,6%. O número de mulheres subiu em 57,1% e o de homens em 75%.

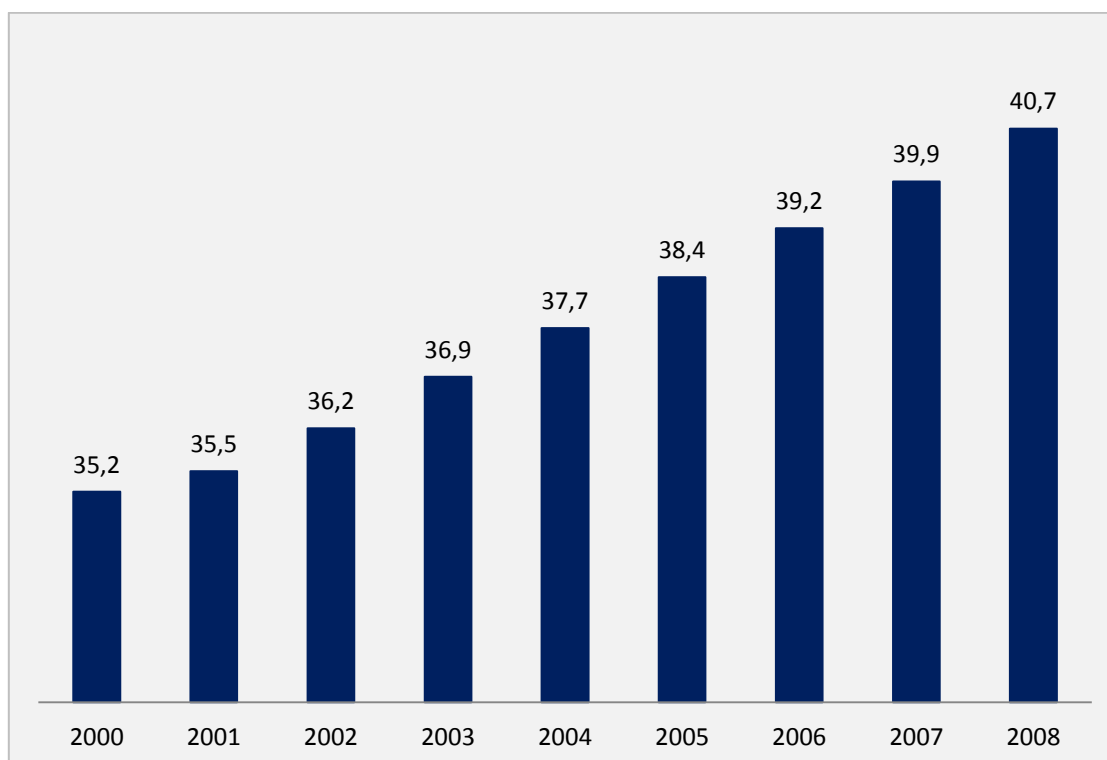
Figura 11 – Distribuição do estoque de egressos do PROFAE com vínculos formais de emprego ativos em 31/12 por sexo e ano – Brasil, 2000 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

Outro aspecto importante é a composição etária. Assim como observado na evolução da idade média à conclusão do primeiro ou único curso do PROFAE, a média de idade dos egressos no mercado de trabalho formal aumentou. Neste caso, como pode ser verificado na Figura 12, de 35,2 anos, em 2000, para 40,7 anos, em 2008. Esse aumento ocorreu por que, ao longo do período, cresceu a média de idade daqueles que foram se formando, assim como seu tempo de permanência no mercado formal.

Figura 12 – Média de idade dos egressos do PROFAE no mercado de trabalho formal por ano – Brasil, 2000 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

3.2.3. Estrutura Ocupacional

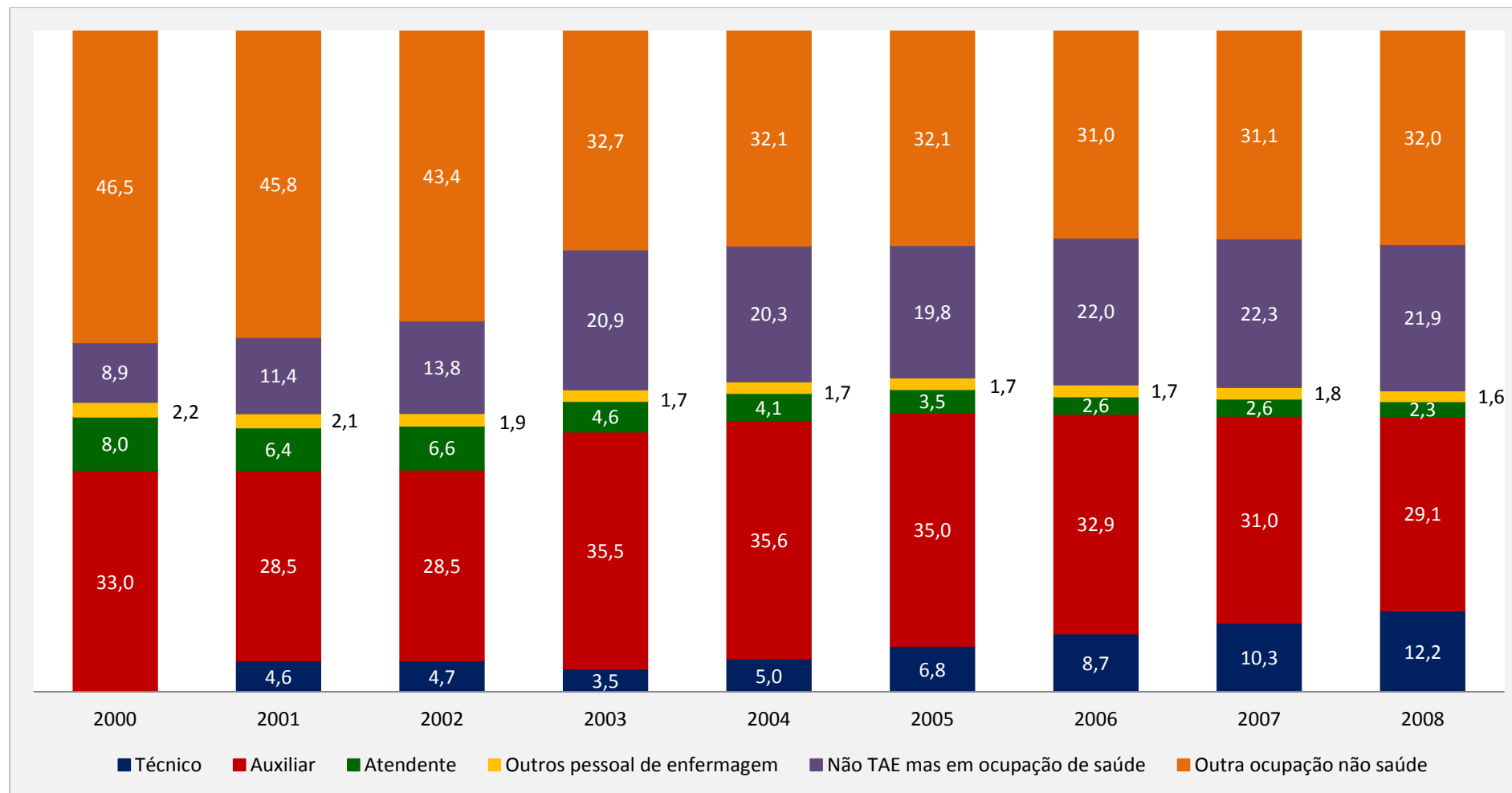
A estrutura ocupacional no mercado de trabalho formal sofreu mudança significativa entre 2000 e 2008, seguindo tendências já observadas no mercado de trabalho geral da área da enfermagem e também como consequência direta da formação no PROFAE. Entretanto, a formação parece não ter significado o exercício da profissão para a maioria dos egressos. A proporção de egressos ocupados no mercado formal como auxiliares ou técnicos de enfermagem se alterou muito pouco, de 29,8%, em 2000, para 37,3%, em 2008, em relação ao total de egressos no mercado formal. A diferença entre os dois valores pode ser ainda menor, já que em 2000, a taxonomia de Técnico em Enfermagem ainda não era utilizada nos registros da RAIS.

O que parece ter ocorrido, de fato, foi uma estagnação da proporção de vínculos e indivíduos ocupados como auxiliares, que se mantiveram em torno de 30% do total de vínculos ou de indivíduos, enquanto houve um aumento significativo nas

proporções de vínculos (4,6% para 12,2%) e indivíduos (4,6% para 11,3%) ocupados como técnicos. Vale ressaltar que a proporção de auxiliares aumentou de forma relevante entre 2003 e 2005, mas recuou nos anos seguintes. A categoria Atendente de Enfermagem, que em 2000 correspondia a 8% dos vínculos e a 7,9% dos egressos, perdeu significância nesse segmento, passando em 2008, respectivamente, a 2,3% e 2,2%.

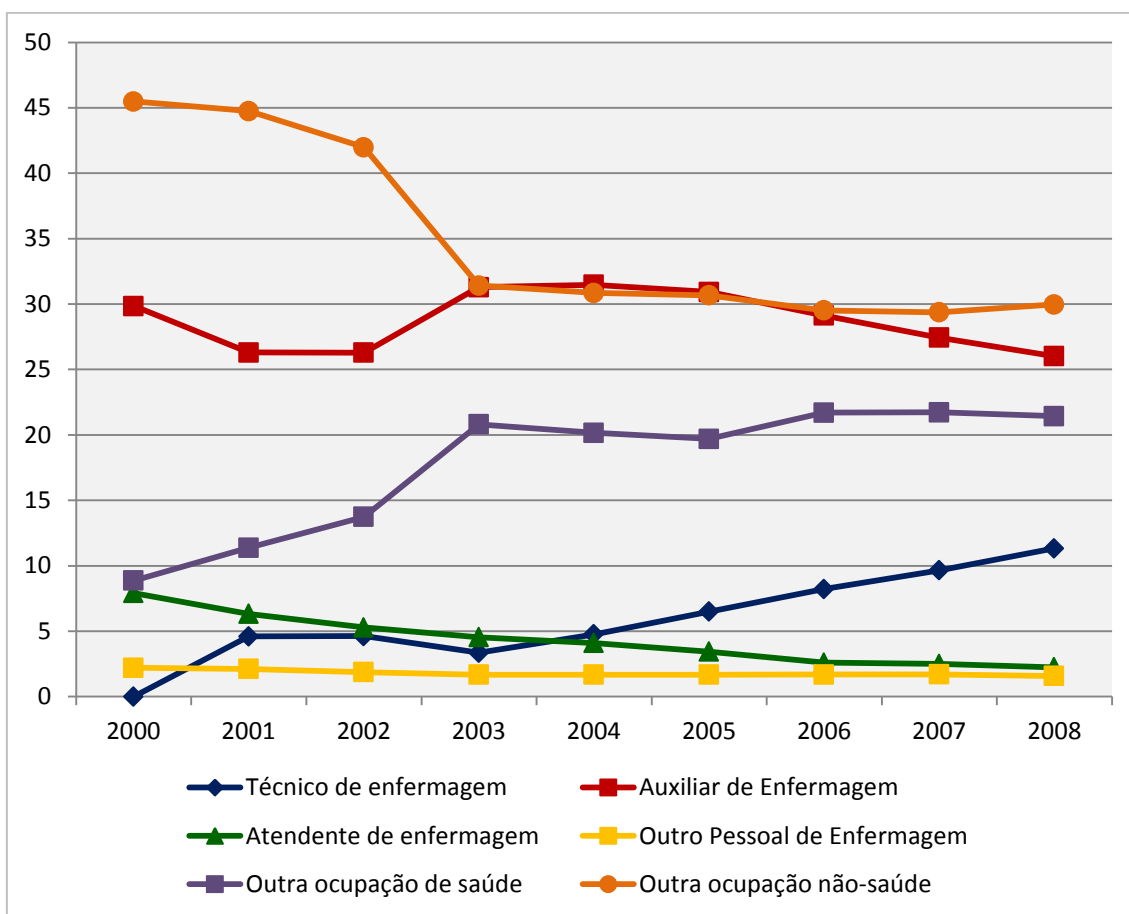
É importante destacar ainda, que a maioria dos vínculos de emprego e dos egressos, ao longo de toda a série, estava ocupada em outras ocupações de saúde, exceto às de auxílio à prática da enfermagem, e demais ocupações não saúde. Entre estes casos parece ter ocorrido a mudança mais significativa, já que grande parte abandonou ou deixou de ser registrada em ocupações não saúde e passaram a engrossar o segmento das outras ocupações de saúde. Parte desse segmento possuía ocupações de nível superior, já que cursaram tal nível de ensino após o PROFAE, e parte possuía empregos públicos diferentes de sua formação no PROFAE e preferiram não abandoná-los, como é o caso dos Agentes Comunitários de Saúde.

Figura 13 - Evolução da distribuição dos vínculos formais de emprego ativos em 31/12 de egressos do PROFAE segundo ocupação – Brasil, 2000 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

Figura 14 - Evolução da distribuição dos egressos do PROFAE com vínculos formais de emprego ativos em 31/12 segundo ocupação – Brasil, 2000 a 2008

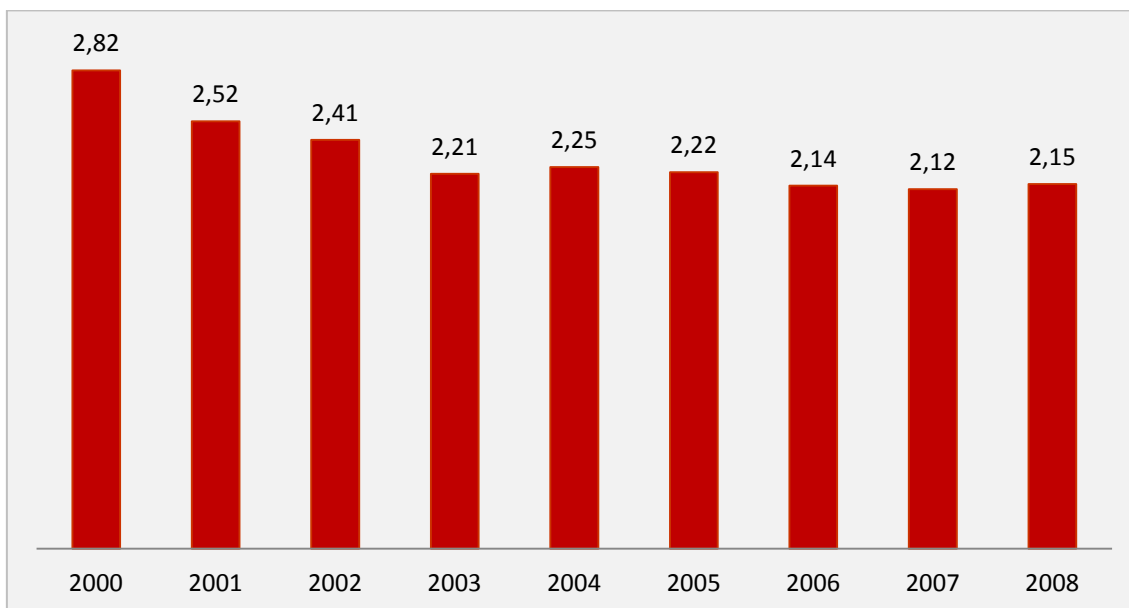


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

3.2.4. Salários

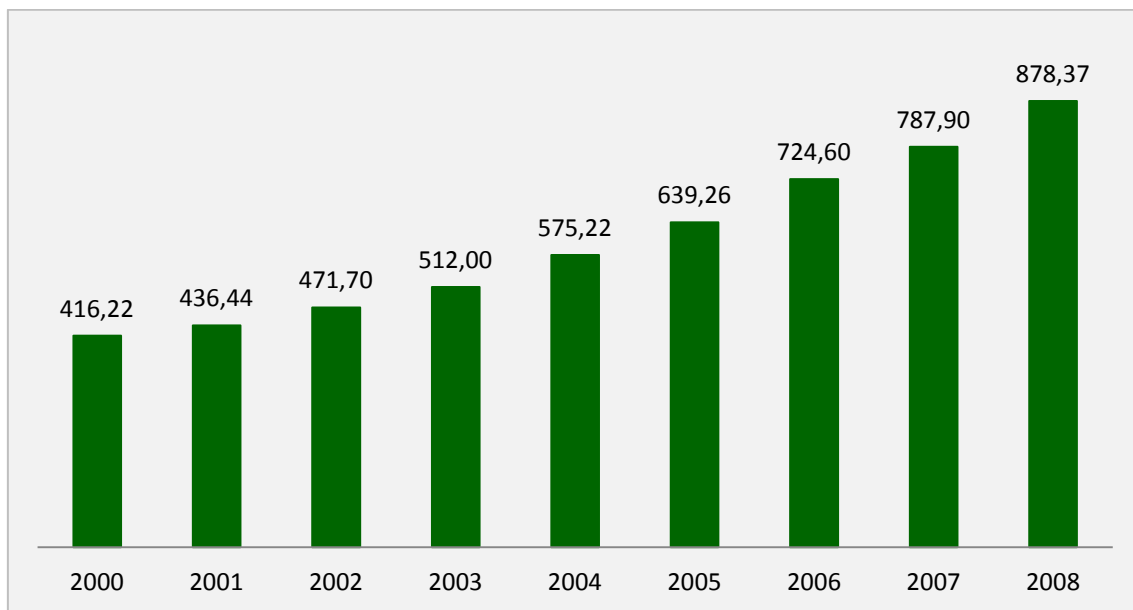
No que diz respeito à remuneração média, em salários mínimos e em Reais, dos vínculos formais de emprego de egressos do PROFAE, as Figuras 15 e 16 mostram que houve uma diminuição da remuneração média em salários mínimos e um aumento da remuneração média em Reais ao longo do período de 2000 a 2008. No início da série, a média era de 2,82 salários mínimos, mais especificamente R\$ 416,22. Por outro lado, no último ano da série, os rendimentos chegavam a 2,15 salários mínimos, ou R\$ 878,37. Note que a evolução dos salários não acompanhou o ritmo de crescimento do salário mínimo, que sofreu importante valorização no período (174,83%), no entanto, o crescimento dos rendimentos de egressos em termos absolutos foi de 104,46%.

Figura 15 - Evolução dos salários médios, em salários mínimos, de egressos do PROFAE com vínculos formais de emprego ativos em 31/12 – Brasil, 2000 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

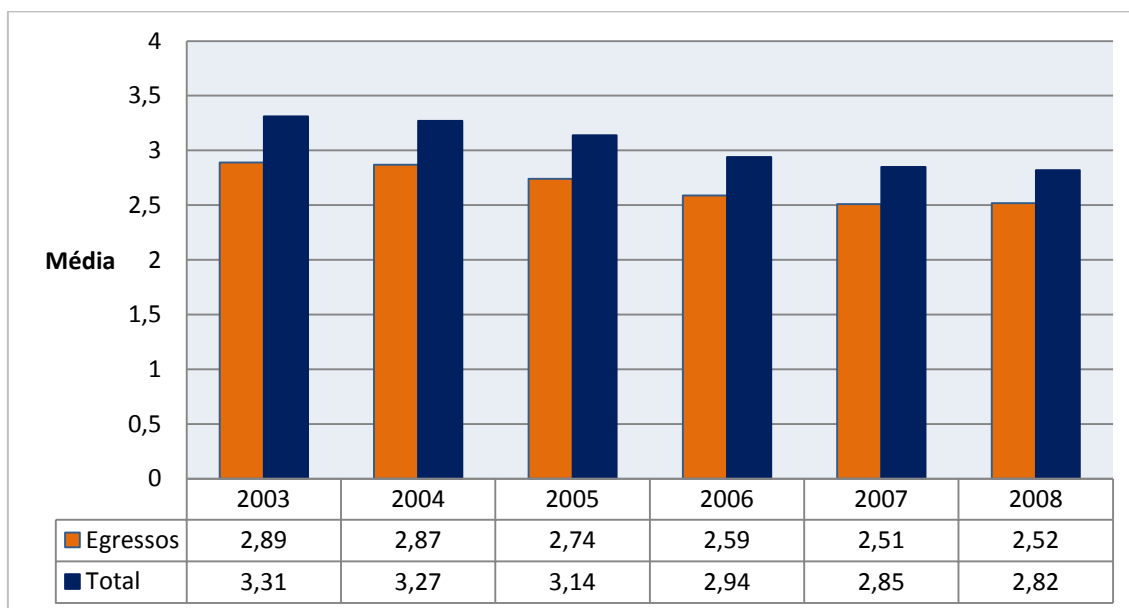
Figura 16 - Evolução dos salários médios, em Reais, de egressos do PROFAE com vínculos formais de emprego ativos em 31/12 – Brasil, 2000 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

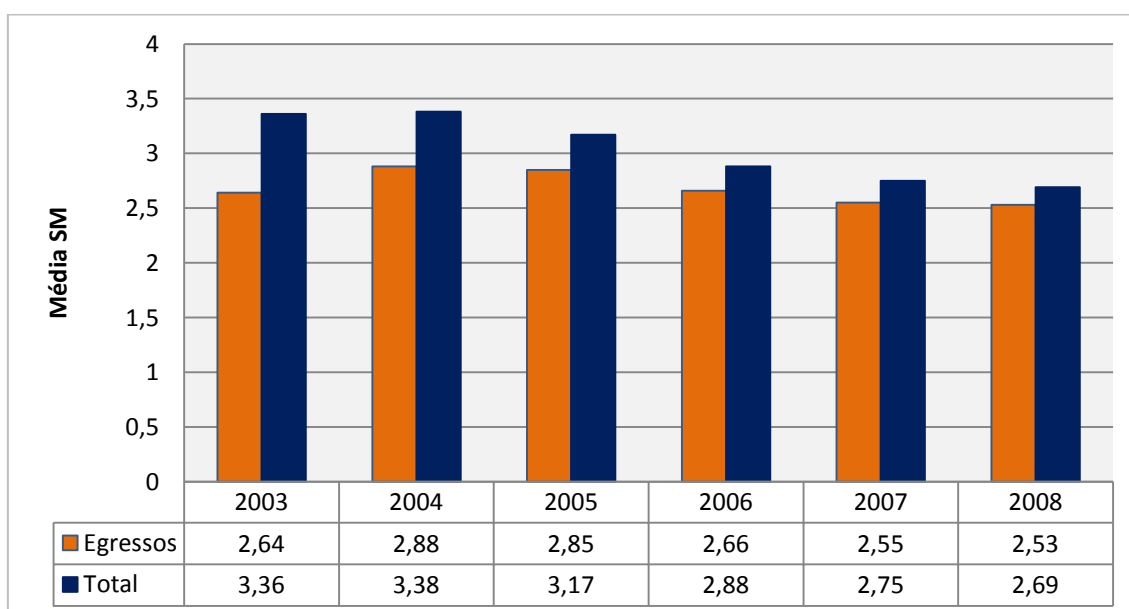
Quando analisadas as remunerações médias, em salários mínimos, dos vínculos formais registrados como Auxiliar e Técnico de enfermagem de egressos, em relação ao total da economia formal, observa-se que houve diminuição em ambos os casos. As Figuras 17 e 18 mostram que, além disso, ao longo de todo o período considerado os egressos mantiveram salários inferiores aos praticados no total da economia formal.

Figura 17 – Evolução da remuneração média, em salários mínimos, dos vínculos formais de emprego registrados como Auxiliar de Enfermagem de egressos do PROFAE e do total da economia formal – Brasil, 2003 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

Figura 18 – Evolução da remuneração média, em salários mínimos, dos vínculos formais de emprego registrados como Técnico em Enfermagem de egressos do PROFAE e do total da economia formal – Brasil, 2003 a 2008



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

A Tabela 3 apresenta a evolução da remuneração média dos vínculos formais de emprego registrados como Auxiliar e Técnico de enfermagem entre egressos e o total da economia formal, tanto em salários mínimos quanto em Reais. Os valores absolutos referentes aos salários de egressos foram estimados de acordo com a razão entre as médias, em salários mínimos, dos dois grupos em questão, já que só dispúnhamos de dados, em Reais, para o total da economia. Entre os vínculos de técnico, o aumento observado entre 2003 e 2008 no total da economia foi de R\$ 785,35 para R\$ 1.116,30 e de R\$ 617,06 para R\$ 1.049,90 para os egressos. Enquanto entre os vínculos de auxiliar, crescimento de R\$ 764,26 para R\$ 1.159,18 no total da economia e de R\$ 667,28 para R\$ 1.036,13, entre egressos. Ressalta-se ainda que no total da economia os salários de auxiliar ficam maiores que os de técnicos a partir de 2005, enquanto entre os egressos, ficaram menores a partir de 2004.

Tabela 3 – Evolução da remuneração média, em Salários Mínimos e em Reais, dos vínculos formais de emprego registrados como Técnicos em Enfermagem e Auxiliar de Enfermagem do total da economia formal e dos egressos do PROFAE* - Brasil, 2003 a 2008

Ano	Técnicos em Enfermagem				Auxiliar de Enfermagem			
	Salários Mínimos		R\$		Salários Mínimos		R\$	
	Total	Egressos	Total	Egressos	Total	Egressos	Total	Egressos
2003	3,36	2,64	785,35	617,06	3,31	2,89	764,26	667,28
2004	3,38	2,88	867,45	739,13	3,27	2,87	832,79	730,92
2005	3,17	2,85	922,22	829,13	3,14	2,74	906,18	790,74
2006	2,88	2,66	985,19	909,93	2,94	2,59	998,01	879,20
2007	2,75	2,55	1.041,26	965,53	2,85	2,51	1.065,42	938,32
2008	2,69	2,53	1.116,30	1.049,90	2,82	2,52	1.159,48	1.036,13

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG) a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE).

*Os valores referentes aos egressos do PROFAE foram estimados de acordo com a razão entre a média de remuneração, em salários mínimos, de egressos e a média do total da economia. Os valores referentes ao total da economia não inclui os egressos, estando, dessa forma, subestimado.

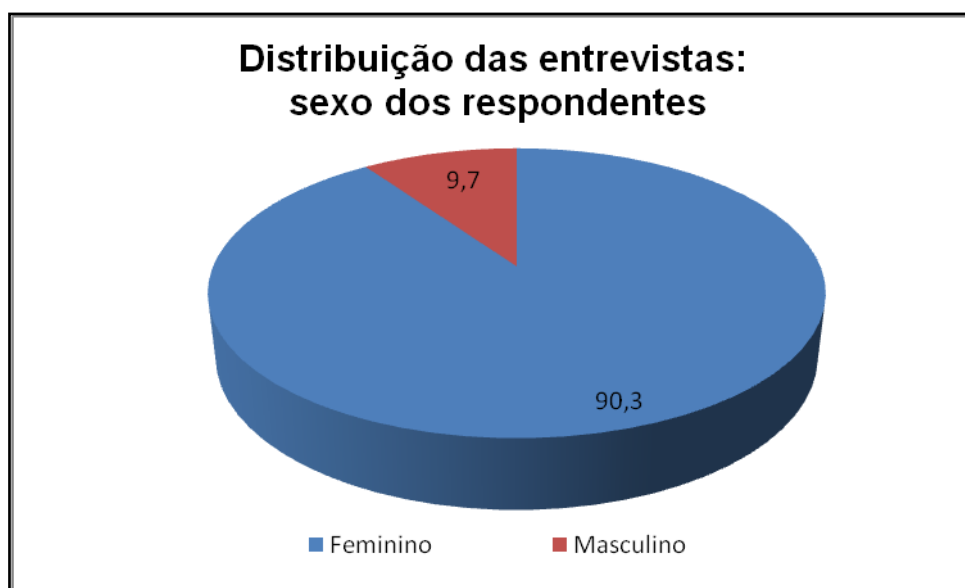
3.3. Resultados da ETAC com egressos

3.3.1. Perfil dos entrevistados

Entre os entrevistados predominaram as pessoas do sexo feminino, com 90,2% do total. Em relação à idade dos entrevistados, a pesquisa ouviu egressos do PROFAE de todas as faixas etárias, sendo 34,9% estavam entre 31 e 40 anos, 31% entre 41 e 50, 20,3% entre 51 e 60 anos, 12,6% com menos de 30 anos e apenas 0,9% com mais de 60 anos. A média da idade dos entrevistados ficou em 42 anos.

A distribuição etária dos entrevistados entre as Regiões Geográficas ficou bastante equilibrada. Os entrevistados do Centro Oeste estavam dentro das faixas etárias de 31 a 40 (44%), 41 a 50 (33%) e 51 a 60 (22%). Os entrevistados do Nordeste estavam em todas as faixas com até 60 anos, predominando a faixa de 31 a 40; os entrevistados da Região Norte também se encontram com idade inferior a 61 anos, predominando as faixas menos de 30 e 51 a 60 anos (33% para ambas); os entrevistados da Região Sudeste se encontram em todas as faixas, predominando aqueles entre 41 a 50 anos (36%); e os entrevistados da Região Sul possuem idade inferior a 61 anos, predominando o intervalo de 41 a 50 anos (64%).

Figura 19 - Distribuição das entrevistas segundo sexo dos respondentes



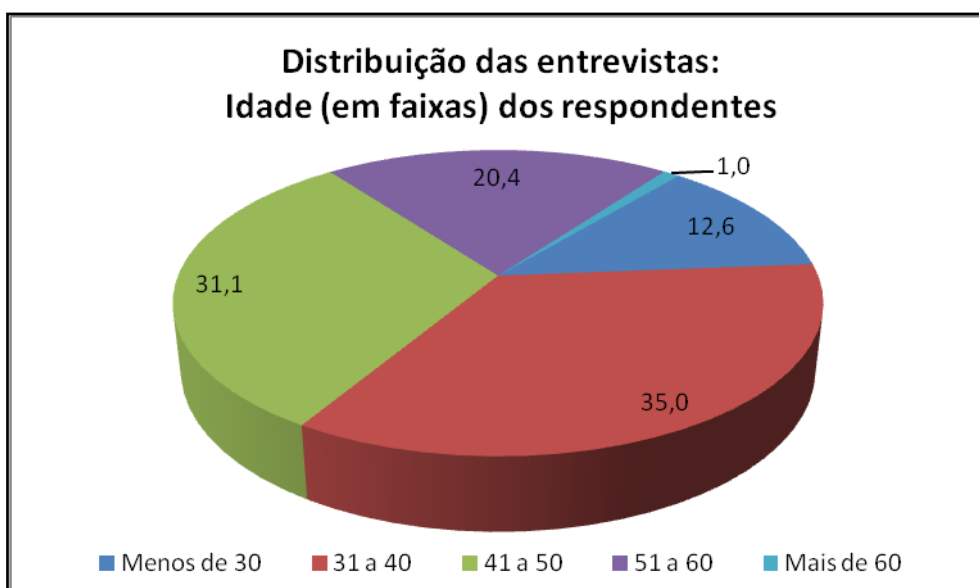
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Tabela 4 – Distribuição das entrevistas segundo sexo dos respondentes

Sexo	Nº	%
Feminino	93	90,29
Masculino	10	9,71
Total	103	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 20 – Distribuição das entrevistas segundo faixa etária dos respondentes



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Tabela 5 – Distribuição das entrevistas segundo faixa etária dos respondentes

Faixa etária	N ^o	%
Menos de 30	13	12,62
31 a 40	36	34,95
41 a 50	32	31,06
51 a 60	21	20,38
Mais de 60	1	0,97
Total	103	100

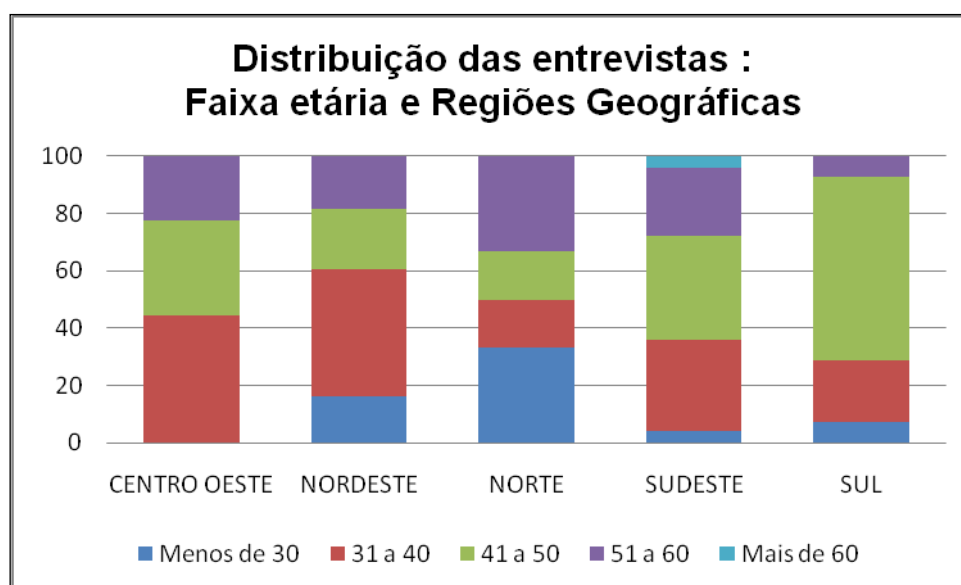
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Tabela 6 – Distribuição das entrevistas por faixa etária e Regiões Geográficas dos respondentes

Regiões	Valores	Faixa Etária					Total
		Menos de 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	Mais de 60	
CENTRO OESTE	Nº	0	4	3	2	0	9
	%	0,00	44,44	33,33	22,22	0,00	100
NORDESTE	Nº	7	19	9	8	0	43
	%	16,28	44,19	20,93	18,60	0,0	100
NORTE	Nº	4	2	2	4	0	12
	%	33,33	16,67	16,67	33,33	0,0	100
SUDESTE	Nº	1	8	9	6	1	25
	%	4,00	32,00	36,00	24,00	4,0	100
SUL	Nº	1	3	9	1	0	14
	%	7,14	21,43	64,29	7,14	0,0	100
Total	Nº	13	36	32	21	1	103
	%	12,62	34,95	31,07	20,39	1,0	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 21 - Distribuição das entrevistas: Faixa etária e Regiões Geográficas dos respondentes



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Praticamente a totalidade dos entrevistados 95,1% reside no mesmo município onde freqüentou os cursos oferecidos pelo PROFAE, o que confirma que o Projeto alcançou grande capilaridade no território nacional.

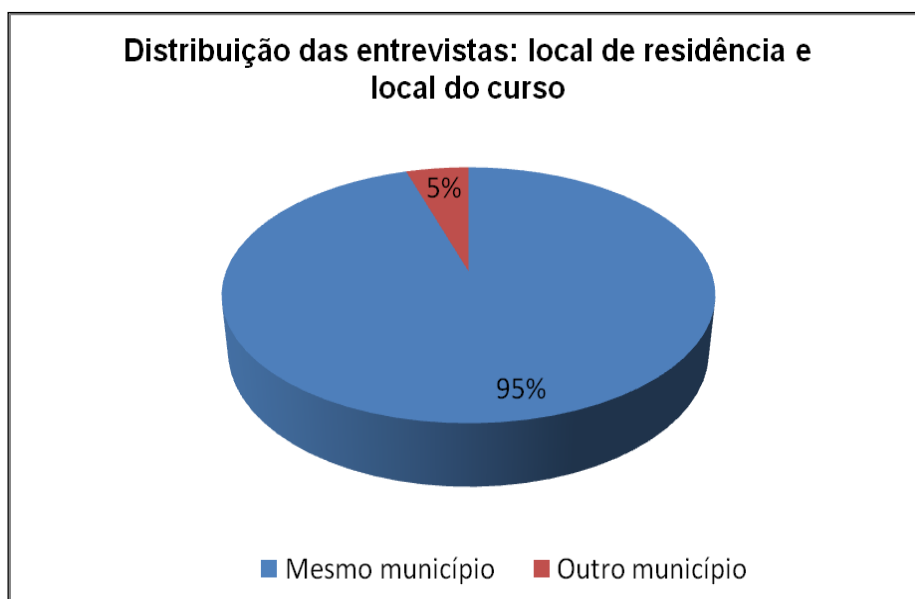
Entre os entrevistados, 77% concluíram o curso de Auxiliar de enfermagem e 35% realizaram o curso de Técnico de Enfermagem. Entre os entrevistados, 12% afirmaram terem feito os dois cursos.

Tabela 7 – Distribuição das entrevistas por local de residência e local do curso

Local de residência e do curso	N º	%
Mesmo município do curso	98	95,1
Municípios diferente	5	4,9
Total	103	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 22 - Distribuição das entrevistas por local de residência e local do curso



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

3.3.2. Egressos dos cursos de Auxiliar de Enfermagem

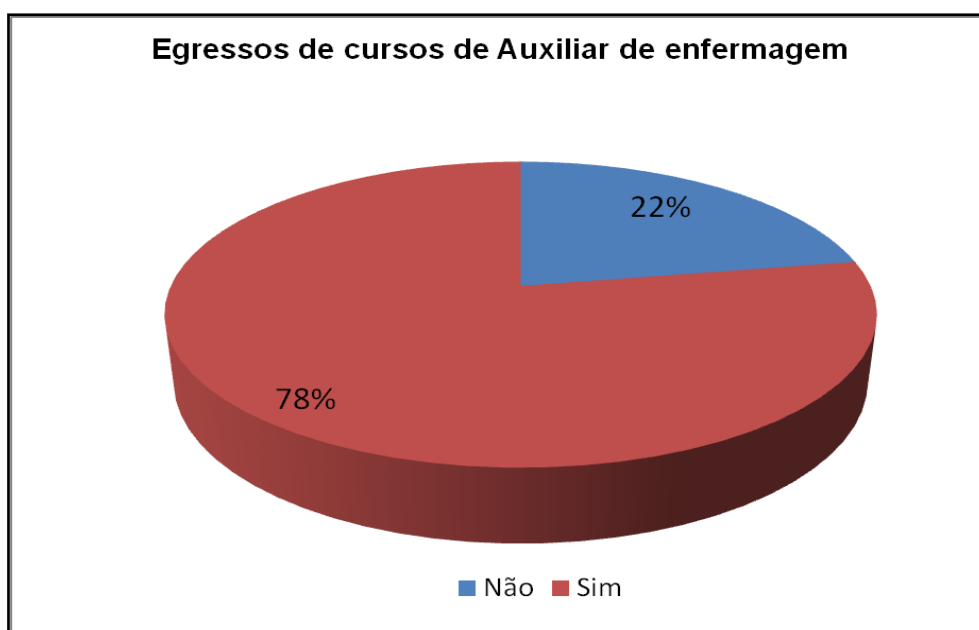
O executor predominante dos cursos de Auxiliar de enfermagem foram as Escolas Técnicas do SUS, com 40%, e 26% não souberam informar o tipo de instituição. A grande maioria dos entrevistados afirmou ter concluído o curso entre 2002 e 2005. Entre os entrevistados, aqueles do Nordeste foram os que mais freqüentaram os cursos de Auxiliar de enfermagem (51%), seguido do Sudeste (20%), Norte (11%), Centro oeste e Sul (8% ambos).

Tabela 8 – Entrevistados segundo frequência ao curso de Auxiliar de Enfermagem

Participou do curso	N º	%
Não	23	22,3
Sim	80	77,7
Total	103	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 23 - Entrevistados segundo frequência ao curso de Auxiliar de Enfermagem



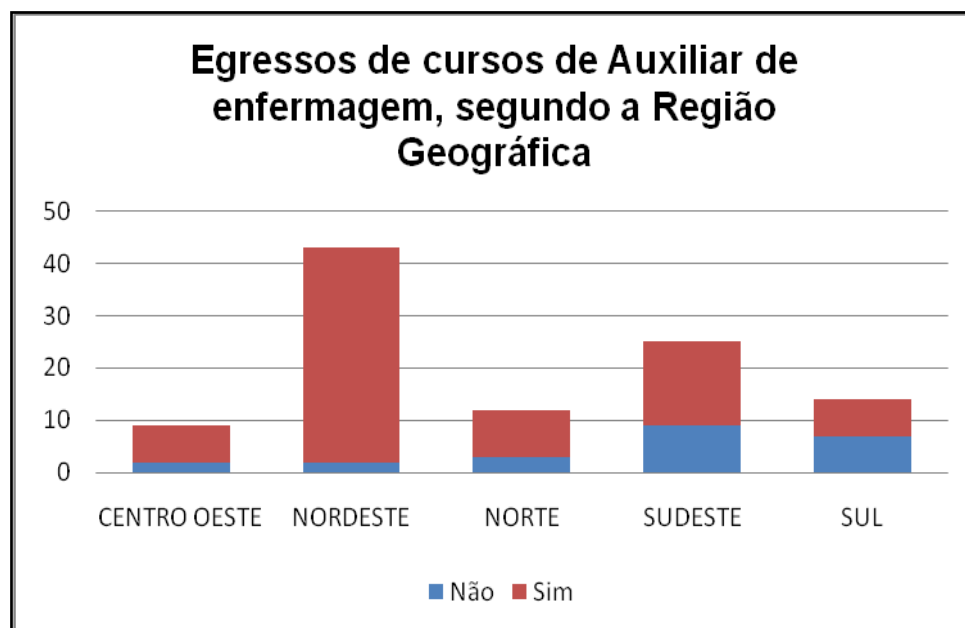
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Tabela 9 – Entrevistados por frequência ao curso de Auxiliar de Enfermagem, segundo a Região Geográfica

Regiões	Valores	Fez curso de Auxiliar Enfermagem?		Total
		Não	Sim	
CENTRO OESTE	Nº	2	7	9
	%	8,70	8,75	8,74
NORDESTE	Nº	2	41	43
	%	8,70	51,25	41,75
NORTE	Nº	3	9	12
	%	13,04	11,25	11,65
SUDESTE	Nº	9	16	25
	%	39,13	20,00	24,27
SUL	Nº	7	7	14
	%	30,43	8,75	13,59
Total	Nº	23	80	103
	%	100	100	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 24 - Entrevistados por frequência ao curso de Auxiliar de Enfermagem, segundo a Região Geográfica



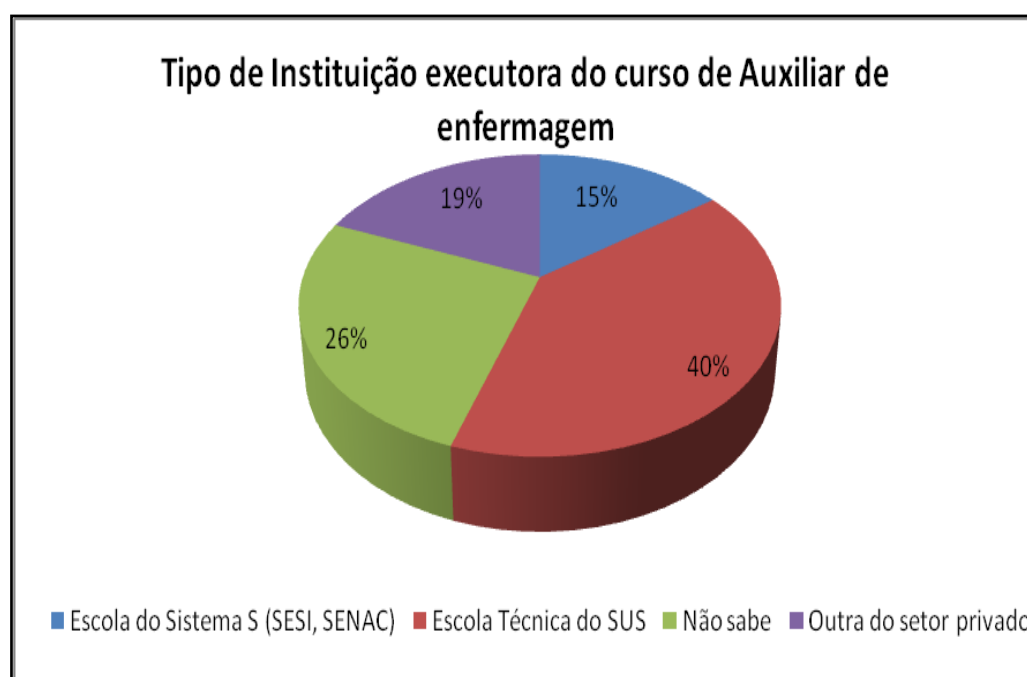
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Tabela 10 – Egressos de cursos de Auxiliar de enfermagem por Tipo de Instituição Executora do curso

Tipo de Instituição	N ^o	%
Escola Técnica do SUS	32	40,0
Escola do Sistema S (SESI, SENAC, etc.)	12	15,0
Outra do setor privado	15	18,8
Não sabe	21	26,3
Total	80	100,0

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 25 – Egressos de cursos de Auxiliar de enfermagem por Tipo de Instituição Executora do curso



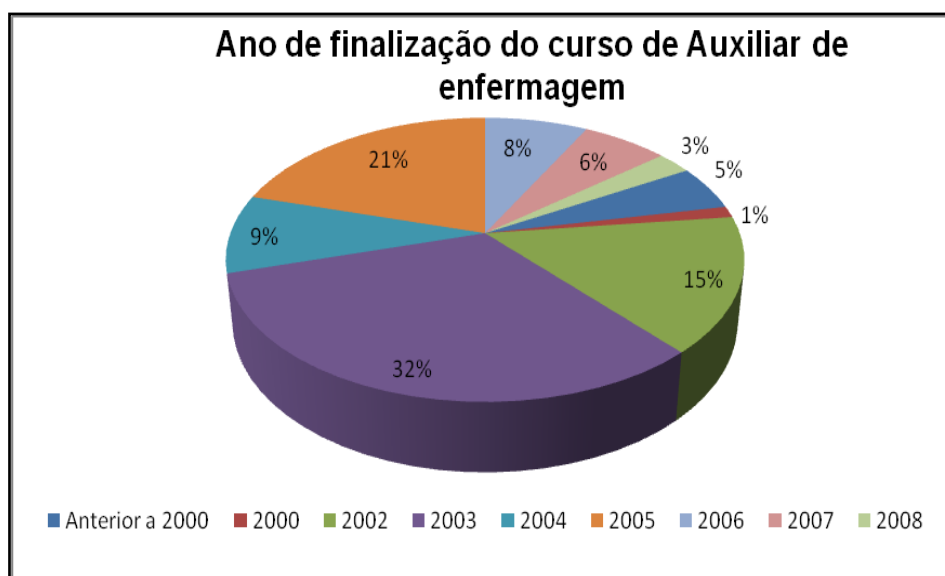
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Tabela 11 – Egressos de cursos de Auxiliar de enfermagem segundo o ano de finalização do curso

Ano de finalização	N ^o	%
Anterior a 2000	4	5,2
2000	1	1,3
2002	12	15,4
2003	25	32,1
2004	7	9,0
2005	16	20,5
2006	6	7,7
2007	5	6,4
2008	2	2,6
Total	78	100,0
Não se aplica	25	24,3

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 26 - Egressos de cursos de Auxiliar de enfermagem segundo o ano de finalização do curso



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

3.3.3. Egressos dos cursos de Técnico de Enfermagem

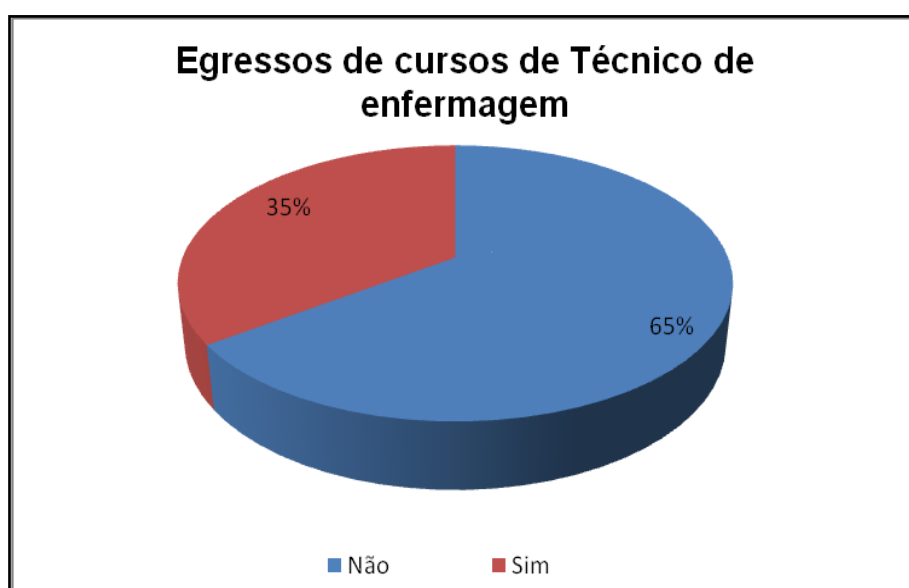
Para o curso de Técnico de enfermagem, o executor predominante foram as Escolas do Sistema S (SESI, SENAC, etc.) que representaram 33% do total de respostas, enquanto 27% informaram não saber o tipo de instituição. Em relação ao ano de conclusão do curso, destacam-se os anos de 2002, 2003 e 2005. Entre os entrevistados, aqueles do Nordeste foram os que mais freqüentaram os cursos de Técnico de enfermagem (30%), seguidos do Sudeste (27%), Sul (25%), Norte (11%) e Centro oeste (5%).

Tabela 12 – Entrevistados segundo frequência ao curso de Técnico em Enfermagem

Fez curso de Técnico?	N º	%
Não	67	65
Sim	36	35
Total	103	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 27 — Entrevistados segundo frequência ao curso de Técnico em Enfermagem



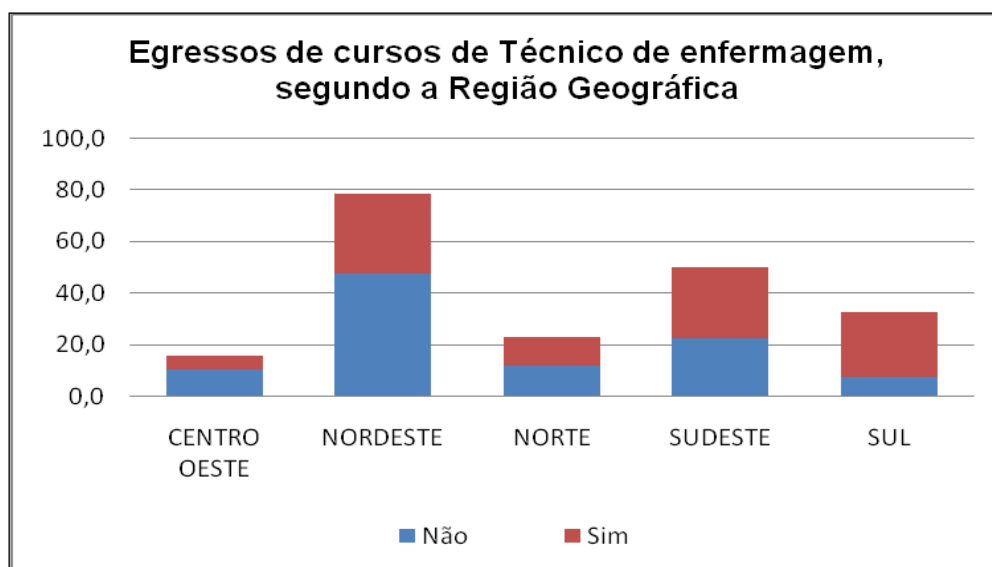
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Tabela 13 – Entrevistados por frequência ao curso de Técnico em Enfermagem, segundo a Região Geográfica

Regiões	Valores	Fez curso de Técnico de Enfermagem		Total
		Não	Sim	
CENTRO OESTE	Nº	7	2	9
	%	10,45	5,56	8,74
NORDESTE	Nº	32	11	43
	%	47,76	30,56	41,75
NORTE	Nº	8	4	12
	%	11,94	11,11	11,65
SUDESTE	Nº	15	10	25
	%	22,39	27,78	24,27
SUL	Nº	5	9	14
	%	7,46	25,00	13,59
Total	Nº	67	36	103
	%	100	100	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 28 - Entrevistados por frequência ao curso de Técnico em Enfermagem, segundo a Região Geográfica



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Tabela 14 – Egressos de cursos de Técnico em Enfermagem por Tipo de Instituição Executora do curso

Tipos de Instituição	N º	%
Escola Técnica do SUS	7	19,4
Escola do Sistema S (SESI, SENAC)	12	33,3
Outra do setor privado	7	19,4
Não sabe	10	27,8
Total	36	100

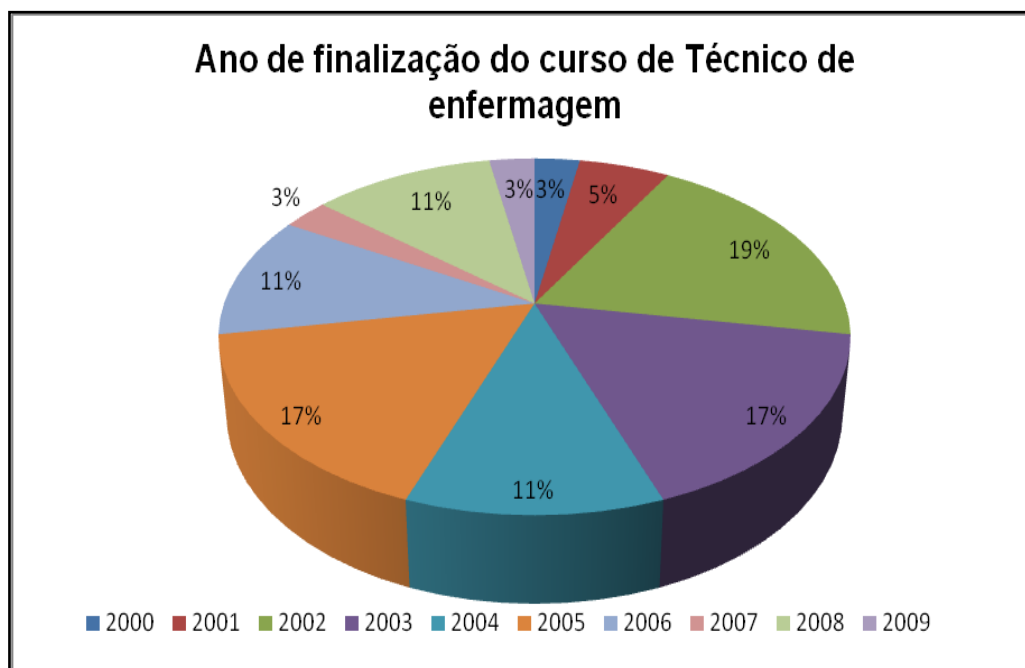
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Tabela 15 – Egressos de cursos de Técnico de Enfermagem segundo o ano de conclusão do curso

Ano de finalização	N º	%
2000	1	2,8
2001	2	5,6
2002	7	19,4
2003	6	16,7
2004	4	11,1
2005	6	16,7
2006	4	11,1
2007	1	2,8
2008	4	11,1
2009	1	2,8
Total	36	100,0

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 29 - Egressos de cursos de Técnico de Enfermagem segundo o ano de conclusão do curso



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

3.3.4. Complementar de Ensino Fundamental

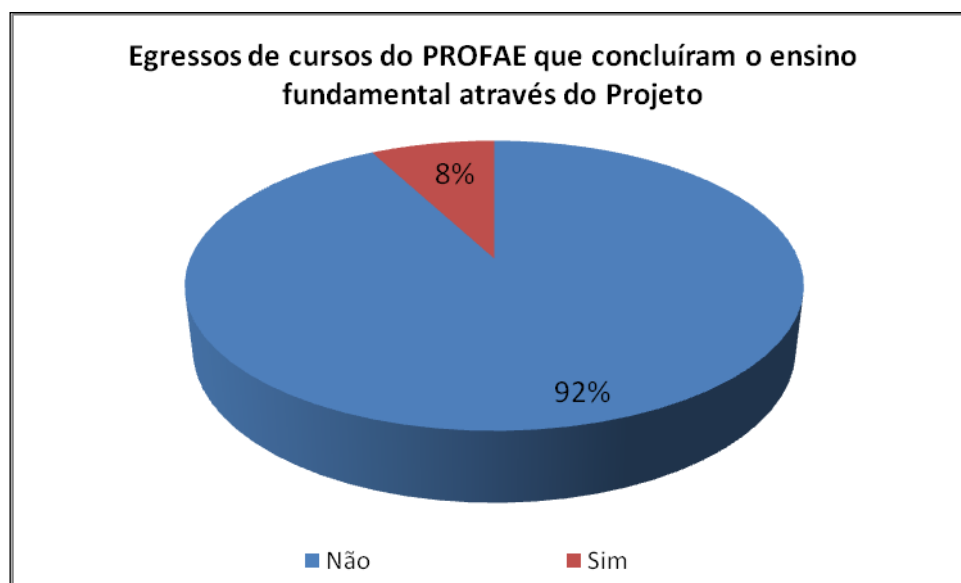
Em relação à oportunidade de concluir o Ensino Fundamental através do PROFAE, cerca de 8% dos entrevistados utilizaram esse recurso.

Tabela 16 – Egressos de cursos do PROFAE que concluíram o ensino fundamental através do Projeto

Ensino fundamental no PROFAE	N ^o	%
Não	95	92,2
Sim	8	7,8
Total	103	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 30 - Egressos de cursos do PROFAE que concluíram o ensino fundamental através do Projeto



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

3.3.5. Outra formação de nível técnico ou formação de nível superior

Foi investigada, junto aos entrevistados, a existência de outras formações, de nível técnico e superior, posterior ou não ao curso do PROFAE.

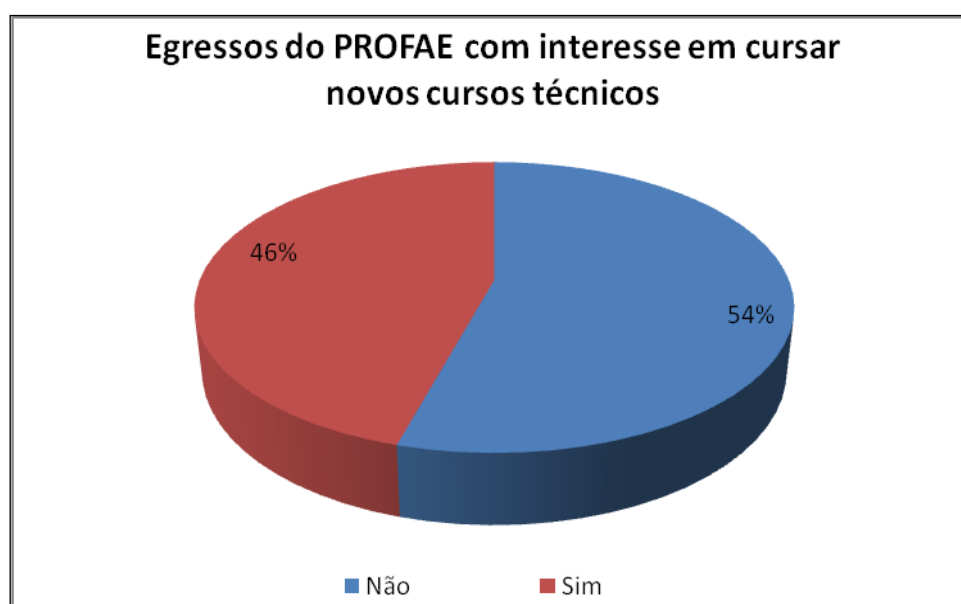
Em relação a cursos Técnicos, apenas um respondente informou ter outra formação técnica, concluída antes do curso do PROFAE. A mesma foi realizada na área administrativa. No entanto, 45% informaram ter interesse em buscar outra formação de nível técnico, sendo que 70% desses, a área de interesse é a de enfermagem.

Tabela 17 – Egressos de cursos do PROFAE segundo interesse em fazer outra formação técnica

Interesse em fazer outro curso técnico	N º	%
Não	56	54,4
Sim	47	45,6
Total	103	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 31 - Egressos de cursos do PROFAE segundo interesse em fazer outra formação técnica



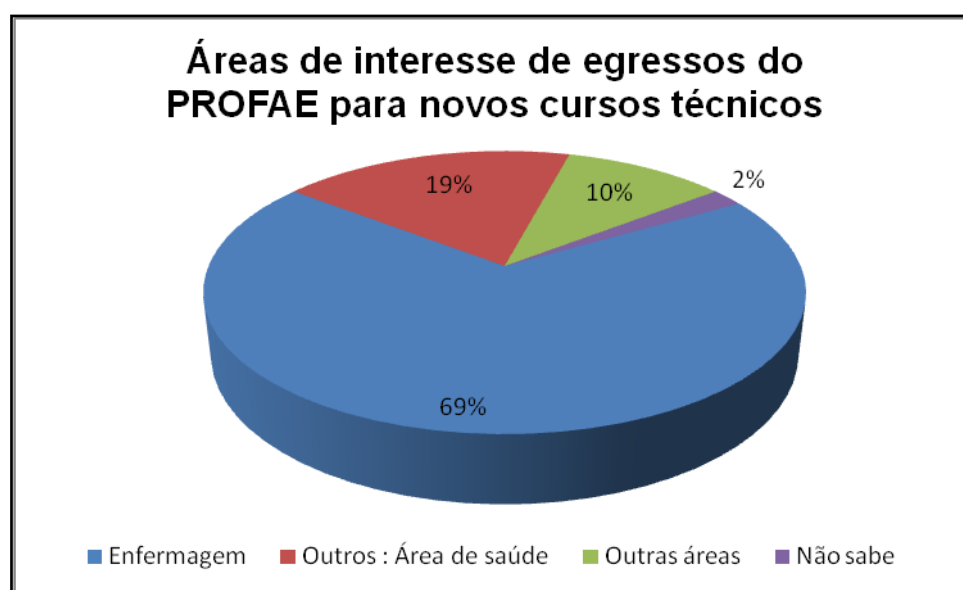
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Tabela 18 – Egressos de cursos do PROFAE segundo área de interesse em outra formação técnica

Áreas de interesse	N ^o	%
Enfermagem	33	70,2
Outros da área de saúde	9	19,1
Outras áreas	5	10,6
Não sabe	1	2,1
Total	48	102,1
Não se aplica	56	54,4

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 32 – Egressos de cursos do PROFAE segundo área de interesse em outra formação técnica



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

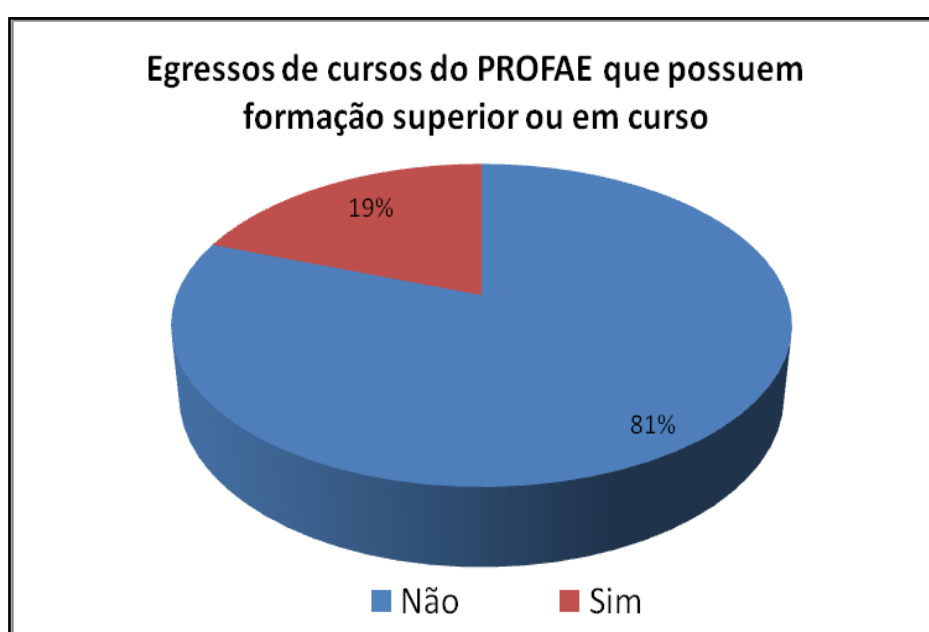
Em relação ao Ensino superior, 19% informaram já terem curso superior ou estarem cursando, 60% dos quais concluídos após o curso do PROFAE, 25% em andamento e apenas 15%, ou 3 entrevistados, concluídos antes do PROFAE. Entre os cursos superiores concluídos pelos egressos dos cursos do PROFAE, os ligados à área da educação correspondem a 50%, área da saúde 40% e outras áreas 10%.

Tabela 19 – Egressos de cursos do PROFAE segundo frequência ou conclusão de curso de nível superior

Formação Superior	N ^o	%
Não	83	80,6
Sim	20	19,4
Total	103	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 33 - Egressos de cursos do PROFAE segundo frequência ou conclusão de curso de nível superior



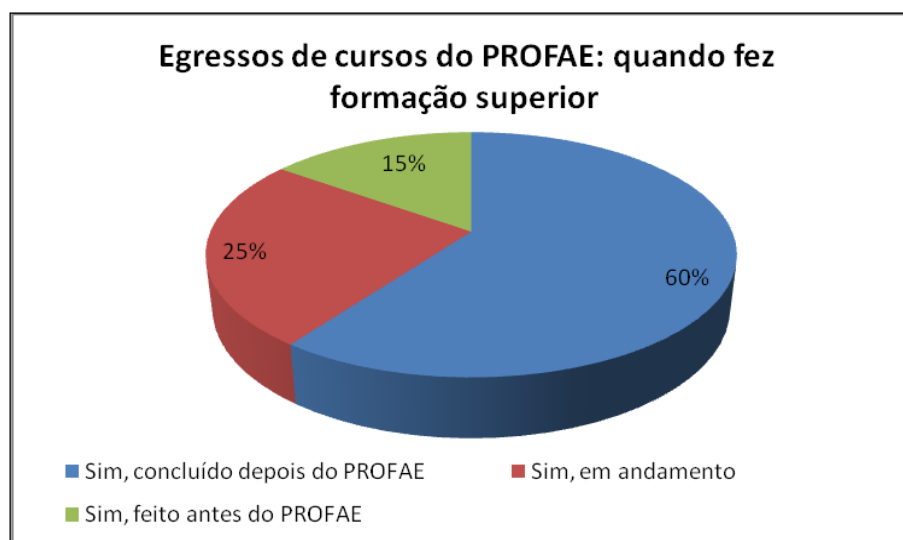
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Tabela 20 – Egressos segundo relação entre frequência ou conclusão de curso superior e formação no PROFAE

Situação	N ^o	%
Curso concluído depois do PROFAE	12	60,0
Curso concluído antes do PROFAE	3	15,0
Curso em andamento	5	25,0
Total	20	100
Não se aplica	83	80,6

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 34 - Egressos segundo relação entre frequência ou conclusão de curso superior e formação no PROFAE



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

3.3.6. Motivações para participar dos cursos do PROFAE

Foram investigados os motivos que levaram os entrevistados a fazerem os cursos do PROFAE, em pergunta aberta, espontânea e opinativa. As respostas foram agregadas em categorias analíticas identificando o motivo e a colocação profissional quando da tomada de decisão. A respeito da motivação (agregada) alegada para freqüentar os cursos do PROFAE, 46% dos entrevistados informaram que já atuavam profissionalmente na área da enfermagem e que a principal motivação foi a busca de capacitação. Outros 33% dos entrevistados informaram que já atuavam no setor Saúde, e buscaram a capacitação para entrar para a área de enfermagem. Apenas 5% dos entrevistados alegaram exigência legal para a participação nos cursos, e 4% informaram desejo pessoal. Apenas um entrevistado não respondeu a pergunta.

Entre os entrevistados que buscaram capacitação e já atuavam na área de enfermagem, aqueles residentes do Sudeste predominaram (31%), seguidos do Nordeste (29%). Entre os que buscaram capacitação e atuavam em outras áreas da Saúde, 58% eram do Nordeste e 20% do Sudeste. Entre os entrevistados que alegaram buscar capacitação para buscar uma colocação profissional no Setor Saúde, 33% eram

moradores da Região Norte e 22% do Nordeste. Entre os entrevistados que alegaram exigência legal, 50% eram do Nordeste e 16% do Centro oeste e 16% do Sudeste.

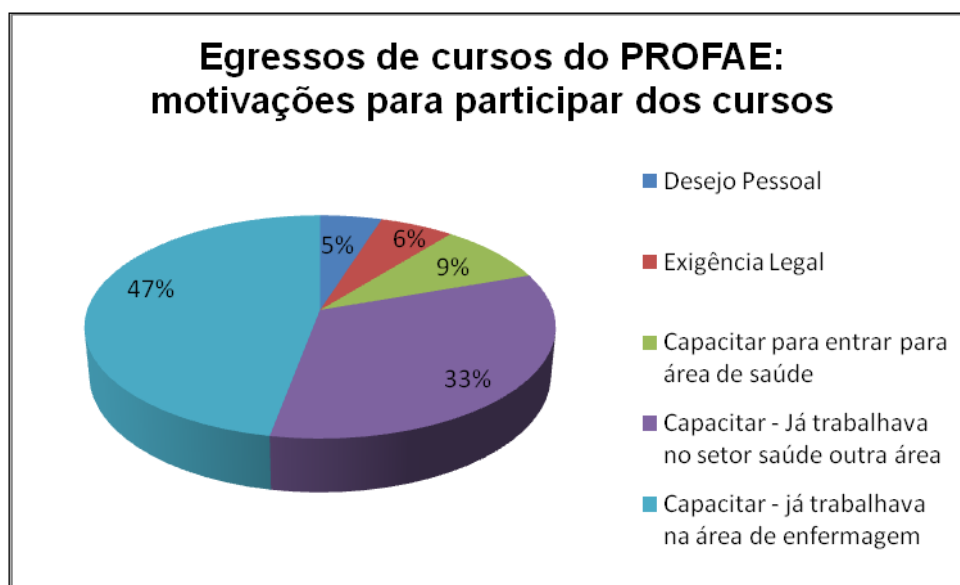
Também foi solicitado aos entrevistados que avaliassem alguns “estímulos” propostos ou esperados no momento da matrícula, de forma estimulada, utilizado como escala as seguintes categorias: nenhuma importância, pouca importância, importância e muita importância.

Tabela 21 – Egressos de cursos do PROFAB segundo motivações para participar dos cursos

Motivações	Nº	%
Desejo Pessoal	5	4,85
Exigência Legal	6	5,83
Capacitar para entrar para área de saúde	9	8,74
Capacitar - Já trabalhava no setor saúde outra área	34	33,01
Capacitar - já trabalhava na área de enfermagem	48	46,60
Total	102	99,03
Não respondeu	1	0,97

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 35 - Egressos de cursos do PROFAE segundo motivações para participar dos cursos



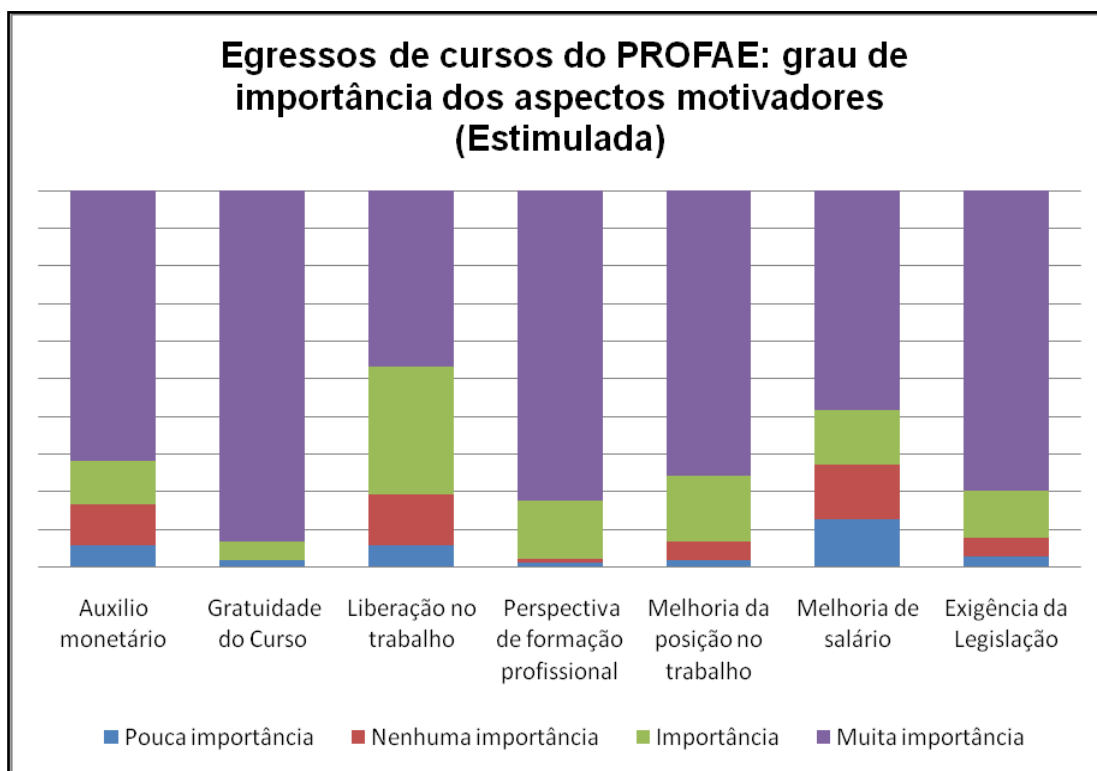
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Tabela 22 – Egressos de cursos do PROF AE segundo grau de importância atribuído aos aspectos motivadores (Estimulada)

Aspectos		Pouca importância	Nenhuma importância	Importância	Muita importância
Auxílio monetário	Nº	6	11	12	74
	%	5,80	10,70	11,70	71,80
Gratuidade do Curso	Nº	2	0	5	96
	%	1,90	0,00	4,90	93,20
Liberação no trabalho	Nº	6	14	35	48
	%	5,80	13,60	34,00	46,60
Perspectiva de formação profissional	Nº	1	1	16	85
	%	1,00	1,00	15,50	82,50
Melhoria da posição no trabalho	Nº	2	5	18	78
	%	1,90	4,90	17,50	75,70
Melhoria de salário	Nº	13	15	15	60
	%	12,60	14,60	14,60	58,30
Exigência da Legislação	Nº	3	5	13	82
	%	2,90	4,90	12,60	79,60

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 36 - Egressos de cursos do PROFAE segundo grau de importância atribuído aos aspectos motivadores (Estimulada)



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Gratuidade do curso

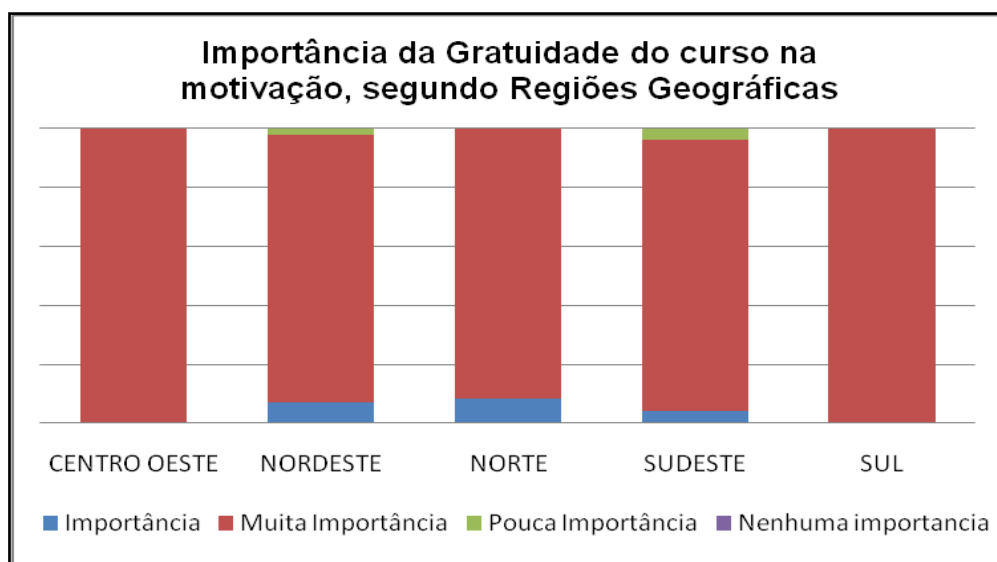
Em relação à Gratuidade do curso, 93% dos entrevistados avaliaram com “muita importância” e apenas 1% atribuiu pouca ou nenhuma importância. Entre os entrevistados do Centro Oeste, 100% responderam que esse estímulo foi muito importante. Para os do Nordeste, 90% atribuíram muita importância, 7% importância e 2% pouca importância. Para os do Norte, 91% atribuíram muita importância e 8% importância. Para os do Sudeste, 92% atribuíram muita importância e 4% atribuíram pouca e outros 4% apenas importância. Para os entrevistados da Região Sul, 100% atribuíram muita importância à gratuidade do curso.

Tabela 23 – Importância da gratuidade do curso na motivação, segundo Regiões Geográficas

Importância da Gratuidade do Curso		Região				
		CENTRO OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL
Importância	Nº	0	3	1	1	0
	%	0,00%	7,00%	8,30%	4,00%	0,00%
Muita Importância	Nº	9	39	11	23	14
	%	100,00%	90,70%	91,70%	92,00%	100,00%
Pouca Importância	Nº	0	1	0	1	0
	%	0,00%	2,30%	0,00%	4,00%	0,00%
Total	Nº	9	43	12	25	14
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 37 - Importância da Gratuidade do curso na motivação, segundo Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Auxílio Monetário

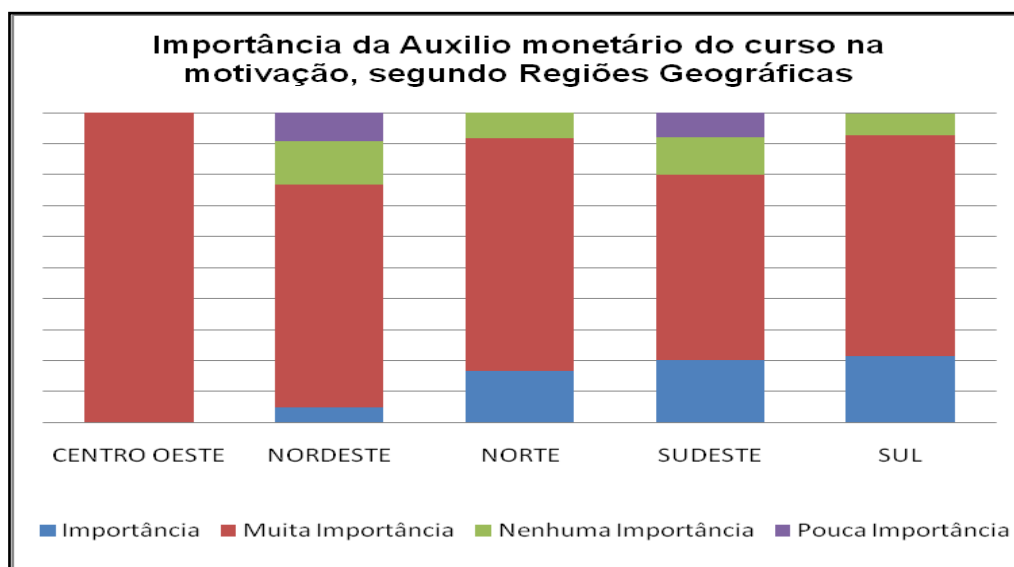
Em relação ao Auxílio monetário, 71% dos entrevistados avaliaram com “muita importância” e apenas 15% atribuíram pouca ou nenhuma importância. Entre os entrevistados do Centro Oeste, 100% responderam que esse estímulo foi muito importante. Para os do Nordeste, 72% atribuíram muita importância, 14% nenhuma importância, 9% pouca importância e 4% importância. Para os do Norte, 75% atribuíram muita importância, 16% importância e 8% nenhuma importância. Para os do Sudeste, 60% atribuíram muita importância, 20% importância, 12% nenhuma importância e 8% pouca importância. Para os entrevistados da Região Sul, 71% atribuíram muita importância à gratuidade do curso, 21% importância, e 7% nenhuma importância para o Auxílio monetário.

Tabela 24 – Importância do Auxílio monetário do curso na motivação, segundo Regiões Geográficas

Importância do Auxílio monetário		Região				
		CENTRO OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL
Importância	Nº	0	2	2	5	3
	%	0,00%	4,70%	16,70%	20,00%	21,40%
Muita Importância	Nº	9	31	9	15	10
	%	100,00%	72,10%	75,00%	60,00%	71,40%
Nenhuma Importância	Nº	0	6	1	3	1
	%	0,00%	14,00%	8,30%	12,00%	7,10%
Pouca Importância	Nº	0	4	0	2	0
	%	0,00%	9,30%	0,00%	8,00%	0,00%
Total	Nº	9	43	12	25	14
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 38 - Importância de Auxílio monetário do curso na motivação, segundo Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Liberação no trabalho

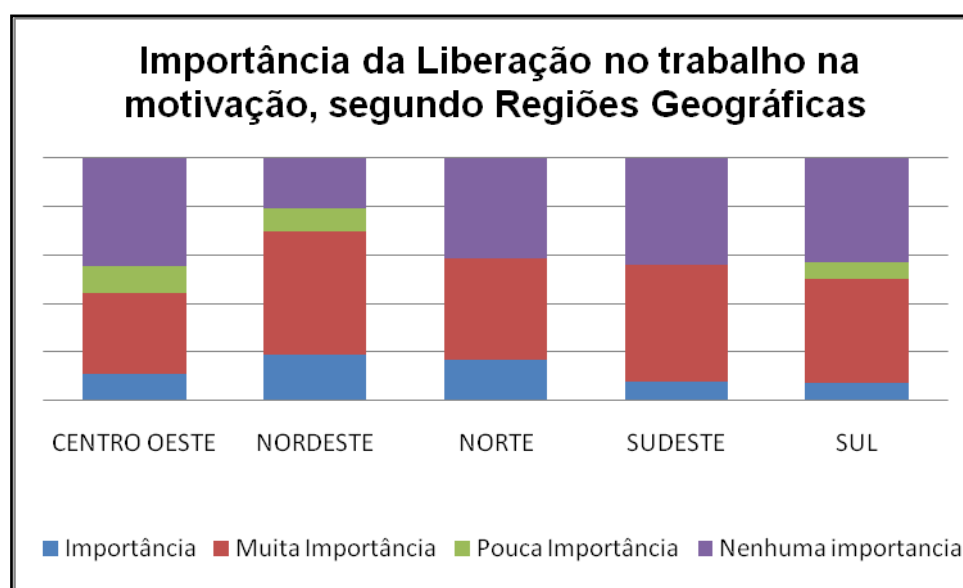
Em relação à Liberação no trabalho, 46% dos entrevistados avaliaram com “muita importância” e apenas 19% atribuíram pouca ou nenhuma importância. Entre os entrevistados do Centro Oeste, 44% responderam que esse estímulo foi de nenhuma importância, 33% muito importante, 11% importância e 11% pouca importância. Para os do Nordeste, 51% atribuíram muita importância, 20% nenhuma importância, 18% importância e 9% pouca importância. Para os do Norte, 41% atribuíram muita importância, 41% nenhuma importância, 16% importância. Para os do Sudeste, 48% atribuíram muita importância, 44% nenhuma importância e 8% importância. Para os entrevistados da Região Sul, 42% atribuíram muita importância, 42% nenhuma importância, 7% importância e 7% atribuíram pouca importância à Liberação no trabalho.

Tabela 25 – Importância da Liberação no trabalho na motivação, segundo Regiões Geográficas

Importância da Liberação no trabalho		Região				
		CENTRO OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL
Importância	Nº	1	8	2	2	1
	%	11,10%	18,60%	16,70%	8,00%	7,10%
Muita Importância	Nº	3	22	5	12	6
	%	33,30%	51,20%	41,70%	48,00%	42,90%
Nenhuma Importância	Nº	4	9	5	11	6
	%	44,40%	20,90%	41,70%	44,00%	42,90%
Pouca Importância	Nº	1	4	0	0	1
	%	11,10%	9,30%	0,00%	0,00%	7,10%
Total	Nº	9	43	12	25	14
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 39 - Importância da Liberação no trabalho na motivação, segundo Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Perspectiva de Formação Profissional

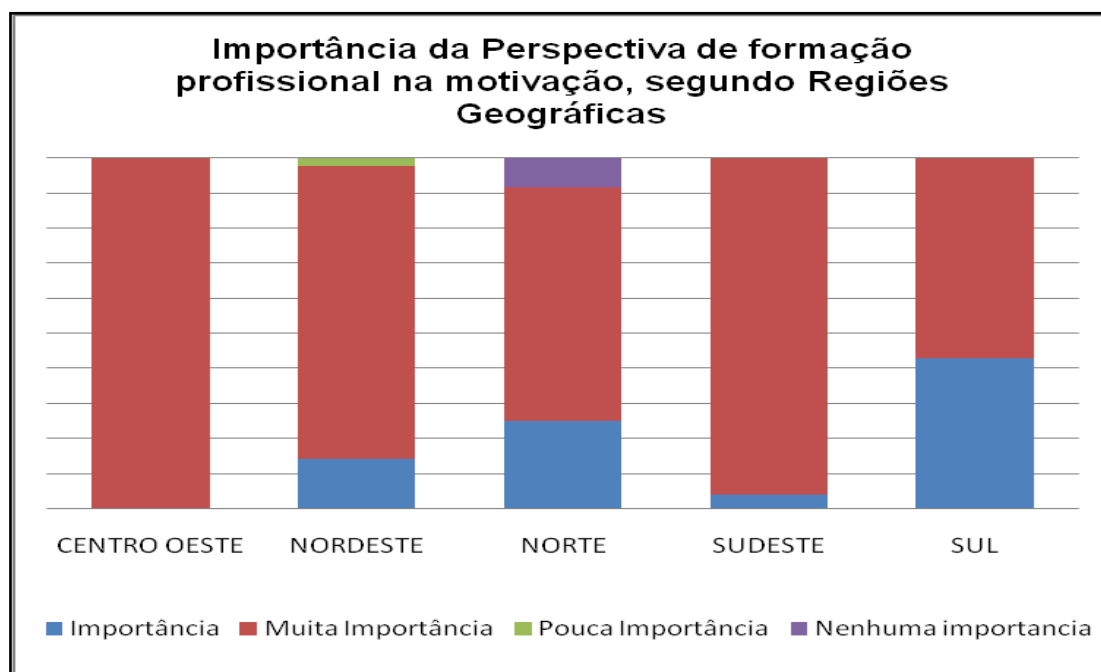
Em relação à Perspectiva de formação profissional, 82% dos entrevistados avaliaram com “muita importância” e apenas 2% atribuíram pouca ou nenhuma importância. Entre os entrevistados do Centro Oeste, 100% responderam que esse estímulo foi muito importante. Para os do Nordeste, 83% atribuíram muita importância, 14% importância e 2% pouca importância. Para os do Norte, 66% atribuíram muita importância, 25% importância e 8% nenhuma importância. Para os do Sudeste, 96% atribuíram muita importância e 4% atribuíram pouca. Para os entrevistados da Região Sul, 57% atribuíram muita importância e 42% importância à Perspectiva de formação profissional.

Tabela 26 – Importância da Perspectiva de formação profissional na motivação, segundo Regiões Geográficas

Importância da Perspectiva de formação profissional.		Região				
		CENTRO OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL
Importância	Nº	0	6	3	1	6
	%	0,00%	14,00%	25,00%	4,00%	42,90%
Muita Importância	Nº	9	36	8	24	8
	%	100,00%	83,70%	66,70%	96,00%	57,10%
Nenhuma Importância	Nº	0	0	1	0	0
	%	0,00%	0,00%	8,30%	0,00%	0,00%
Pouca Importância	Nº	0	1	0	0	0
	%	0,00%	2,30%	0,00%	0,00%	0,00%
Total	Nº	9	43	12	25	14
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 40 - Importância da Perspectiva de formação profissional na motivação, segundo Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Melhoria da posição no trabalho

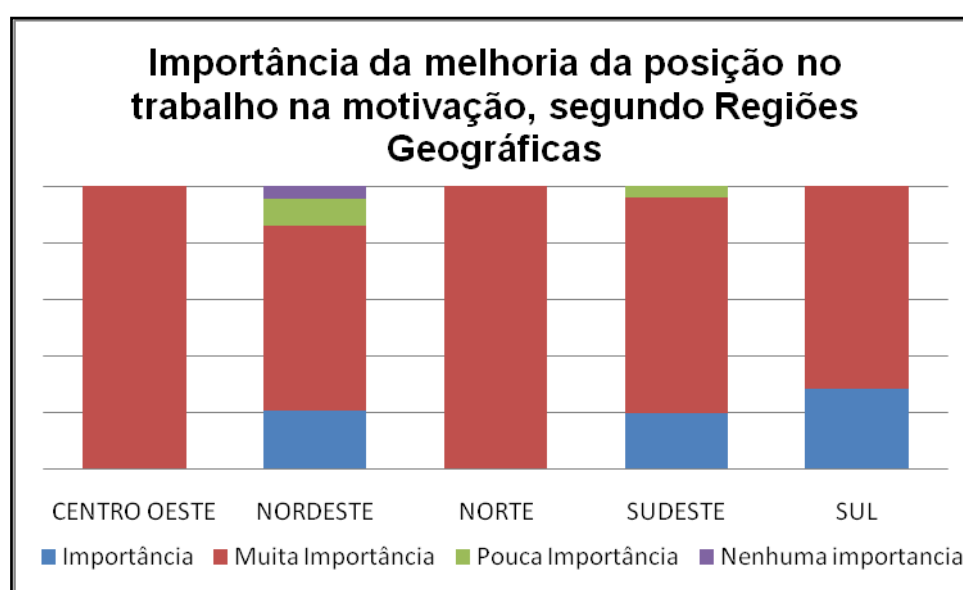
Em relação à Melhoria da posição no trabalho, 75% dos entrevistados avaliaram com “muita importância” e apenas 6% atribuíram pouca ou nenhuma importância. Entre os entrevistados do Centro Oeste, 100% responderam que esse estímulo foi muito importante. Para os do Nordeste, 65% atribuíram muita importância, 20% importância, 9% pouca importância e 4% nenhuma importância. Para os do Norte, 100% atribuíram muita importância. Para os do Sudeste, 76% atribuíram muita importância, 20% importância e 4% atribuíram pouca. Para os entrevistados da Região Sul, 71% atribuíram muita importância e 28% importância à Melhoria da posição no trabalho.

Tabela 27 – Importância da melhoria da posição no trabalho na motivação, segundo Regiões Geográficas

Importância da melhoria da posição no trabalho		Região				
		CENTRO OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL
Importância	Nº	0	9	0	5	4
	%	0,00%	20,90%	0,00%	20,00%	28,60%
Muita Importância	Nº	9	28	12	19	10
	%	100,00%	65,10%	100,00%	76,00%	71,40%
Nenhuma Importância	Nº	0	2	0	0	0
	%	0,00%	4,70%	0,00%	0,00%	0,00%
Pouca Importância	Nº	0	4	0	1	0
	%	0,00%	9,30%	0,00%	4,00%	0,00%
Total	Nº	9	43	12	25	14
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 41 - Importância da melhoria da posição no trabalho na motivação, segundo Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Melhoria de Salário

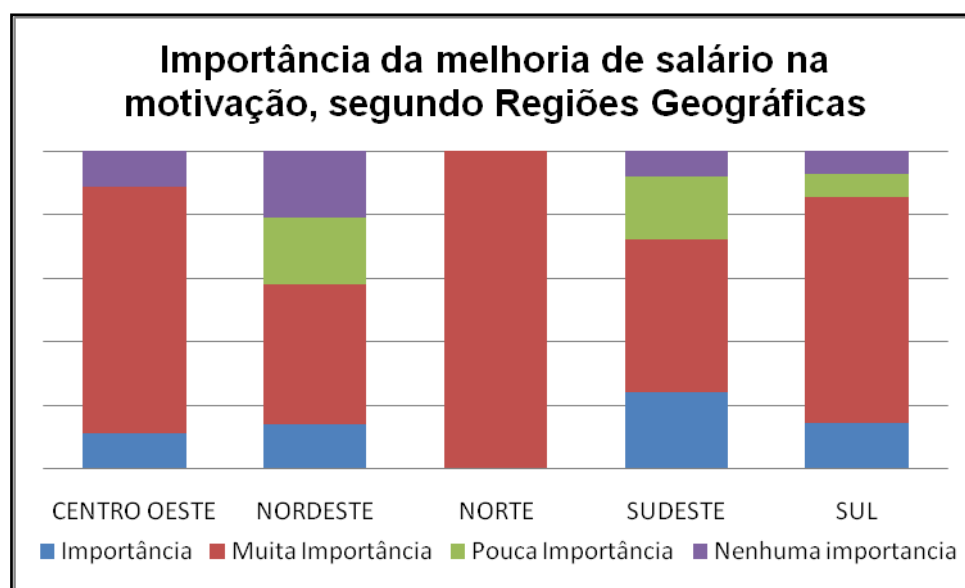
Em relação à Melhoria de salário, 58% dos entrevistados avaliaram com “muita importância” e 27% atribuíram pouca ou nenhuma importância. Entre os entrevistados do Centro Oeste, 77% responderam que esse estímulo foi muito importante, 11% importante e 11% pouca importância. Para os do Nordeste, 44% atribuíram muita importância, 14% importância, 20% nenhuma importância e 20% pouca importância. Para os do Norte, 100% atribuíram muita importância. Para os do Sudeste, 48% atribuíram muita importância e 24% atribuíram importância, 20% pouca importância e 8% nenhuma importância. Para os entrevistados da Região Sul, 71% atribuíram muita importância, 14% importância, 7% pouca importância e 7% nenhuma importância à melhoria de salário.

Tabela 28 – Importância da melhoria de salário na motivação, segundo Regiões Geográficas

Importância da melhoria de salário		Região				
		CENTRO OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL
Importância	Nº	1	6	0	6	2
	%	11,10%	14,00%	0,00%	24,00%	14,30%
Muita Importância	Nº	7	19	12	12	10
	%	77,80%	44,20%	100,00%	48,00%	71,40%
Nenhuma Importância	Nº	1	9	0	2	1
	%	11,10%	20,90%	0,00%	8,00%	7,10%
Pouca Importância	Nº	0	9	0	5	1
	%	0,00%	20,90%	0,00%	20,00%	7,10%
Total	Nº	9	43	12	25	14
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 42 - Importância da melhoria de salário na motivação, segundo Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Exigência da Legislação

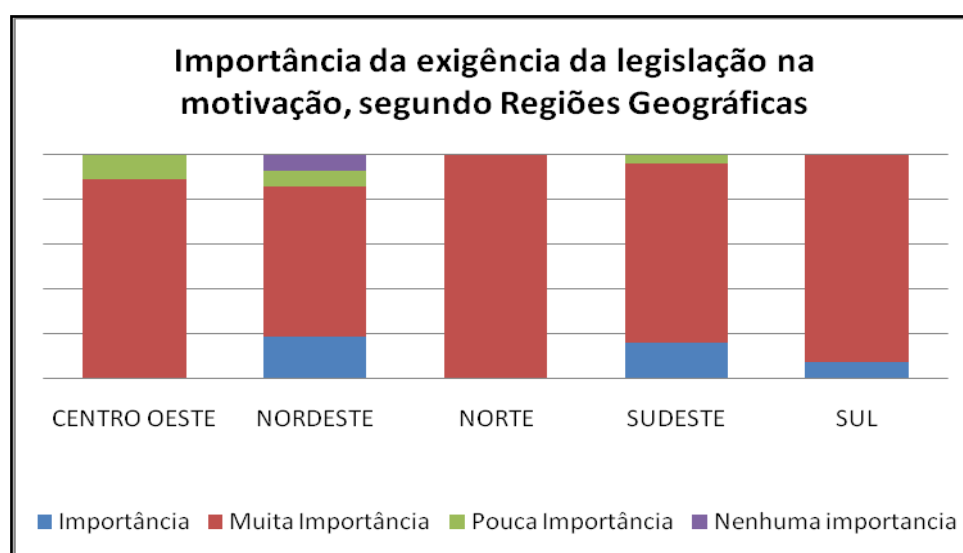
Em relação à Exigência da legislação, 79% dos entrevistados avaliaram com “muita importância” e apenas 7% atribuíram pouca ou nenhuma importância. Entre os entrevistados do Centro Oeste, 89% responderam que esse estímulo foi muito importante e 11% pouca importância. Para os do Nordeste, 67% atribuíram muita importância, 18% importância, 7% pouca importância e 7% nenhuma importância. Para os do Norte, 100% atribuíram muita importância. Para os do Sudeste, 80% atribuíram muita importância, 16% importância e 4% atribuíram pouca importância. Para os entrevistados da Região Sul, 92% atribuíram muita importância e 7% importância à Exigência da legislação.

Tabela 29 – Importância da exigência da legislação na motivação, segundo Regiões Geográficas

Importância da Exigência da Legislação		Região				
		CENTRO OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL
Importância	Nº	0	8	0	4	1
	%	0,00%	18,60%	0,00%	16,00%	7,10%
Muita Importância	Nº	8	29	12	20	13
	%	88,90%	67,40%	100,00%	80,00%	92,90%
Nenhuma Importância	Nº	0	3	0	0	0
	%	0,00%	7,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Pouca Importância	Nº	1	3	0	1	0
	%	11,10%	7,00%	0,00%	4,00%	0,00%
Total	Nº	9	43	12	25	14
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 43 - Importância da exigência da legislação na motivação, segundo Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

3.3.7. Dificuldades identificadas nos cursos do PROFAE

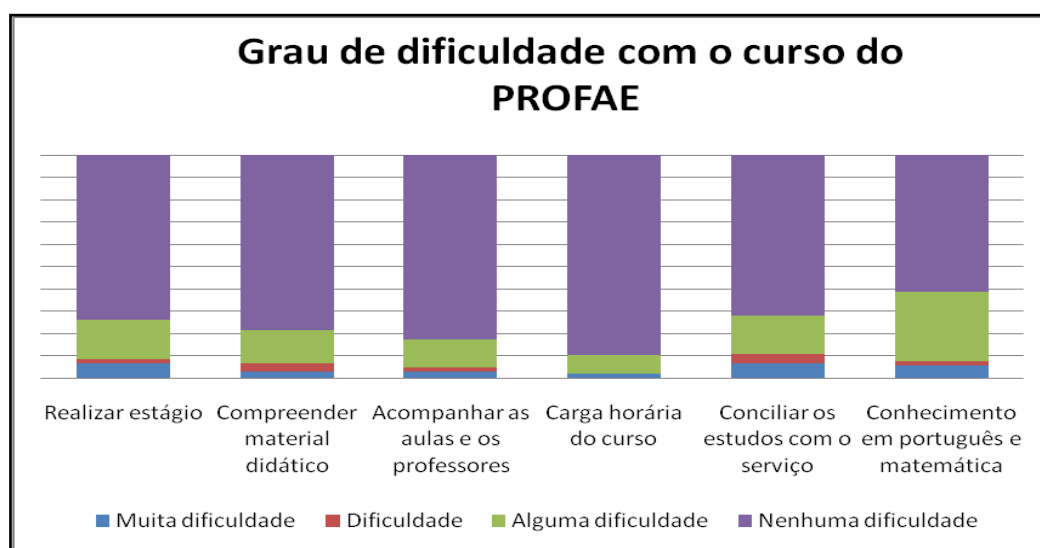
A pesquisa buscou identificar o grau de dificuldade que os egressos dos cursos do PROFAE encontraram em alguns aspectos. As dificuldades foram apresentadas aos entrevistados, de forma estimulada, e oferecida uma escala com as seguintes categorias: Muita dificuldade, Dificuldade, Alguma dificuldade e Nenhuma dificuldade.

Tabela 30 – Grau de dificuldade atribuído às dificuldades encontradas pelos egressos do PROFAE

Dificuldades encontradas	Muita dificuldade		Dificuldade		Alguma dificuldade		Nenhuma dificuldade	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Realizar estágio	7	6,8	2	1,9	18	17,5	76	73,8
Compreender material didático	3	2,9	4	3,9	15	14,6	81	78,6
Acompanhar as aulas e os professores	3	2,9	2	1,9	13	12,6	85	82,5
Carga horária do curso	2	1,9	0	0	9	8,7	92	89,3
Conciliar os estudos com o serviço	7	6,8	4	3,9	18	17,5	74	71,8
Conhecimento em português e matemática	6	5,8	2	1,9	32	31,1	63	61,2

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 44 - Grau de dificuldade atribuído às dificuldades encontradas pelos egressos do PROFAE



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Realização de estágio

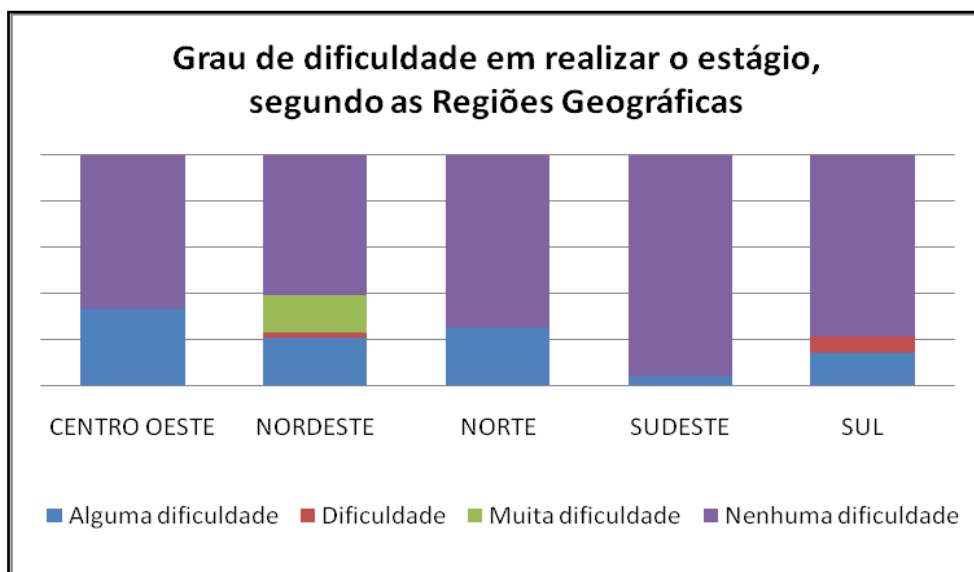
Em relação à realização de estágio, 73% dos entrevistados alegaram não ter tido nenhuma dificuldade, 17% alguma dificuldade, 6% muita dificuldade e 1% dificuldade. Entre os entrevistados do Centro oeste, 66% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade para realizar estágio e 33% alguma dificuldade. Entre os do Nordeste, 60% alegaram nenhuma dificuldade, 20% alguma dificuldade, 16% muita dificuldade e 2% dificuldade. Entre os do Norte, 75% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade e 25% alguma dificuldade. Entre os do Sudeste, 96% alegaram não ter tido dificuldade e 4% alguma dificuldade. Entre os do Sul, 78% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade, 14% alguma dificuldade e 7% dificuldade de realizar estágio.

Tabela 31 – Grau de dificuldade em realizar o estágio, segundo as Regiões Geográficas

Nível de dificuldade	Região									
	CENTRO OESTE		NORDESTE		NORTE		SUDESTE		SUL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alguma dificuldade	3	33,3	9	20,9	3	25,0	1	4,0	2	14,3
Dificuldade	0	0,0	1	2,3	0	0,0	0	0,0	1	7,1
Muita dificuldade	0	0,0	7	16,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Nenhuma dificuldade	6	66,7	26	60,5	9	75,0	24	96,0	11	78,6
Total	9	100	43	100	12	100	25	100	14	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 45 - Grau de dificuldade em realizar o estágio, segundo as Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Compreensão do material didático

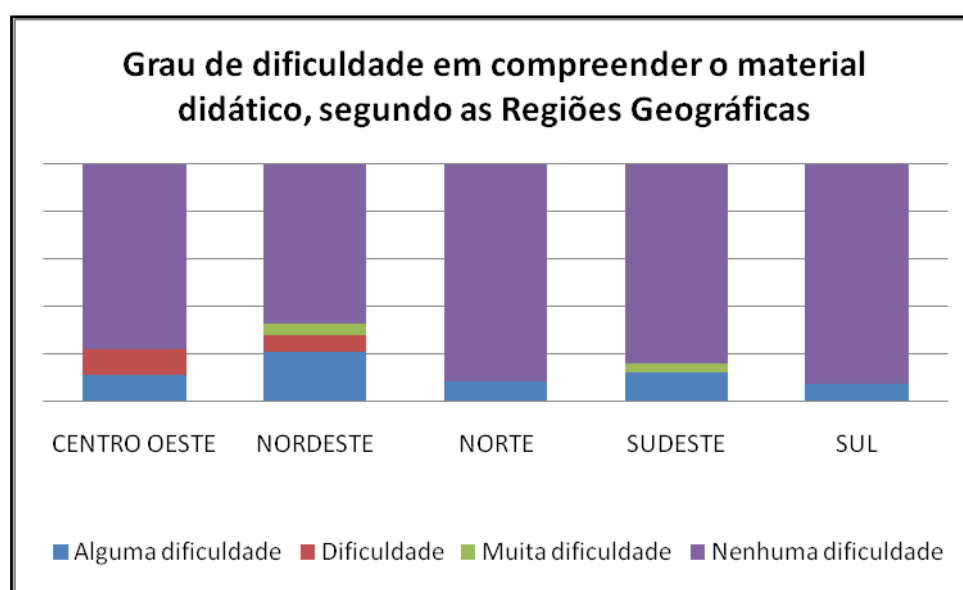
Em relação à compreensão do material didático utilizado, 78% dos entrevistados alegaram não ter tido nenhuma dificuldade, 14% alguma dificuldade, 3% dificuldade e 2% muita dificuldade. Entre os entrevistados do Centro oeste, 77% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade para compreender o material didático, 11% dificuldade e 11% alguma dificuldade. Entre os do Nordeste, 67% alegaram nenhuma dificuldade, 20% alguma dificuldade, 4% muita dificuldade e 7% dificuldade. Entre os do Norte, 91% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade e 8% alguma dificuldade. Entre os do Sudeste, 84% alegaram não ter tido dificuldade, 12% de alguma dificuldade e 4% de muita dificuldade. Entre os do Sul, 92% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade e 7% alguma dificuldade em compreender o material didático.

Tabela 32 – Grau de dificuldade em compreender o material didático, segundo as Regiões Geográficas

Nível de dificuldade	Região									
	CENTRO OESTE		NORDESTE		NORTE		SUDESTE		SUL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alguma dificuldade	1	11,1	9	20,9	1	8,3	3	12,0	1	7,1
Dificuldade	1	11,1	3	7,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Muita dificuldade	0	0,0	2	4,7	0	0,0	1	4,0	0	0,0
Nenhuma dificuldade	7	77,8	29	67,4	11	91,7	21	84,0	13	92,9
Total	9	100,	43	100,	12	100,	25	100,	14	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 46 - Grau de dificuldade em compreender o material didático, segundo as Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Dificuldade de acompanhar as aulas e os professores

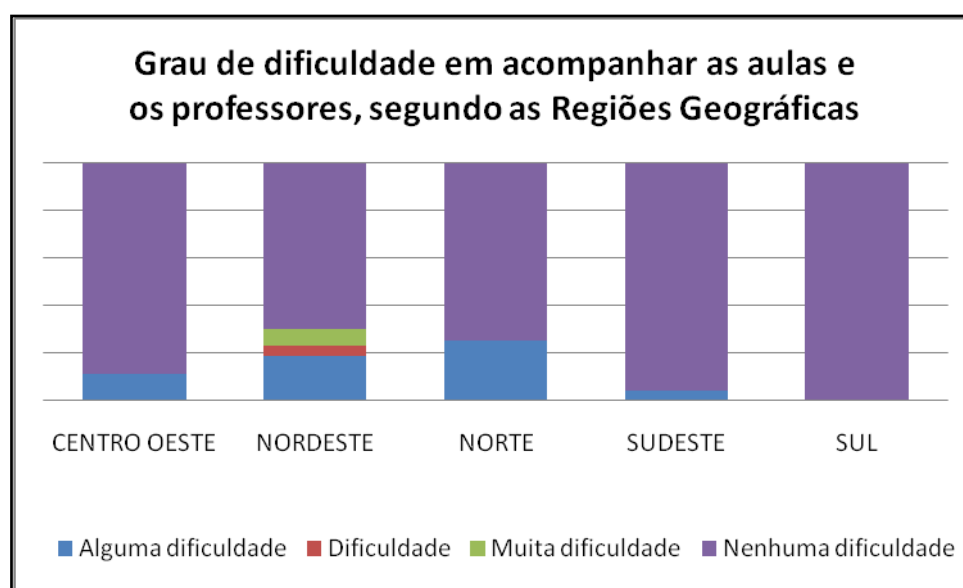
Em relação a dificuldades de acompanhar as aulas e os professores, 82% dos entrevistados alegaram não ter tido nenhuma dificuldade, 12% alguma dificuldade, 2% muita dificuldade e 1% dificuldade. Entre os entrevistados do Centro oeste, 88% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade para acompanhar as aulas e os professores e 11% alguma dificuldade. Entre os do Nordeste, 69% alegaram nenhuma dificuldade, 18% alguma dificuldade, 7% muita dificuldade e 4% dificuldade. Entre os do Norte, 75% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade e 25% alguma dificuldade. Entre os do Sudeste, 96% alegaram não ter tido dificuldade e 4% alguma dificuldade. Entre os do Sul, 100% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade em acompanhar as aulas e os professores.

Tabela 33 – Grau de dificuldade em acompanhar as aulas e os professores, segundo as Regiões Geográficas

Nível de dificuldade	Região									
	CENTRO OESTE		NORDESTE		NORTE		SUDESTE		SUL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alguma dificuldade	1	11,1	8	18,6	3	25	1	4	0	0
Dificuldade	0	0	2	4,7	0	0	0	0	0	0
Muita dificuldade	0	0	3	7	0	0	0	0	0	0
Nenhuma dificuldade	8	88,9	30	69,8	9	75	24	96	14	100
Total	9	100	43	100	12	100	25	100	14	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 47 - Grau de dificuldade em acompanhar as aulas e os professores, segundo as Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Carga horária do curso

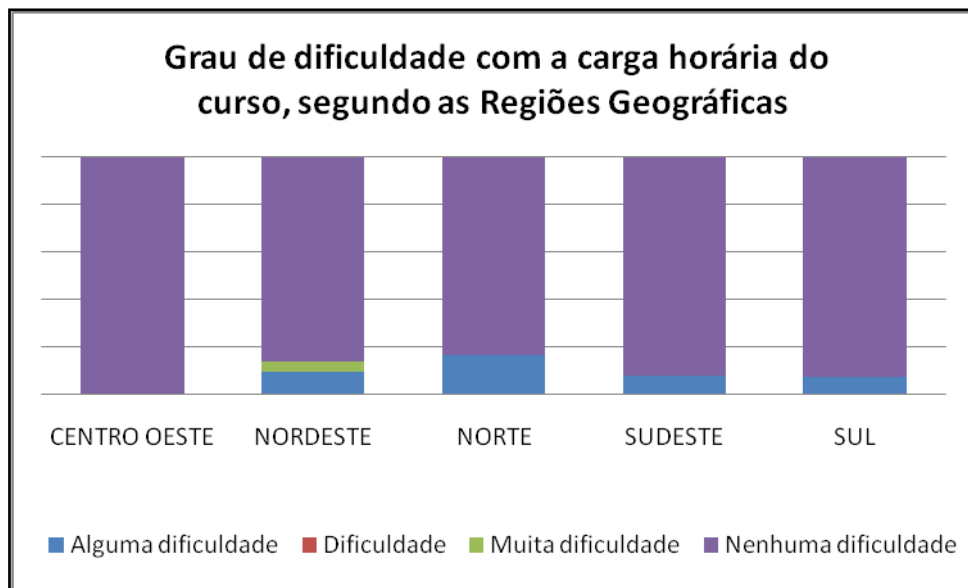
Em relação à carga horária do curso, 89% dos entrevistados alegaram não ter tido nenhuma dificuldade, 8% dificuldade e 1% muita dificuldade. Entre os entrevistados do Centro oeste, 100% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade com a carga horária dos cursos. Entre os do Nordeste, 86% alegaram nenhuma dificuldade e 9% alguma dificuldade. Entre os do Norte, 83% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade e 16% alguma dificuldade. Entre os do Sudeste, 92% alegaram não ter tido dificuldade e 8% alguma dificuldade. Entre os do Sul, 92% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade e 75 alguma dificuldade com a carga horária dos cursos.

Tabela 34 – Grau de dificuldade com a carga horária do curso, segundo as Regiões Geográficas

Nível de dificuldade	Região									
	CENTRO OESTE		NORDESTE		NORTE		SUDESTE		SUL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alguma dificuldade	0	0	4	9,3	2	16,7	2	8,0	1	7,1
Muita dificuldade	0	0	2	4,7	0	0	0	0	0	0
Nenhuma dificuldade	9	100	37	86,0	10	83,3	23	92,0	13	92,9
Total	9	100	43	100	12	100	25	100	14	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 48 - Grau de dificuldade com a carga horária do curso, segundo as Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Conciliação entre estudos e trabalho

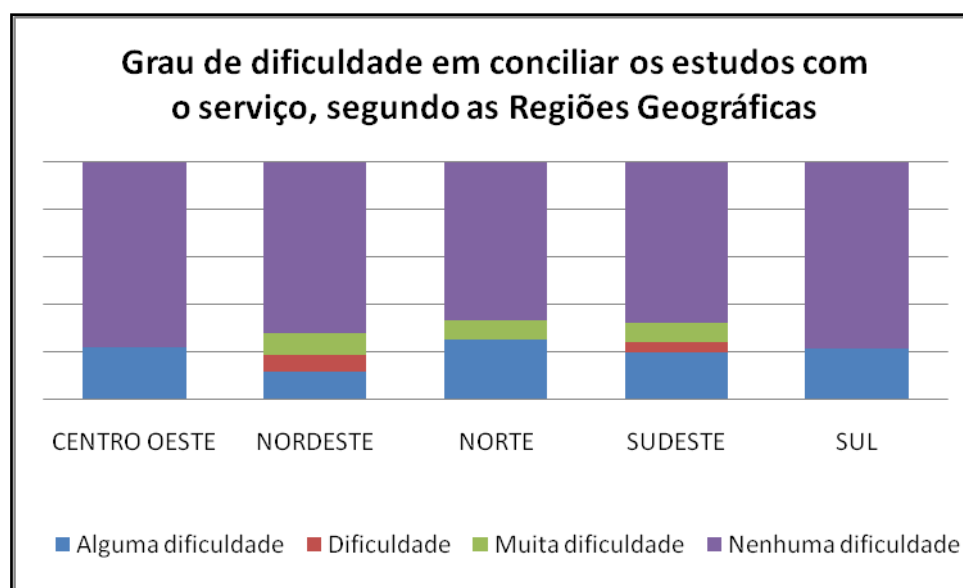
Em relação a conciliar os estudos com o serviço, 71% dos entrevistados alegaram não ter tido nenhuma dificuldade, 17% pouca dificuldade, 6% nenhuma dificuldade e 3% dificuldade. Entre os entrevistados do Centro oeste, 77% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade em conciliar os estudos com o serviço e 22% alguma dificuldade. Entre os do Nordeste, 72% alegaram nenhuma dificuldade, 11% alguma dificuldade, 9% muita dificuldade e 7% dificuldade. Entre os do Norte, 66% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade, 25% alguma dificuldade e 8% muita dificuldade. Entre os do Sudeste, 68% alegaram não ter tido dificuldade, 20% alguma dificuldade e 4% dificuldade. Entre os do Sul, 78% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade e 21% alguma dificuldade em conciliar os estudos com o serviço.

Tabela 35 – Grau de dificuldade em conciliar os estudos com o serviço, segundo as Regiões Geográficas

Nível de dificuldade	Região									
	CENTRO OESTE		NORDESTE		NORTE		SUDESTE		SUL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alguma dificuldade	2	22,2	5	11,6	3	25,0	5	20,0	3	21,4
Dificuldade	0	0	3	7,0	0	0,0	1	4,0	0	0,0
Muita dificuldade	0	0	4	9,3	1	8,3	2	8,0	0	0,0
Nenhuma dificuldade	7	77,8	31	72,1	8	66,7	17	68,0	11	78,6
Total	9	100	43	100	12	100	25	100	14	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 49 - Grau de dificuldade em conciliar os estudos com o serviço, segundo as Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Conhecimentos de português e matemática

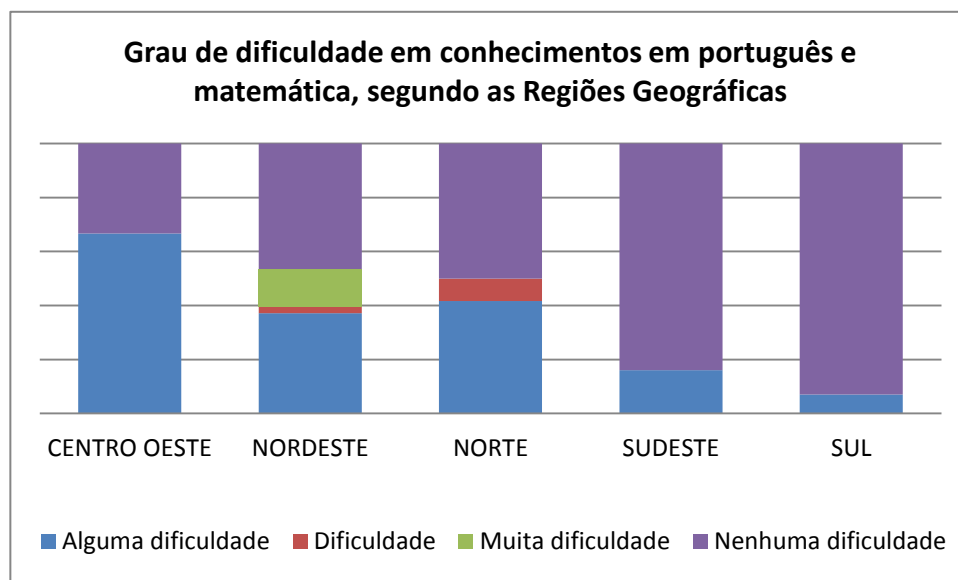
Em relação aos conhecimentos em português e matemática, 61% dos entrevistados alegaram não ter tido nenhuma dificuldade, 31% alguma dificuldade, 5% muita dificuldade e 1% dificuldade. Entre os entrevistados do Centro oeste, 33% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade com os conhecimentos de português e matemática e 66% alguma dificuldade. Entre os do Nordeste, 46% alegaram nenhuma dificuldade, 37% alguma dificuldade, 14% muita dificuldade e 2% dificuldade. Entre os do Norte, 50% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade, 41% alguma dificuldade e 8% dificuldade. Entre os do Sudeste, 84% alegaram não ter tido dificuldade e 16% alguma dificuldade. Entre os do Sul, 92% alegaram não ter tido nenhuma dificuldade e 7% alegaram ter tido alguma dificuldade com os conhecimentos de português e matemática.

Tabela 36 – Grau de dificuldade em conhecimentos em português e matemática, segundo as Regiões Geográficas

Nível de dificuldade	Região									
	CENTRO OESTE		NORDESTE		NORTE		SUDESTE		SUL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alguma dificuldade	6	66,7	16	37,2	5	41,7	4	16	1	7,1
Dificuldade	0	0	1	2,3	1	8,3	0	0	0	0
Muita dificuldade	0	0	6	14	0	0	0	0	0	0
Nenhuma dificuldade	3	33,3	20	46,5	6	50	21	84	13	92,9
Total	9	100	43	100	12	100	25	100	14	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 50 - Grau de dificuldade em conhecimentos em português e matemática, segundo as Regiões Geográficas



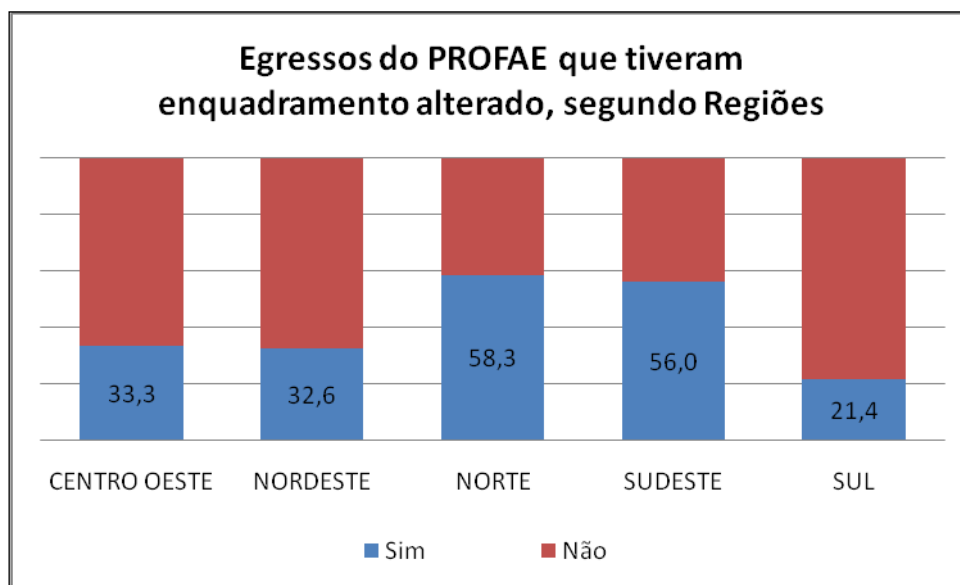
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

3.3.8. Mudanças no enquadramento profissional após formação no PROFAE

Em relação ao enquadramento profissional, a pesquisa investigou junto aos entrevistados se houve mudança ou não, e para aqueles que responderam que não houve mudança no enquadramento profissional, foram levantados os motivos alegados pelos mesmos.

Entre os entrevistados, 39% alegaram que o enquadramento profissional mudou após o Curso do PROFAE. Quando essa informação é cruzada com a Região Geográfica da residência do entrevistado, a pesquisa aponta que a mudança de enquadramento foi mais significativa para as regiões Norte e Sudeste, com 58% e 56% respectivamente. A região Sul foi a que apresentou menor índice de mudança no enquadramento profissional entre os entrevistados.

Figura 51 – Entrevistados segundo existência de mudança no enquadramento profissional após formação no PROFAE por Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Para aqueles que afirmaram que não houve mudança no enquadramento profissional, ao ser interrogado (resposta aberta) os motivos que explicariam a não mudança, obtendo-se respostas variadas, recodificadas utilizando as categorias: Desejo Pessoal; Falta de oportunidade; Já possuía cargo de Técnico de Enfermagem; Mudança condicionada à aprovação em concurso público; Não trabalha ou saiu da área de enfermagem; e Não sabe explicar.

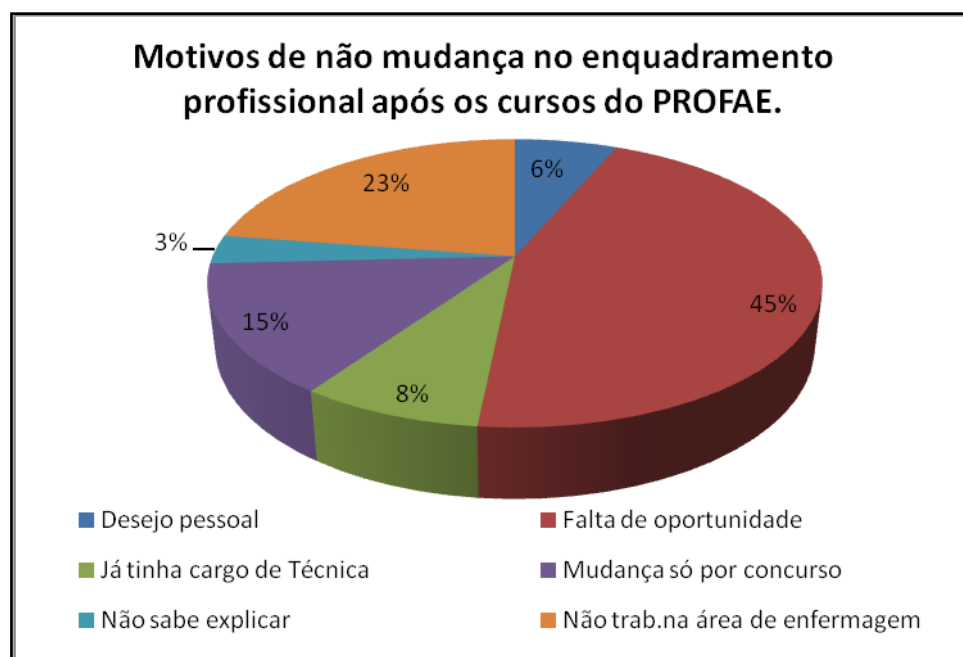
Dentre os que não tiveram o enquadramento modificado, 45% alegaram que isso se deu por falta de oportunidade, e 14% que a mudança é condicionada a aprovação em concurso, totalizando 59%. Apenas 6% informaram que a não mudança no enquadramento foi uma escolha pessoal e 8% informaram que já estavam enquadrados como Técnicos de Enfermagem quando realizaram o curso. Entre os entrevistados que não tiveram o enquadramento profissional alterado, 22% informaram que não trabalham mais na área de enfermagem ou nunca trabalharam.

Tabela 37 – Motivos atribuídos a não mudança no enquadramento profissional após formação no PROFAE

Motivos da não mudança no enquadramento	Nº	%
Desejo pessoal	4	6,45
Falta de oportunidade	28	45,16
Já tinha cargo de Técnico	5	8,06
Mudança só por concurso	9	14,52
Não sabe explicar	2	3,23
Não trabalha ou saiu da área de enfermagem	14	22,58
Total	62	100
Não se aplica	41	39,81

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 52 - Motivos atribuídos a não mudança no enquadramento profissional após formação no PROFAE



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Os motivos apresentado para a não mudança no enquadramento profissional foram então cruzadas com as Regiões geográficas dos entrevistados. Ente os egressos

do Centro Oeste, 50% alegaram que as mudanças são condicionadas a aprovação em concurso público, não dependendo de título ou capacitação, 33% alegaram que não trabalhavam ou não trabalharam na área de enfermagem e 16% alegaram que não tiveram oportunidade de mudar de enquadramento. Entre os entrevistados do Nordeste, 58% alegaram falta de oportunidade, 20% não trabalhavam ou não trabalharam na área de enfermagem, 10% não mudaram de enquadramento por falta de aprovação em concurso, 6% alegaram desejo pessoal de manter-se no enquadramento anterior e 1 entrevistado não soube explicar o motivo. Entre os entrevistados da região Norte, 60% alegaram que não trabalhavam ou não trabalham na área de enfermagem e 40% já tinham cargo de Técnico de Enfermagem antes do curso. Para os entrevistados da região Sudeste, 54% alegaram falta de oportunidade para mudar de enquadramento, 18% alegaram desejo pessoal, 18% alegaram que a mudança está condicionada a aprovação em concurso e 1 entrevistado alegou que não trabalhava ou não trabalha na área de enfermagem. Entre os entrevistados que não tiveram o enquadramento alterado, 36% alegaram falta de oportunidade, 27% alegaram já ter cargo de Técnico de Enfermagem antes do curso, 18% alegaram que não trabalhava ou não trabalha na área de enfermagem, 9% alegaram que a mudança não ocorreu, pois só é possível com aprovação em concurso e 2 entrevistados não souberam responder.

Tabela 38 – Motivos de não mudança no enquadramento profissional após os cursos do PROFAE, segundo as Regiões Geográficas

Motivos de não mudança no enquadramento	Região Geográfica										Total	
	CENTRO OESTE		NORDESTE		NORTE		SUDESTE		SUL			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Desejo pessoal	0	0,0	2	6,9	0	0,0	2	18,2	0	0,0	4	6,5
Falta de oportunidade	1	16,7	17	58,6	0	0,0	6	54,5	4	36,4	28	45,2
Já tinha cargo de Técnica	0	0,0	0	0,0	2	40,0	0	0,0	3	27,3	5	8,1
Mudança só por concurso	3	50,0	3	10,3	0	0,0	2	18,2	1	9,1	9	14,5
Não sabe explicar	0	0,0	1	3,4	0	0,0	0	0,0	1	9,1	2	3,2
Não trabalha ou saiu da área de enfermagem	2	33,3	6	20,7	3	60,0	1	9,1	2	18,2	14	22,6
Total	6	9,7	29	46,8	5	8,1	11	17,7	11	17,7	62	100,0

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

3.3.9. Mudanças ocorridas na atividade profissional e nas relações sociais após formação no PROFAE

A pesquisa buscou investigar, junto aos entrevistados, as mudanças ocorridas na atividade profissional, através de aspectos estimulados, utilizando a seguinte escala de categorias de avaliação: Melhorou muito, Melhorou um pouco, Ficou igual e Piorou.

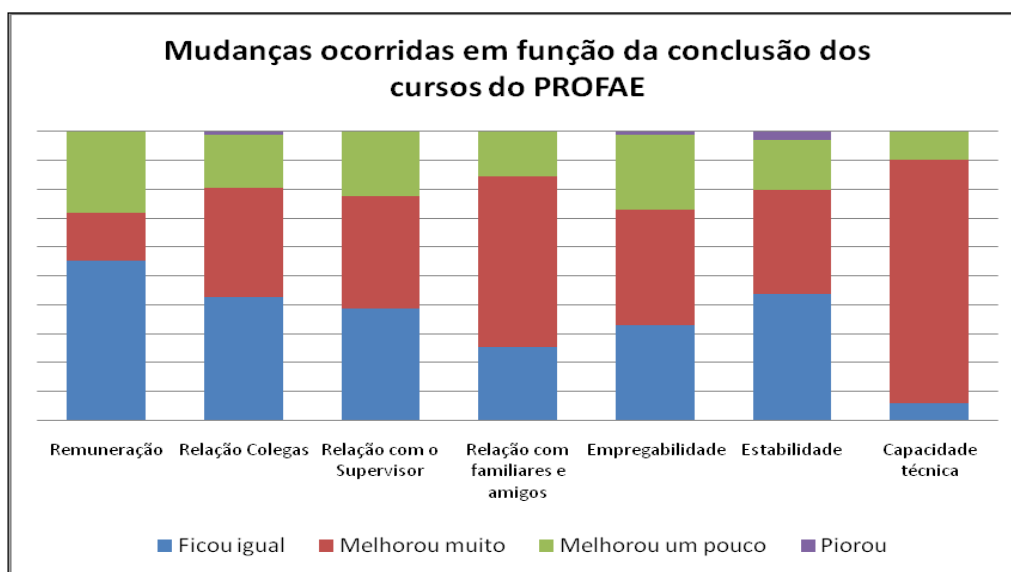
Em todos os aspectos apresentados, a avaliação dos entrevistados é que os cursos do PROFAE trouxeram melhorias importantes, com a soma das categorias melhorou muito e melhorou um pouco superando a soma das demais. A única exceção foi registrada para remuneração, que a maioria informou que os cursos não representaram mudanças nesse aspecto em suas vidas profissionais.

Tabela 39 – Avaliação das mudanças ocorridas na atividade profissional e relações sociais em função da conclusão dos cursos do PROFAE

Mudanças percebidas após PROFAE	Avaliação							
	Ficou igual		Melhorou muito		Melhorou um pouco		Piorou	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Remuneração	57	55,3	17	16,5	29	28,2	0	0
Relação com os colegas	44	42,7	39	37,9	19	18,4	1	1
Relação com os supervisores	40	38,8	40	38,8	23	22,3	0	0
Relação com familiares e amigos	26	25,2	61	59,2	16	15,5	0	0
Empregabilidade	34	33	41	39,8	27	26,2	1	1
Estabilidade profissional	45	43,7	37	35,9	18	17,5	3	2,9
Capacidade técnica	6	5,8	87	84,5	10	9,7	0	0

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 53 - Avaliação das mudanças ocorridas na atividade profissional e relações sociais em função da conclusão dos cursos do PROFAE



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Remuneração

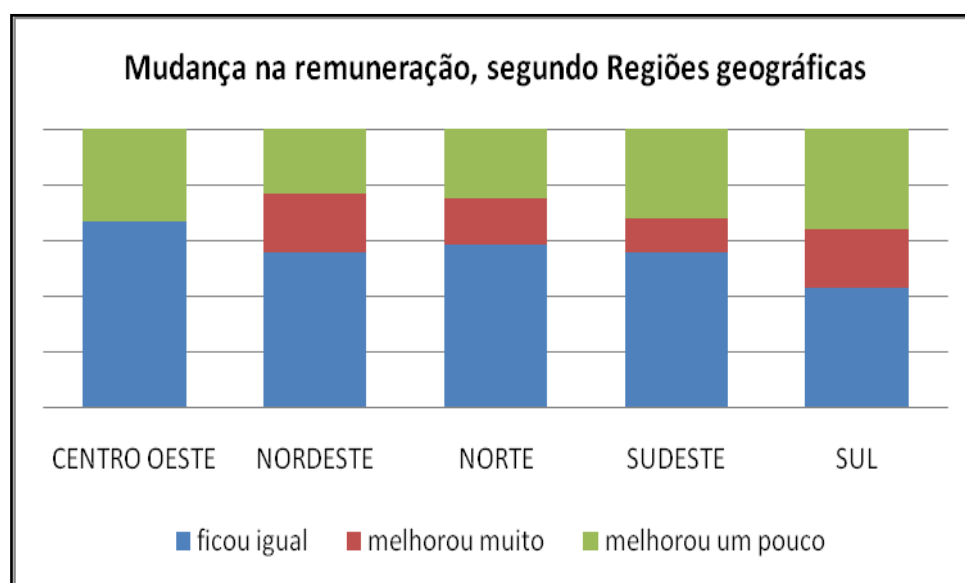
Para o aspecto “remuneração”, 55% dos entrevistados informaram que após o curso do PROFAE, a remuneração ficou igual, 28% informaram que melhorou um pouco, 16% que melhorou muito e nenhum entrevistado informou que a remuneração piorou. Regionalmente, entre os entrevistados do Centro Oeste, 66% informaram que a remuneração ficou igual e 33% que melhorou um pouco. Entre os entrevistados do Nordeste, 55% informaram que a remuneração permaneceu a mesma, 23% que melhorou um pouco e 20% informaram que melhorou muito. Entre os entrevistados da Região Norte, 58% não tiveram mudança na remuneração, enquanto 25% alegaram que melhorou um pouco e 16% que melhorou muito. Entre os entrevistados da região Sudeste, a remuneração permaneceu a mesma entre 58%, melhorou um pouco entre 32% e melhorou muito entre 12%. Entre os entrevistados da região Sul, 42% alegaram que a remuneração permaneceu a mesma, 35% que melhorou um pouco e 21% que melhorou muito.

Tabela 40 – Mudanças na remuneração segundo as Regiões geográficas

Regiões Geográficas	Mudança na Remuneração					
	Ficou igual		Melhorou muito		Melhorou um pouco	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CENTRO OESTE	6	66,7	0	0,0	3	33,3
NORDESTE	24	55,8	9	20,9	10	23,3
NORTE	7	58,3	2	16,7	3	25,0
SUDESTE	14	56,0	3	12,0	8	32,0
SUL	6	42,9	3	21,4	5	35,7
Total	57	55,3	17	16,5	29	28,2

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 54 - Mudanças ocorridas na remuneração segundo as Regiões geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Relação com os colegas de trabalho

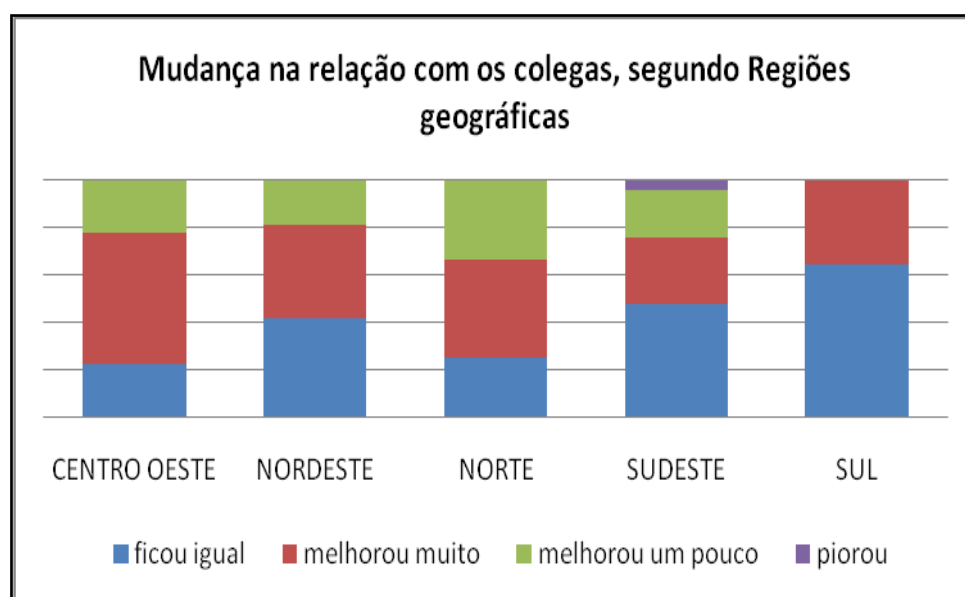
Com relação ao aspecto “relação com os colegas de trabalho”, 42% dos entrevistados informaram que esse aspecto ficou igual após o curso do PROF AE, enquanto 37% informaram que melhorou muito, 18% que melhorou um pouco e apenas 1 entrevistado afirmou que sua relação com os colegas piorou. Regionalmente, entre os entrevistados do Centro Oeste, 22% informaram que a relação com os colegas ficou igual, 55% que melhorou muito e 22% que melhorou um pouco. Entre os entrevistados do Nordeste, 41% informaram que a relação com os colegas permaneceu a mesma, 19% que melhorou um pouco e 39% informaram que melhorou muito. Entre os entrevistados da Região Norte, 25% não tiveram mudança na relação com os colegas, enquanto 33% alegaram que melhorou um pouco e 41% que melhorou muito. Entre os entrevistados da região Sudeste, a relação com os colegas permaneceu igual entre 48%, melhorou um pouco entre 20% e melhorou muito entre 28%. Entre os entrevistados da região Sul, 64% alegaram que a relação com os colegas permaneceu a mesma e 35% que melhorou muito.

Tabela 41 – Mudanças na relação com os colegas segundo as Regiões geográficas

Regiões Geográficas	Mudança na relação com os Colegas							
	Ficou igual		Melhorou muito		Melhorou um pouco		Piorou	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CENTRO OESTE	2	22,2	5	55,6	2	22,2	0	0,0
NORDESTE	18	41,9	17	39,5	8	18,6	0	0,0
NORTE	3	25,0	5	41,7	4	33,3	0	0,0
SUDESTE	12	48,0	7	28,0	5	20,0	1	4,0
SUL	9	64,3	5	35,7	0	0,0	0	0,0
Total	44	42,7	39	37,9	19	18,4	1	1,0

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 55 - Mudanças ocorridas na relação com os segundo as Regiões geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Relação com os supervisores

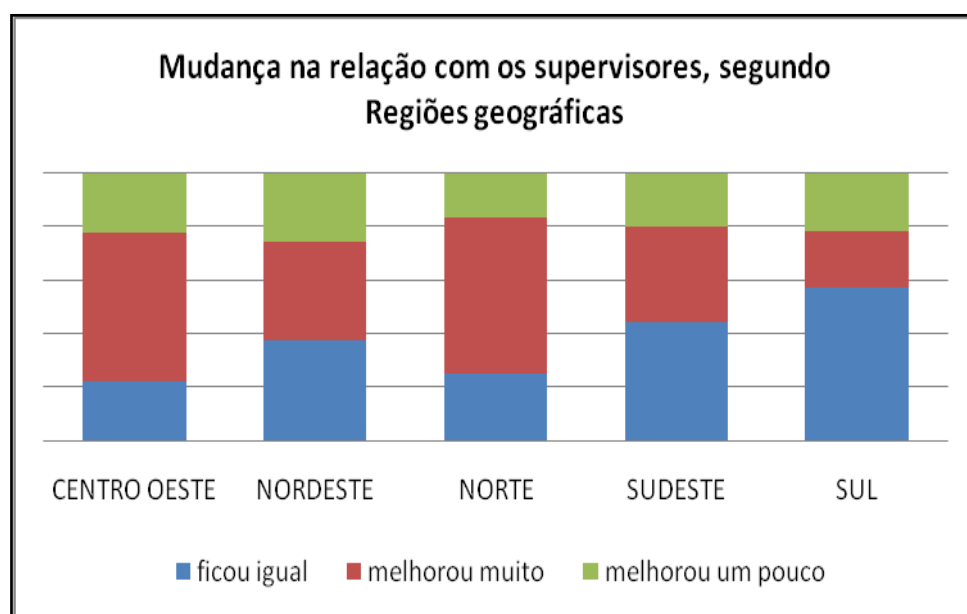
Em relação ao aspecto “relação com os supervisores”, 38% dos entrevistados informou que, após os cursos do PROFAE, a relação com os supervisores melhorou muito, outros 38% informaram que ficou igual e 22% informaram que melhorou um pouco. Regionalmente, entre os entrevistados do Centro Oeste, 22% informaram que a relação com os superiores ficou igual, 55% que melhorou muito e 22% que melhorou um pouco. Entre os entrevistados do Nordeste, 37% informaram que a relação com os superiores permaneceu a mesma, 25% que melhorou um pouco e 37% informaram que melhorou muito. Entre os entrevistados da Região Norte, 25% não tiveram mudança na relação com os superiores, enquanto 16% alegaram que melhorou um pouco e 58% que melhorou muito. Entre os entrevistados da região Sudeste, a relação com os superiores permaneceu igual entre 44%, melhorou um pouco entre 20% e melhorou muito entre 36%. Entre os entrevistados da região Sul, 57% alegaram que a relação com os superiores permaneceu a mesma, 22% que melhorou um pouco e 21% que melhorou muito.

Tabela 42 – Mudanças na relação com os superiores segundo as Regiões geográficas

Regiões Geográficas	Mudança na Relação com o Supervisor					
	Ficou igual		Melhorou muito		Melhorou um pouco	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CENTRO OESTE	2	22,2	5	55,6	2	22,2
NORDESTE	16	37,2	16	37,2	11	25,6
NORTE	3	25,0	7	58,3	2	16,7
SUDESTE	11	44,0	9	36,0	5	20,0
SUL	8	57,1	3	21,4	3	21,4
Total	40	38,8	40	38,8	23	22,3

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 56 - Mudanças ocorridas na relação com os supervisores segundo as Regiões geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Relação com familiares e amigos

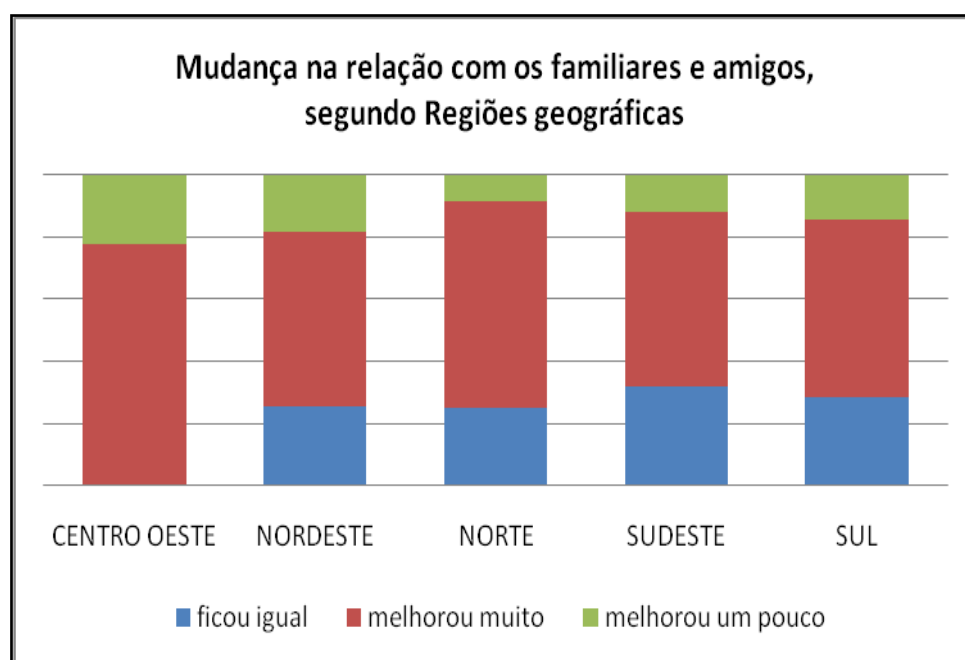
Em relação ao aspecto “relação com familiares e amigos”, 59% dos entrevistados informaram que esse aspecto melhorou muito, 25% que ficou igual e 15% que melhorou um pouco. Regionalmente, entre os entrevistados do Centro Oeste, 77% afirmaram que a relação com os familiares e amigos melhorou muito e 22% que melhorou um pouco. Entre os entrevistados do Nordeste, 37% informaram que a relação com os familiares e amigos permaneceu a mesma, 18% que melhorou um pouco e 55% informaram que melhorou muito. Entre os entrevistados da Região Norte, 25% não tiveram mudança na relação com os familiares e amigos, enquanto 8% alegaram que melhorou um pouco e 66% que melhorou muito. Entre os entrevistados da região Sudeste, a relação com os familiares e amigos permaneceu igual entre 32%, melhorou um pouco entre 12% e melhorou muito entre 56%. Entre os entrevistados da região Sul, 28% alegaram que a relação com os familiares e amigos permaneceu a mesma, 14% que melhorou um pouco e 57% que melhorou muito.

Tabela 43 – Mudanças na relação com familiares e amigos segundo as Regiões geográficas

Regiões Geográficas	Mudança na Relação com familiares e amigos					
	Ficou igual		Melhorou muito		Melhorou um pouco	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CENTRO OESTE	0	0,0	7	77,8	2	22,2
NORDESTE	11	25,6	24	55,8	8	18,6
NORTE	3	25,0	8	66,7	1	8,3
SUDESTE	8	32,0	14	56,0	3	12,0
SUL	4	28,6	8	57,1	2	14,3
Total	26	25,2	61	59,2	16	15,5

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 57 - Mudanças ocorridas na relação com os familiares e amigos segundo as Regiões geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Empregabilidade

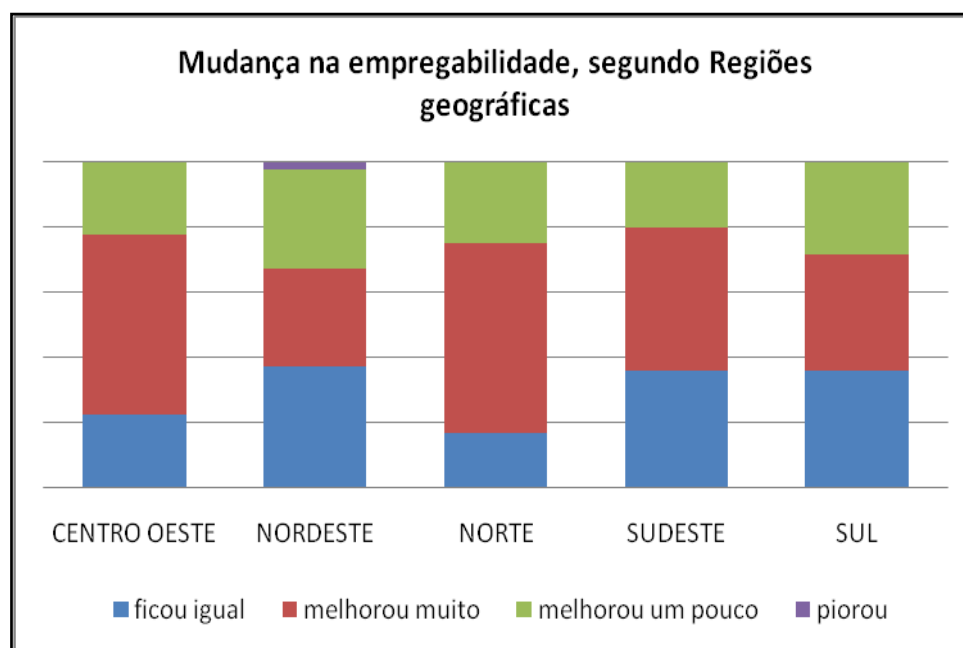
Em relação ao aspecto “empregabilidade”, 39% dos entrevistados alegaram que a empregabilidade melhorou muito após o término do curso do PROFAE, 33% que ficou igual, 26% que melhorou um pouco e apenas 1 entrevistado informou que sua empregabilidade piorou. Regionalmente, entre os entrevistados do Centro Oeste, 22% afirmaram que a empregabilidade ficou igual, 55% melhorou muito e 22% que melhorou um pouco. Entre os entrevistados do Nordeste, 37% informaram que a empregabilidade permaneceu a mesma, 30% que melhorou um pouco, 30% informaram que melhorou muito e 2% afirmaram que a empregabilidade piorou. Entre os entrevistados da Região Norte, 16% não tiveram mudança na empregabilidade, enquanto 25% alegaram que melhorou um pouco e 58% que melhorou muito. Entre os entrevistados da região Sudeste, a empregabilidade permaneceu igual entre 36%, melhorou um pouco entre 20% e melhorou muito entre 44%. Entre os entrevistados da região Sul, 35% alegaram que a empregabilidade permaneceu a mesma, 26% que melhorou um pouco e 39% que melhorou muito.

Tabela 44 – Mudanças na empregabilidade segundo as Regiões geográficas

Regiões Geográficas	Mudança na Empregabilidade							
	Ficou igual		Melhorou muito		Melhorou um pouco		Piorou	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CENTRO OESTE	2	22,2	5	55,6	2	22,2	0	0,0
NORDESTE	16	37,2	13	30,2	13	30,2	1	2,3
NORTE	2	16,7	7	58,3	3	25,0	0	0,0
SUDESTE	9	36,0	11	44,0	5	20,0	0	0,0
SUL	5	35,7	5	35,7	4	28,6	0	0,0
Total	34	33,0	41	39,8	27	26,2	1	1,0

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 58 - Mudanças ocorridas na empregabilidade segundo as Regiões geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Estabilidade profissional

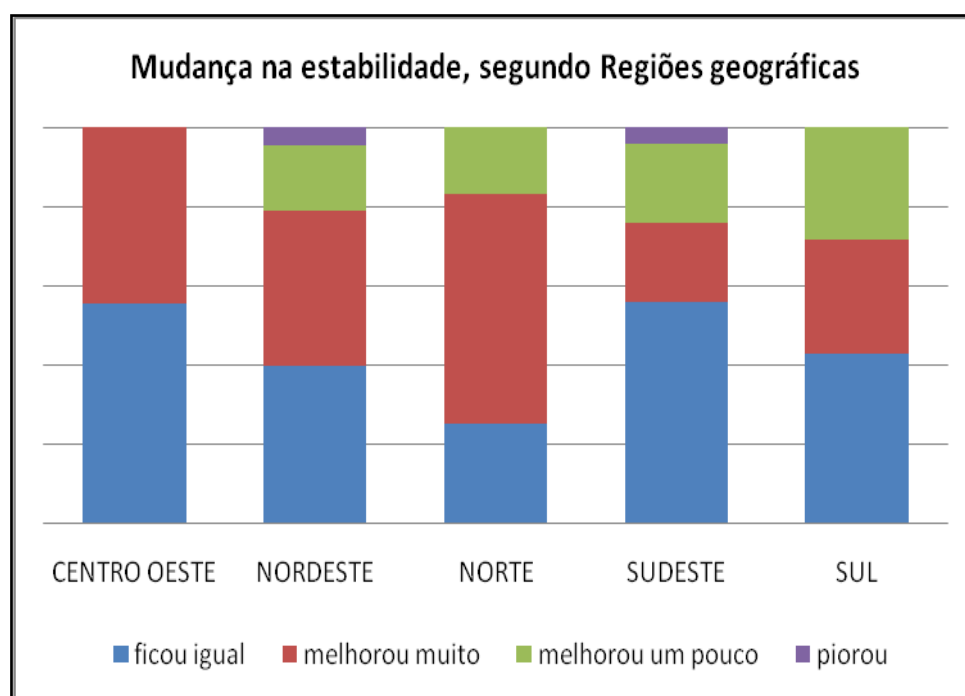
Com relação ao aspecto “estabilidade profissional”, 43% dos entrevistados informaram que a estabilidade no emprego ficou igual, 35% que melhorou muito, 17% que melhorou um pouco e 2% que piorou. Regionalmente, entre os entrevistados do Centro Oeste, 55% afirmaram que a estabilidade ficou igual e 44% que melhorou muito. Entre os entrevistados do Nordeste, 39% informaram que a estabilidade permaneceu a mesma, 16% que melhorou um pouco, 39% informaram que melhorou muito. Entre os entrevistados da Região Norte, 25% não tiveram mudança na estabilidade enquanto 16% alegaram que melhorou um pouco e 58% que melhorou muito. Entre os entrevistados da região Sudeste, a estabilidade permaneceu igual entre 56%, melhorou um pouco entre 20% e melhorou muito entre 20% e 4% alegaram que a estabilidade piorou. Entre os entrevistados da região Sul, 42% alegaram que a estabilidade permaneceu a mesma, 26% que melhorou um pouco e 28% que melhorou muito.

Tabela 45 – Mudanças na estabilidade profissional segundo as Regiões geográficas

Regiões Geográficas	Mudança na Estabilidade							
	Ficou igual		Melhorou muito		Melhorou um pouco		Piorou	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CENTRO OESTE	5	55,6	4	44,4	0	0,0	0	0,0
NORDESTE	17	39,5	17	39,5	7	16,3	2	4,7
NORTE	3	25,0	7	58,3	2	16,7	0	0,0
SUDESTE	14	56,0	5	20,0	5	20,0	1	4,0
SUL	6	42,9	4	28,6	4	28,6	0	0,0
Total	45	43,7	37	35,9	18	17,5	3	2,9

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 59 - Mudanças ocorridas na estabilidade profissional segundo as Regiões geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Capacidade técnica

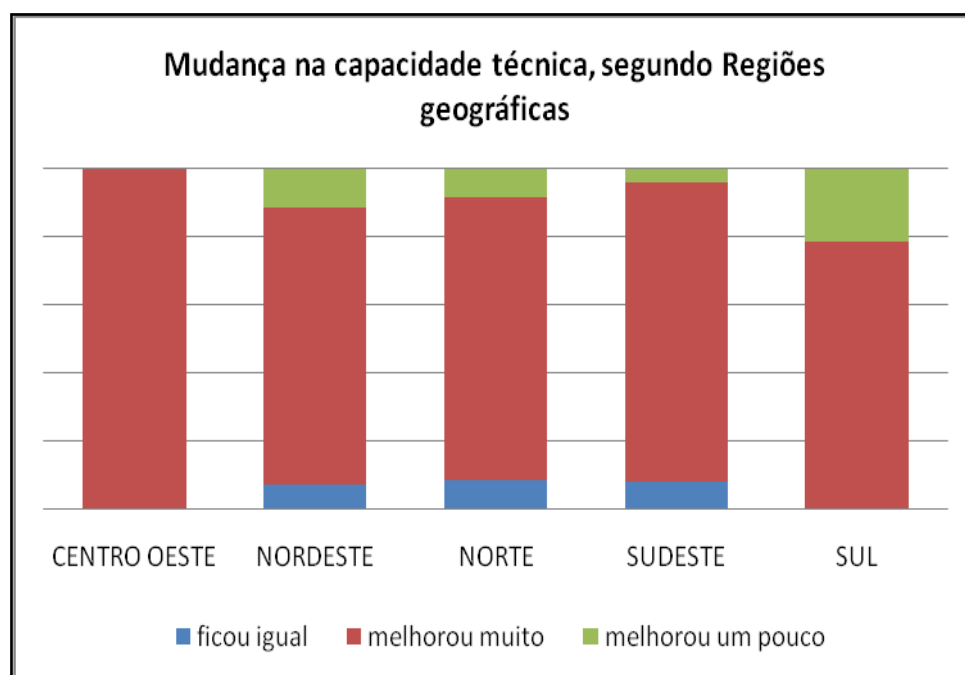
Em relação ao aspecto “capacidade técnica”, 84% dos entrevistados informaram que a capacidade técnica melhorou muito, 9% que melhorou um pouco e 5% informaram que ficou igual. Regionalmente, 100% dos entrevistados do Centro Oeste afirmaram que a capacidade técnica melhorou muito após os cursos do PROFAE. Entre os entrevistados do Nordeste, 7% informaram que a capacidade técnica permaneceu a mesma, 11% que melhorou um pouco, 81% informaram que melhorou muito. Entre os entrevistados da Região Norte, 8% não tiveram mudança na capacidade técnica enquanto 8% alegaram que melhorou um pouco e 83% que melhorou muito. Entre os entrevistados da região Sudeste, a capacidade técnica permaneceu igual para 8%, melhorou um pouco para 4% e melhorou muito para 88%. Entre os entrevistados da região Sul, 21% alegaram que a capacidade técnica melhorou um pouco e 78% que melhorou muito.

Tabela 46 – Mudanças na capacidade técnica segundo as Regiões geográficas

Regiões Geográficas	Mudança na Capacidade técnica					
	Ficou igual		Melhorou muito		Melhorou um pouco	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CENTRO OESTE	0	0,0	9	100,0	0	0,0
NORDESTE	3	7,0	35	81,4	5	11,6
NORTE	1	8,3	10	83,3	1	8,3
SUDESTE	2	8,0	22	88,0	1	4,0
SUL	0	0,0	11	78,6	3	21,4
Total	6	5,8	87	84,5	10	9,7

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 60 - Mudanças ocorridas na capacidade técnica segundo as Regiões geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

3.3.10. Avaliação sobre os aspectos relacionados à capacitação técnica oferecida pelos cursos do PROFAE

A pesquisa investigou, apresentando vários aspectos, a percepção dos entrevistados em relação à capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, através de respostas afirmativas ou negativas. Para todos os aspectos levantados, mais de 90% dos entrevistados se sentiam mais preparados, após os cursos do PROFAE, exceto no conhecimento sobre a política do SUS, para a qual apenas 82% dos entrevistados se consideram mais preparados.

Tabela 47 – Avaliação atribuída aos aspectos relacionados à capacitação técnica oferecida pelo PROFAE

Se sente mais preparado para	Nº	%
Realizar as atividades do seu trabalho	99	96,1
Usar práticas preventivas de biossegurança	98	95,1
Se relacionar com os pacientes	98	95,1
O trabalho com os colegas de equipe	97	94,2
Tomar decisões no ambiente de trabalho	97	94,2
Se relacionar com seus coordenadores	94	91,3
No conhecimento sobre a política do SUS	85	82,5

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

A percepção da capacitação, quando analisada levando em consideração a região geográfica da residência do entrevistado, indica uma variação significativa das médias de respostas positivas. A região Sul é a que apresenta, entre as respostas positivas dos entrevistados, a menor média, 89,5, seguida da região Norte (90,5), Sudeste (92,6) e Nordeste (93,0). A região Centro Oeste é a que apresentou a melhor média de percepção da capacidade adquirida nos cursos do PROFAE, 98,4.

Tabela 48 – Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, segundo as Regiões Geográficas

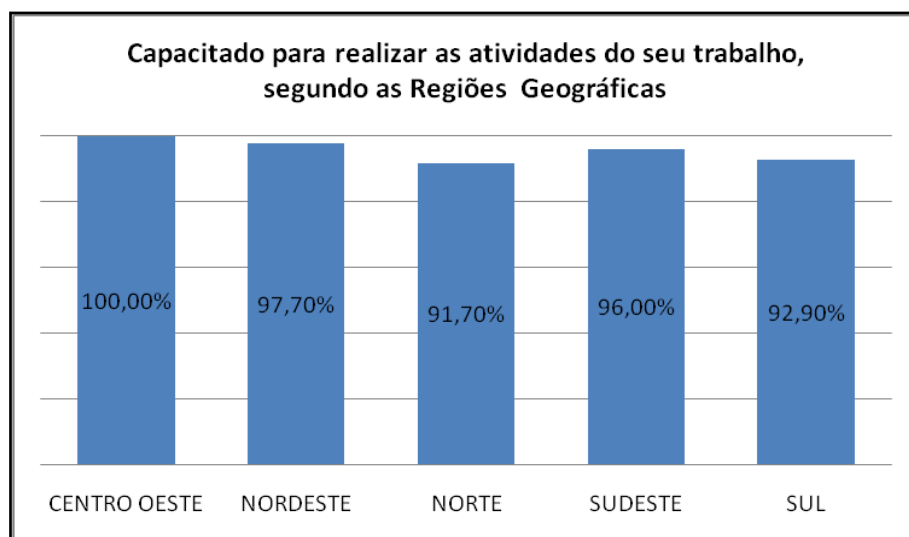
Regiões	CENTRO OESTE		NORDESTE		NORTE		SUDESTE		SUL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Realizar as atividades do seu trabalho	9	100	42	97,7	11	91,7	24	96,0	13	92,9
Usar práticas preventivas de biossegurança	9	100	41	95,3	11	91,7	24	96,0	13	92,9
Relacionar-se com os pacientes	9	100	41	95,3	11	91,7	24	96,0	13	92,9
O trabalho com os colegas de equipe	9	100	41	95,3	11	91,7	24	96,0	12	85,7
Tomar decisões no ambiente de trabalho	9	100	40	93,0	11	91,7	24	96,0	13	92,9
Relacionar-se com seus coordenadores	9	100	41	95,3	11	91,7	21	84,0	12	85,7
No conhecimento sobre a política do SUS	8	88,9	34	79,1	10	83,3	21	84,0	12	85,7
MÉDIA	98,4		93,0		90,5		92,6		89,8	

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Realizar as atividades do seu trabalho

Em relação ao sentimento de capacidade para realizar as atividades do trabalho, os entrevistados da região Norte foram os que apresentaram o menor percentual de respostas positivas, 91,7%. Entre os entrevistados das regiões Sul (92,9%), Sudeste (96%) e Nordeste (97,7%), os percentuais de respostas positivas ficaram em um nível intermediário. Os entrevistados da região Centro Oeste foram os que apresentaram o maior percentual de respostas positivas (100%)

Figura 61 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de realizar as atividades do trabalho, segundo as Regiões Geográficas

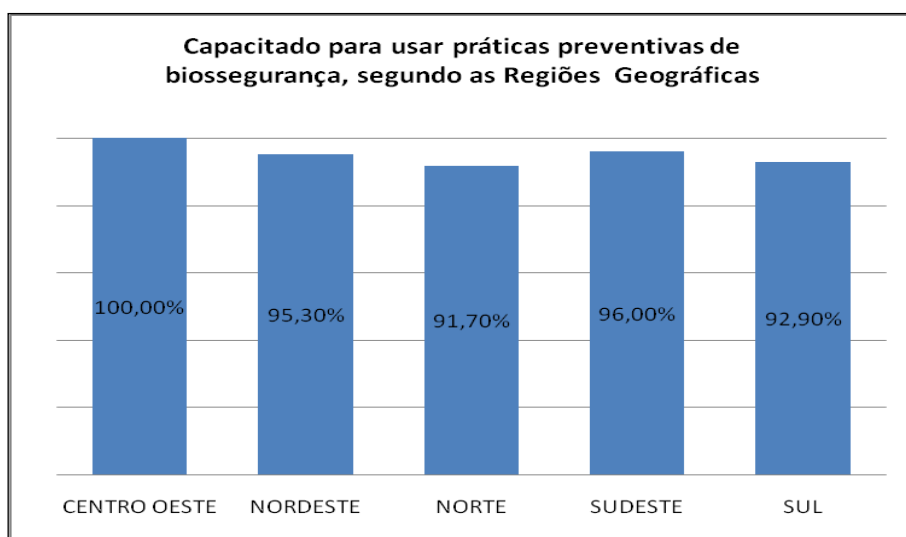


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Usar práticas preventivas de biossegurança

Em relação ao sentimento de capacidade para utilizar práticas preventivas de biossegurança, os entrevistados da região Norte foram os apresentaram o menor percentual de respostas positivas, 91,7%. Entre os entrevistados das regiões Sul (92,9%), Sudeste (96%) e Nordeste (95,3%), os percentuais de respostas positivas ficaram em um nível intermediário. Os entrevistados da região Centro Oeste foram os que apresentaram o maior percentual de respostas positivas (100%).

Figura 62 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de utilizar práticas preventivas de biossegurança, segundo as Regiões Geográficas

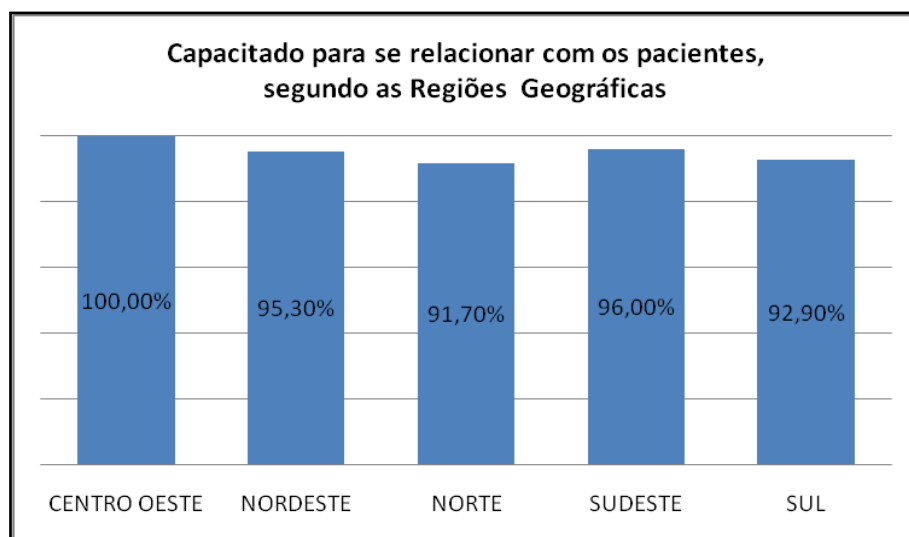


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Relacionar-se com os pacientes

Em relação ao sentimento de capacidade para relacionar com os pacientes, os entrevistados da região Norte foram os que apresentaram o menor percentual de respostas positivas, 91,7%. Entre os entrevistados das regiões Sul (92,9%), Sudeste (96%) e Nordeste (95,3%), os percentuais de respostas positivas ficaram em um nível intermediário. Os entrevistados da região Centro Oeste foram os que apresentaram o maior percentual de respostas positivas (100%).

Figura 63 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de relacionamento com os pacientes, segundo as Regiões Geográficas

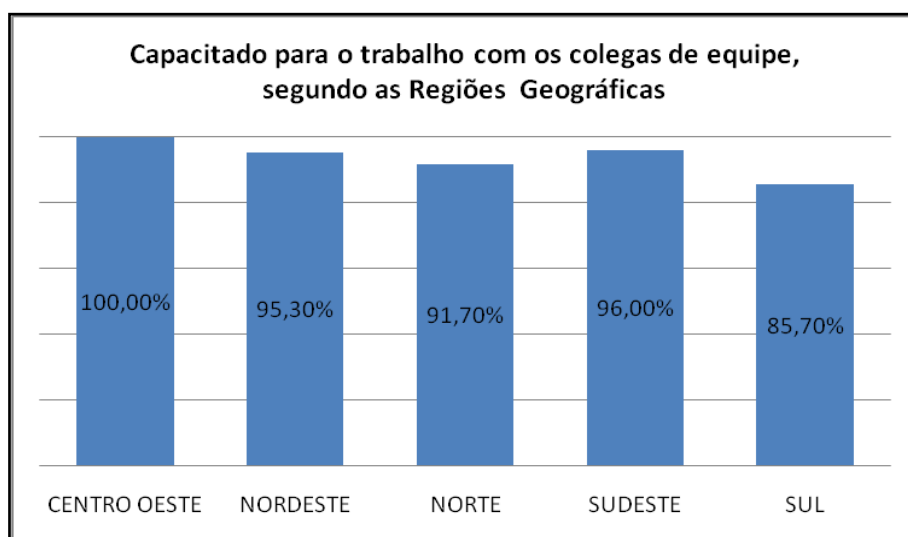


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Trabalho com os colegas de equipe

Em relação ao sentimento de capacidade o trabalho com os colegas de equipe, os entrevistados da região Sul foram os que apresentaram o menor percentual de respostas positivas, 85,7%. Entre os entrevistados das regiões Norte (91,7%), Sudeste (96%) e Nordeste (95,3%), os percentuais de respostas positivas ficaram em um nível intermediário. Os entrevistados da região Centro Oeste foram os que apresentaram o maior percentual de respostas positivas (100%)

Figura 64 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos do trabalho com os colegas de equipe, segundo as Regiões Geográficas

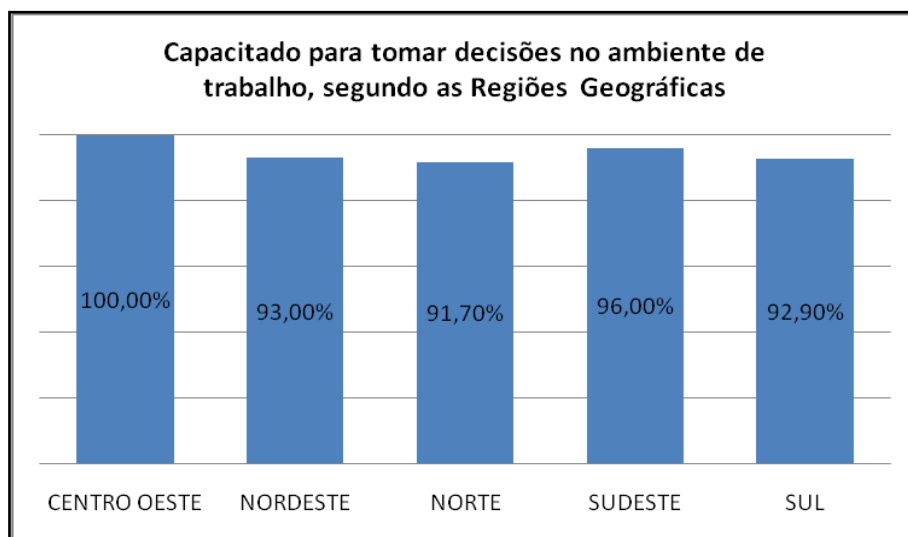


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Tomada de decisão no ambiente de trabalho

Em relação ao sentimento de capacidade de tomada de decisão no ambiente de trabalho, os entrevistados da região Norte foram os que apresentaram o menor percentual de respostas positivas, 91,7%. Entre os entrevistados das regiões Sul (92,9%), Sudeste (96%) e Nordeste (93,0%), os percentuais de respostas positivas ficaram em um nível intermediário. Os entrevistados da região Centro Oeste foram os que apresentaram o maior percentual de respostas positivas (100%)

Figura 65 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de tomada de decisão no ambiente de trabalho, segundo as Regiões Geográficas

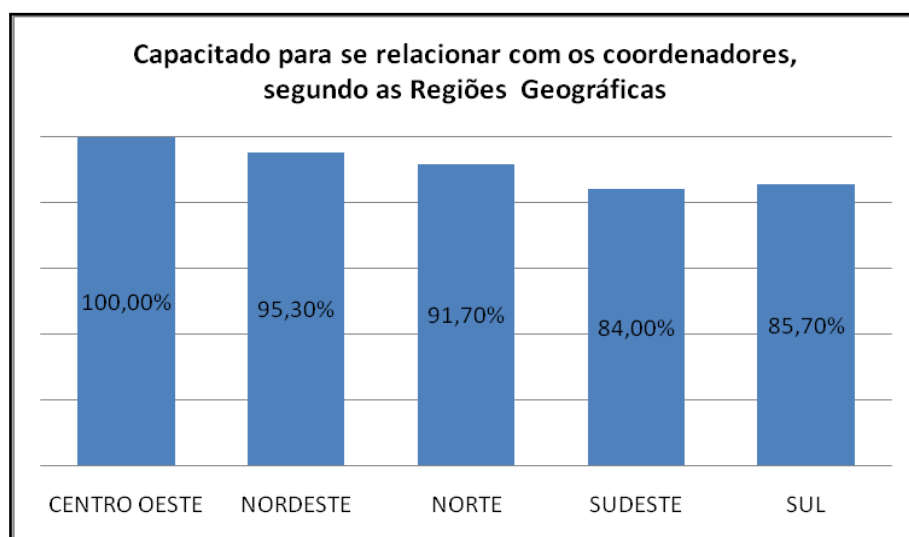


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Relacionar-se com os coordenadores

Em relação ao sentimento de capacidade para relacionar com os coordenadores, os entrevistados da região Sudeste foram os que apresentaram o menor percentual de respostas positivas, 84,0%. Entre os entrevistados das regiões Sul (85,7%), Norte (91,7%) e Nordeste (95,3%), os percentuais de respostas positivas ficaram em um nível intermediário. Os entrevistados da região Centro Oeste foram os que apresentaram o maior percentual de respostas positivas (100%)

Figura 66 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de relacionamento com os coordenadores, segundo as Regiões Geográficas

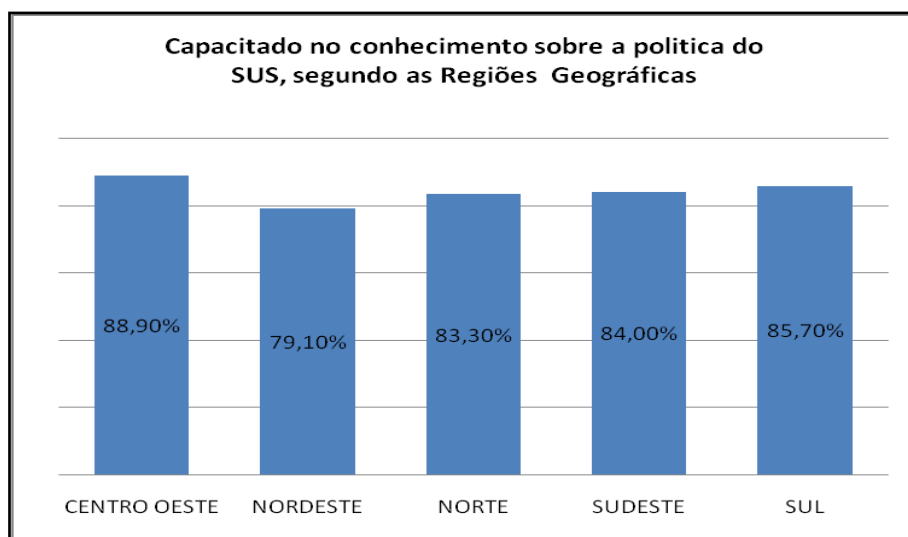


Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Conhecimento sobre a política do SUS

Em relação ao sentimento de conhecimento sobre a política do SUS, os entrevistados da região Nordeste foram os que apresentaram o menor percentual de respostas positivas, 79,1%. Entre os entrevistados das regiões Sul (85,7%), Sudeste (84,0%) e Norte (83,3%), os percentuais de respostas positivas ficaram em um nível intermediário. Os entrevistados da região Centro Oeste foram os que apresentaram o maior percentual de respostas positivas (88,9%).

Figura 67 - Avaliação da capacitação oferecida pelos cursos do PROFAE, em termos de conhecimento sobre a política do SUS, segundo as Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

3.3.11. Egressos do PROFAE que trabalham atualmente

A pesquisa investigou, em relação à trajetória ocupacional de egressos dos cursos do PROFAE, se os entrevistados desempenham alguma atividade profissional atualmente, e se sim, quais as características dessa atividade, além de questionar se a atividade exercida é a mesma da anterior à conclusão do curso. Dentre os entrevistados, cerca de 80% exercem alguma atividade profissional atualmente. Regionalmente, esse percentual varia bastante de região para região. A região com o maior percentual de entrevistados ocupados é o Nordeste, com 88%, seguida da Sudeste (80%), Sul (78%) e norte (66%). A região Centro oeste é q que apresentou o maior número de entrevistados não ocupados, com apenas 55% trabalhando atualmente.

Tabela 49 – Egressos do PROFAE segundo condição de ocupação

	Nº	%
Ocupados	82	79,6
Não ocupados	21	20,4
Total	103	100

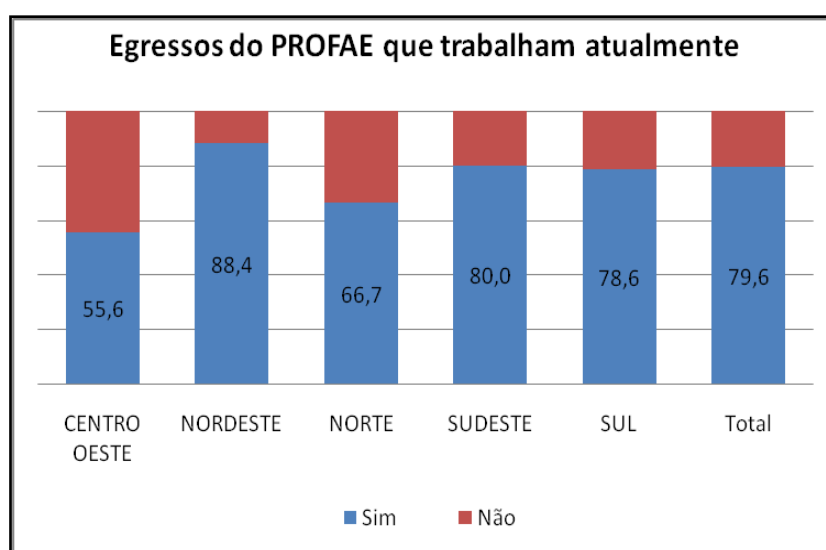
Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Tabela 50 – Egressos do PROFAE segundo condição de ocupação e Regiões Geográficas

Região Geográfica	Ocupados		Não ocupados	
	Nº	%	Nº	%
CENTRO OESTE	5	55,6	4	44,4
NORDESTE	38	88,4	5	11,6
NORTE	8	66,7	4	33,3
SUDESTE	20	80,0	5	20,0
SUL	11	78,6	3	21,4
Total	82	79,6	21	20,4

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 68 - Egressos do PROFAE segundo condição de ocupação e Regiões Geográficas



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Em relação à permanência no mesmo emprego anterior à formação no PROFAE, entre os entrevistados que estão desempenhando atividade profissional atualmente, 86% permanecem no mesmo emprego desde a conclusão dos cursos e apenas 7% possui mais de uma ocupação laboral.

Tabela 51 – Egressos do PROFAE que permaneceram no mesmo emprego anterior à formação

	Nº	%
Sim	71	86,6
Não	11	13,4
Total	82	100
Não se aplica	21	20,4

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Tabela 52 – Egressos do PROFAE que possuem mais de um emprego atualmente

	Nº	%
Não	76	92,7
Sim	6	7,3
Total	82	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Dentre as atividades profissionais citadas como principais, 28% dos entrevistados que possuem emprego atualmente informam que atuam como Auxiliares de enfermagem, 20% como Técnicos de enfermagem, totalizando cerca de 50% do estudo. Entre os demais, 37% informaram ser profissionais setor saúde (ACS, Agentes de endemia, Auxiliares de farmácia, odontologia, laboratório e funções administrativas). 13% informaram que atuam em outros setores, inclusive no Corpo de Bombeiros.

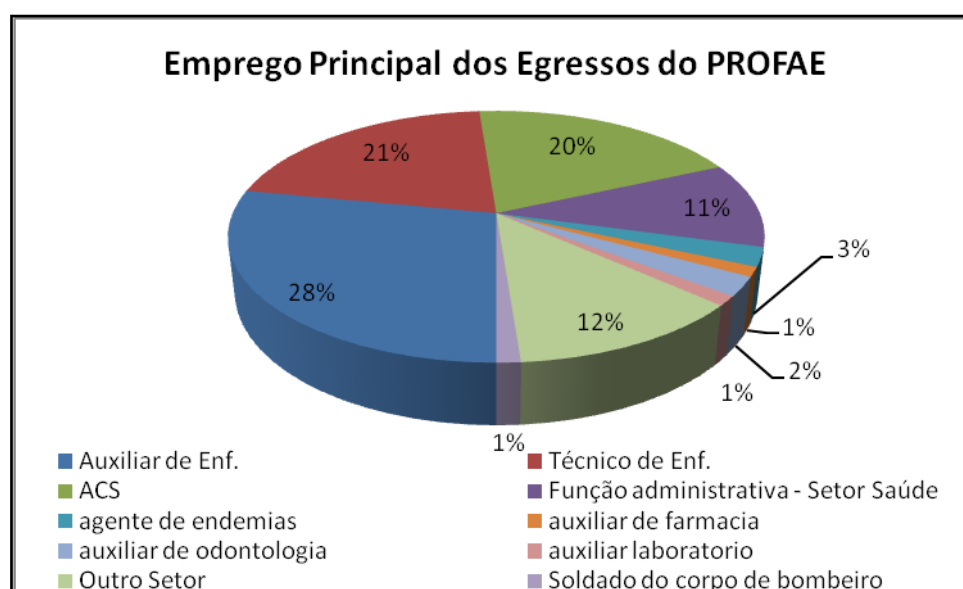
Quando essa variável é analisada segundo as regiões geográficas da residência do entrevistado, observa-se que, entre os pesquisados, os cargos de Auxiliar de enfermagem e Técnico de Enfermagem estão concentrados nas regiões Nordeste, Norte, Sudeste e Sul, não tendo surgido casos na região Centro Oeste. Profissionais que freqüentaram os cursos do PROFAE e hoje atuam em outras áreas diferentes da saúde apareceram em todas as regiões brasileiras.

Tabela 53 – Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo ocupação principal

Emprego Principal	Nº	%
Auxiliar de Enfermagem	23	28,0
Técnico de Enfermagem	17	20,7
ACS	16	19,5
Função administrativa - Setor Saúde	9	11,0
Agente de endemias	2	2,4
Auxiliar de farmácia	1	1,2
Auxiliar de odontologia	2	2,4
Auxiliar laboratório	1	1,2
Outro Setor	10	12,2
Soldado do Corpo de Bombeiros	1	1,2
Total	82	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 69 – Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo ocupação principal



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

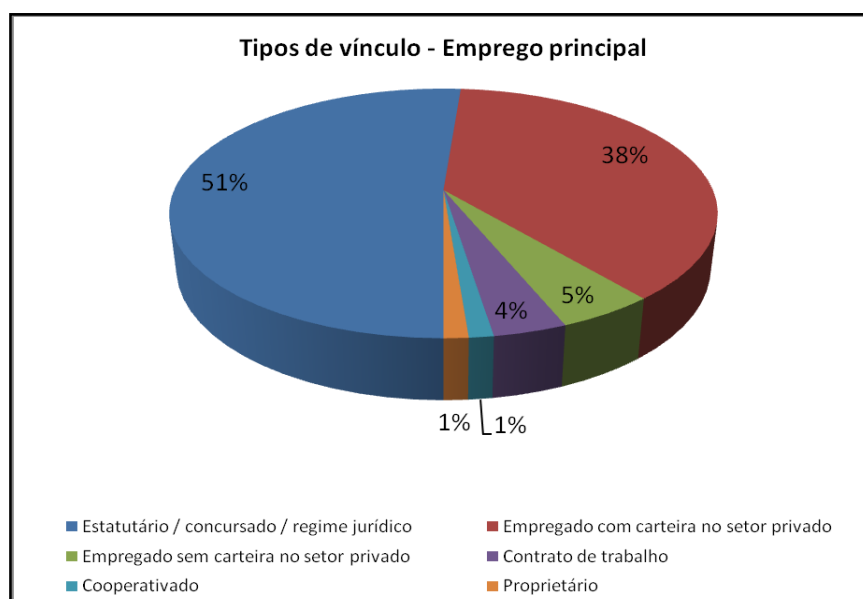
Entre os entrevistados, em relação ao tipo de vínculo empregatício, predomina o vínculo estável, na forma do Estatuto do Servidor Público, concursado, com 51% dos casos com atividade laboral no momento. A seguir, o vínculo formal aparece em segundo lugar, tipificado pelo emprego com carteira assinada no setor privado (37%). Esses dados apontam para uma baixa precarização nas relações de trabalho dos egressos dos cursos do PROFAE, mas tendo em vista que o percentual que permanecem no mesmo emprego é muito alto, não se pode atribuir aos cursos do PROFAE esse nível de formalidade.

Tabela 54 – Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo tipo de vínculo do emprego principal

Tipo de vínculo – Emprego Principal	Nº	%
Estatutário / concursado / regime jurídico	42	51,2
Empregado com carteira no setor privado	31	37,8
Empregado sem carteira no setor privado	4	4,9
Contrato de trabalho	3	3,7
Cooperativado	1	1,2
Proprietário	1	1,2
Total	82	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

Figura 70 - Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo tipo de vínculo do emprego principal



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

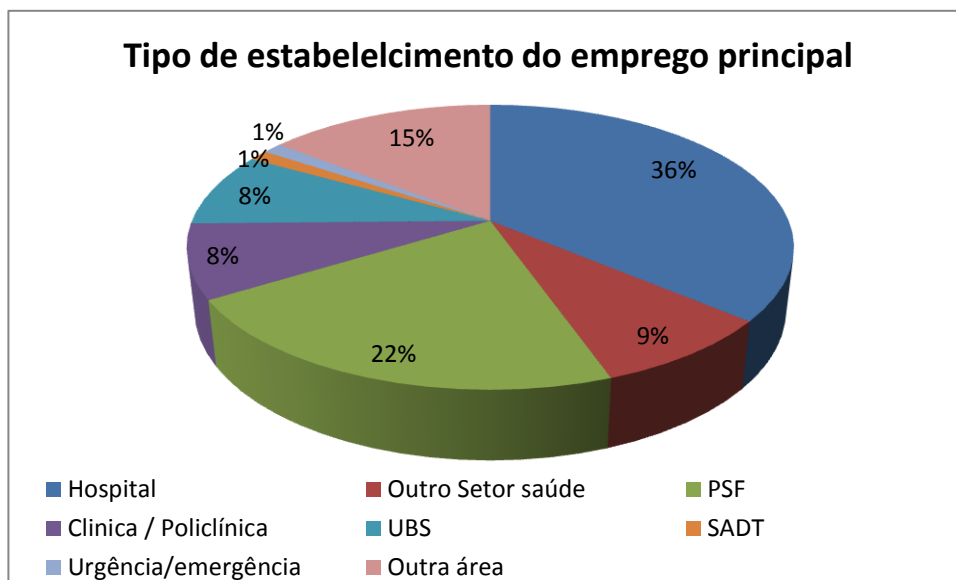
Em relação ao tipo de estabelecimento onde os entrevistados exercem sua atividade profissional, 36% informaram que o fazem em Hospitais, 22% no Programa Saúde da Família, 28% em outros estabelecimentos de saúde e 13% em estabelecimentos de outros setores diferentes da saúde. Regionalmente, entre os entrevistados, predomina Hospital como o tipo de estabelecimento onde se exerce a atividade principal nas regiões Norte (50%), Sudeste (55%) e Sul (54%). Na região Centro Oeste, 40% atuam em estabelecimentos de outros setores que não saúde, e na região Nordeste predomina como local de exercício da atividade profissional principal o PSF (34%).

Tabela 55 – Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo tipo de estabelecimento do emprego principal

Tipo de estabelecimento – emprego principal	Nº	%
Hospital	30	36,6
PSF	18	22,0
Clinica / Policlínica	7	8,5
UBS	7	8,5
SADT	1	1,2
Urgência/emergência	1	1,2
Outro setor saúde	6	8,5
Outra área	12	13,4
Total	82	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 71 - Distribuição dos entrevistados ocupados atualmente segundo tipo de estabelecimento do emprego principal



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Na amostra do estudo em questão, apenas 7% dos entrevistados com atividade profissional no momento possuem mais de um emprego, sendo que um terço atua no emprego secundário como Técnico de Enfermagem, outro terço como Auxiliar de enfermagem e um último terço atua em outro setor que não saúde.

Tabela 56 – Emprego secundário dos Egressos dos cursos do PROFAE

Emprego Secundário	Nº	%
Auxiliar de Enfermagem	2	33,3
Técnico de Enfermagem	2	33,3
Outro setor	2	33,3
Total	6	100

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFMG).

3.3.12. Egressos do PROFAE não ocupados atualmente

Em relação aos 20% dos entrevistados que no momento da pesquisa não possuem atividade profissional, a pesquisa investigou os motivos da não ocupação. Entre os motivos citados, o desemprego representou 66% das respostas, e apenas 1 entrevistado não trabalha por ter se aposentado e outro por estar licenciado. Importante dado da pesquisa foi o fato de egressos dos cursos do PROFAE nunca terem trabalhado, nem antes nem depois dos cursos. Esse perfil representou 14% dos entrevistados que não possuem atividade laboral no momento.

Regionalmente, a justificativa apresentada para a não ocupação laboral dos entrevistados não é homogenia. Na região Norte, 100% dos entrevistados não ocupados se identificam como Desempregados, enquanto esse motivo é citado para justificar a não ocupação em 75% dos entrevistados do Centro Oeste, 60% na região Sudeste, 66% na região Sul e apenas 40% na região Nordeste. Os entrevistados que nunca exerceram atividade profissional são residentes das regiões Nordeste e Sudeste.

Entre os entrevistados que atualmente não exercem atividade profissional, o último emprego que tiveram antes da inatividade foi Auxiliar de enfermagem para 14% dos entrevistados, Técnico de enfermagem para 14%, funções em outras áreas da saúde para 28%.

Tabela 57 – Distribuição dos entrevistados não ocupados atualmente segundo motivo da não ocupação

Motivo	Nº	%
Desempregado	14	66,7
Nunca trabalhou	3	14,3
Licenciado	2	9,5
Aposentado	1	4,8
Não respondeu	1	4,8
Total	21	100,0
Não se aplica	82	79,6

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Figura 72 – Distribuição dos entrevistados não ocupados atualmente segundo motivo



Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Tabela 58 – Motivos para não desempenhar atividade profissional atualmente

Regiões Geográficas	Desempregado		Nunca trabalhou		Licenciado		Aposentado		Não respondeu	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CENTRO OESTE	3	75,0	0	0,0	1	25,0	0	0,0	0	0,0
NORDESTE	2	40,0	2	40,0	0	0,0	0	0,0	1	20,0
NORTE	4	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
SUDESTE	3	60,0	1	20,0	0	0,0	1	20,0	0	0,0
SUL	2	66,7	0	0,0	1	33,3	0	0,0	0	0,0

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

Tabela 59 – Último emprego dos egressos do PROF AE que não trabalham atualmente

Tipo de emprego	Nº	%
Auxiliar de Enfermagem	3	14,3
Técnico de Enfermagem	3	14,3
Atendente de Enfermagem	2	9,5
Outro Setor saúde	6	28,6
Nunca trabalhou	3	14,3
Não respondeu	1	4,8
Metalúrgica	1	4,8
Professora	2	9,5
Total	21	100,0

Fonte: Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM/NESCON/UFGM).

3.4. Resultados dos Grupos Focais

3.4.1. Bloco 1 – Formação e qualificação

As motivações iniciais para o ingresso dos auxiliares e técnicos nos cursos do programa foram o primeiro assunto abordado. De acordo com os participantes dos grupos, existiu uma resistência inicial para fazer o curso do PROFAE por parte dos auxiliares e técnicos, acostumados ao exercício das atividades há vários anos. Dessa forma, além da necessidade de obter qualificação profissional, os primeiros alunos foram atraídos principalmente pela gratuidade dos cursos, pela liberação da carga horária no trabalho, e pela ajuda de custo oferecida para a realização dos mesmos. O pensamento entre eles era o de *“estudar e receber para isso”*.

Ainda segundo os entrevistados, a realização do curso deu condições para que os atendentes ampliassem seu horizonte profissional e disseminassem aos outros colegas de profissão a importância e as vantagens do programa. Nas palavras de um dos participantes:

“Eles voltaram diferentes e contaminaram os outros profissionais”.

Foi indagado aos participantes se os cursos do PROFAE representaram melhoria na qualidade da atenção prestada aos pacientes. Na percepção dos entrevistados, de maneira geral, o PROFAE propiciou melhoria nos serviços hospitalares de enfermagem, aprimorando o cuidado em enfermagem: *“mudou o comportamento no trato com o paciente”*.

Quem supervisionava os atendentes de enfermagem pôde constatar esta mudança na rotina dos serviços:

“antes era difícil fazer escala porque muitos não sabiam fazer de tudo”.

Um dos entrevistados destacou que, embora o PROFAE tenha sido excelente em vários aspectos, para os servidores públicos, especificamente, houve qualificação, mas não houve reenquadramento funcional. Por outro lado, alguns alunos do PROFAE, que não exerciam atividades de enfermagem propriamente ditas, como maqueiros e outros, que tiveram oportunidade de fazer o curso, fizeram concurso e foram efetivados.

Os gestores constataram que os atendentes de enfermagem que participaram do PROFAE alcançaram maior autonomia sobre suas ações. Além da prática, passaram a ter o conhecimento teórico. E se antes eram meros executores de tarefas, eles se tornaram mais questionadores relativamente ao trabalho e aos procedimentos adotados pela equipe de enfermagem. Segundo um dos entrevistados:

“Na época em que eu atuava como técnico, eu fazia porque a enfermeira “mandou”. Eu já tinha a base técnica, agora tenho a teoria”.

“Os alunos do PROFAE são mais questionadores”.

Uma das consequências desse maior conhecimento teórico, apontada por alguns membros dos grupos, foi a diminuição de casos de infecção hospitalar, pois os alunos do PROFAE passaram a adotar de forma mais efetiva práticas preventivas de biossegurança, que envolvem, entre outros procedimentos: assepsia; antisepsia; e uso de material de prevenção, como luvas e máscaras descartáveis.

Entretanto, conforme um dos grupos, um fator que interferiu no aproveitamento final dos alunos foi a formação deficitária nos ensinamentos fundamental e médio, o que não foi totalmente recuperado pelo PROFAE. Existe, ainda, muita dificuldade em escrita e matemática.

Foi perguntado aos membros dos grupos se eles consideravam a proposta de formação profissional dos cursos do PROFAE diferente das de outras escolas. Os

participantes foram estimulados a relatar suas experiências com auxiliares e técnicos formados e não formados pelo programa. Um dos grupos ressaltou que os cursos do programa alinharam conhecimento teórico e técnico na área da enfermagem a matérias de cunho político e social. De acordo com seus participantes:

“O profissional do PROFAE tem visão política bastante visível. Principalmente, o conhecimento sobre a política de saúde do SUS”.

Ainda de acordo com o mesmo grupo, o contato com fatores políticos e humanitários inerentes à área da saúde despertou nos alunos do PROFAE maior cuidado e atenção com a população, bem como maior disposição para realização das atividades. Nas palavras de um dos seus participantes:

“Na ginecologia, houve melhora na qualidade dos serviços e na atenção com as pacientes. Existem vários elogios para os funcionários que passaram pelo PROFAE”.

Foi solicitado aos participantes que fizessem uma avaliação do envolvimento dos enfermeiros docentes do PROFAE na qualidade da assistência e do trabalho da enfermagem.

Na opinião de alguns participantes, o exercício da docência no PROFAE tornou o enfermeiro um “professor em tempo integral”, inclusive, durante a assistência. O enfermeiro passou a perceber melhor as deficiências no trabalho dos auxiliares e técnicos.

“O numero de erros diminuiu, pois o enfermeiro passou a cuidar mais da equipe”.

Na avaliação dos membros dos grupos, o envolvimento dos enfermeiros docentes do PROFAE fez despertar entre eles o interesse pela docência que se traduziu no aumento das especializações em educação profissional. Os enfermeiros que

realizaram o curso de capacitação em docência do PROFAE estão realizando outros cursos - inclusive de mestrado - e estão conquistando outros mercados de trabalho. Nas palavras de um participante:

“Ao fazer o curso de especialização de docência do PROFAE, aprendi e me envolvi com coisas novas”.

Outro ganho importante do PROFAE na área de enfermagem foi a união que o programa proporcionou entre as diferentes categorias profissionais, inclusive, entre os enfermeiros. Essa união que parece se traduzir numa visão mais sistêmica e cooperativa entre auxiliares, técnicos e enfermeiros, foi relatada como um “bem” desenvolvido pelos profissionais envolvidos no programa.

“Eu atuei como docente, os docentes se uniram, a forma de treinamento tornou-se diferenciada”.

3.4.2. Bloco 2 – Inserção no mercado de trabalho

O segundo bloco de questões abordou os aspectos da inserção no mercado de trabalho dos alunos do PROFAE: condições de entrada do auxiliar e do técnico de enfermagem no mercado de trabalho; melhoria dos salários proporcionada pela maior qualificação; e permanência dos mesmos nos serviços de saúde.

Foi perguntado aos participantes dos grupos se o PROFAE possibilitou aos seus formados melhoria de remuneração e de empregabilidade. Conforme os gestores, a maior qualificação abriu novas possibilidades de trabalho para os profissionais. Para os auxiliares e técnicos, o próprio PROFAE consistiu em um meio de chegar à colocação profissional, uma vez que existia a possibilidade de indicações por parte dos professores do programa, constantemente atentos aos alunos com os melhores

desempenhos nos cursos. Entretanto, segundo eles, uma melhor qualificação, nem sempre, converte-se em uma melhor remuneração. Nas palavras de um dos participantes:

“Os hospitais não tem a política de melhorar salários em função da qualificação”.

Segundo os participantes, os hospitais, em geral, trabalham com o quadro mínimo de pessoal da enfermagem, e mantêm as vagas limitadas. Existem concursos públicos e contratações terceirizadas, mas sempre em número menor que o necessário. E devido ao grande contingente de profissionais de nível médio, existe disputa para conseguir um emprego. Os profissionais sujeitam-se a trabalhar por qualquer salário.

“Existe um grande número de profissionais disponível, então os hospitais sabem que podem pagar pouco”.

Ainda segundo eles, no geral, as vagas ofertadas no mercado são para técnicos, em virtude da escassez de formação de auxiliares, pois *“as escolas não formam mais esses profissionais”*. Mas existem casos de hospitais que contratam apenas auxiliares por conta do salário menor, mesmo que o empregado também possua formação de técnico, como destacou um participante:

“No meu hospital, dos 23 profissionais contratados como auxiliares, somente 3 são apenas auxiliares, o restante é técnico trabalhando como auxiliar”.

De acordo com os entrevistados, os bons profissionais – assim considerados pelo bom desempenho e formação –, sejam formados pelo PROFAE, ou não, são

assediados e conseguem se colocar no mercado de forma mais confortável que os demais, muitas vezes acumulando empregos para complementar a remuneração.

“(...) aqueles que se capacitam, os bons profissionais, vão embora mesmo”.

Por exemplo, aqueles com cargo público de auxiliar, conciliam esse trabalho com o de técnico no serviço privado. Muitos participantes concordaram que o PROFAE, ao qualificar o atendente, possibilitou que esse conseguisse um segundo emprego.

“Para os atendentes [de enfermagem], os cursos de auxiliar e de técnico abriram a possibilidade de irem trabalhar no serviço privado. No meu hospital [eles continuam] atuando como atendentes e auxiliares, mas no serviço privado atuam na nova ocupação”.

Entre os dois grupos, o *home-care* foi apontado como alternativa de emprego para complementação da renda.

Foi perguntado também aos participantes se o PROFAE ocasionou uma diminuição da rotatividade dos profissionais formados por ele, em contribuição à sua maior permanência nos postos de trabalho. Ao contrário dessa assertiva, os entrevistados relataram que os técnicos, em decorrência da melhor qualificação obtida e dos baixos salários ofertados pelos estabelecimentos, estão migrando para outros empregos.

Em um dos grupos, foi relatado que os técnicos, em busca de melhores salários, estão migrando do serviço público para o privado (o contrário também acontece, dependendo da região). Alguns participantes lamentaram o esforço gasto na preparação desses profissionais e a perda dos mesmos para outro serviço. Segundo eles, alguns técnicos, mesmo que devidamente habilitados, chegam sem prática em seus hospitais e, quando ficam bem preparados para o exercício de suas funções, são

“levados” pelos hospitais particulares. O outro grupo aponta um caminho inverso desses profissionais, que estão saindo do setor privado e indo para o público. Conforme os participantes, os técnicos buscam, além de maior remuneração, estabilidade no emprego.

Outra pergunta feita aos participantes foi se eles consideravam que a formação no PROFAE criou novas perspectivas em relação ao exercício profissional futuro: (i) na migração para outra ocupação correlata ou não correlata; (ii) no seguimento de carreira superior em área correlata ou não correlata; e (iii) na formação continuada. Segundo os dois grupos, parte dos alunos formados pelo PROFAE deu prosseguimento aos estudos em busca de formação superior. Não houve relatos sobre migração de profissionais para outras áreas técnicas.

“Quem continuou os estudos foi evoluindo para fazer o curso superior, mesmo que para outras áreas. Para outra área técnica não foi muito observado”.

“Aqueles profissionais que estavam acomodados nos estudos, com a resolução do COFEN e o PROFAE saíram da inércia”.

No ensino de nível superior, a preferência entre esses profissionais foi pela enfermagem. Na falta desse curso na região, Serviço Social, Letras e Psicologia foram exemplos de cursos citados como alternativa.

Este terceiro bloco de questões foi encerrado com a avaliação da contribuição do PROFAE no reconhecimento e valorização dos egressos nos serviços de saúde e na comunidade onde atuam. Houve consenso entre os grupos de que o PROFAE propiciou a seus formandos melhoria da autoestima. Conforme os participantes, os alunos sentem orgulho de terem realizado os cursos. Em relação à equipe de trabalho, ao longo da formação, esses alunos sentiram-se mais valorizados como profissionais.

3.4.3. Bloco 3 – Oferta de auxiliares e técnicos de enfermagem

As questões do terceiro bloco tiveram por tema a discussão da oferta de auxiliares e técnicos de enfermagem: a existência ou não de profissionais qualificados em quantidade suficiente para atender as demandas do serviço; e procedimentos adotados na seleção dos profissionais contratados.

Os participantes foram indagados se existem auxiliares e técnicos de enfermagem qualificados em quantidades suficientes para atender às demandas do serviço, e se encontram dificuldades no recrutamento de profissionais já formados. Conforme os participantes, embora exista um grande quantitativo de profissionais disponíveis no mercado, é pequeno o contingente de profissionais realmente preparados para exercerem as funções. A baixa qualidade das escolas foi citada como uma das causas dessa baixa qualificação.

Segundo os dois grupos, as escolas privadas não conciliam teoria e prática, seus alunos não tem o devido conhecimento sobre as políticas de saúde do SUS, nem a habilidade necessária para executar procedimentos.

“A formação nas escolas privadas é péssima, o aluno paga e passa”.

“Na escola privada os professores não podem reprovar, eles são reféns. No PROFAE pôde-se cobrar mais”.

“A grande quantidade de escolas privadas tem baixado a qualidade da formação”.

Os participantes relataram que a experiência de estágio no ensino técnico da área de enfermagem, em geral é problemática, pois não há professores suficientes disponíveis para acompanhar a vivência dos alunos; ou esses precisam contratar professores “por fora” para contar com o devido acompanhamento. Embora as escolas particulares tenham recebido a grande maioria das críticas, os cursos do PROFAE não ficaram incólumes. Segundo um dos gestores:

“Nem sempre os alunos do PROFAE passam nos testes de avaliação. A parte teórica da formação foi fraca. Não houve reprovação, mesmo que os alunos não atingissem os objetivos”.

Outra indagação feita aos membros dos grupos focais foi se no processo de admissão de um profissional de nível técnico, eles consideravam o curso/currículo no qual ele foi formado, isto é, se egresso de cursos do PROFAE ou de outros. De acordo com os entrevistados, no processo de contratação de um profissional de nível técnico, o fato de sua formação ser pelo PROFAE não altera as chances de admissão. Os fatores preponderantes são os processos de recrutamento e seleção por parte do empregador. Um dos participantes ressaltou que, embora o aluno do PROFAE seja considerado de melhor qualidade, não existe “favoritismo” no momento da seleção.

Conforme ambos os grupos, todos os processos seletivos, seja no serviço público ou privado, são baseados em critérios meritocráticos, e contemplam teste psicológico, prova prática e teórica. Um dos participantes explicou o processo aplicado em seu hospital de trabalho:

“No meu hospital segue-se um protocolo de admissão: divulgação da vaga em rádio e jornal; avaliação dos currículos por junta; prova aberta com questões relacionadas à clínica; prova prática; e no final entrevista com psicóloga. Ainda tem três meses de experiência”.

3.4.4. Bloco 4 – Escopo do trabalho e conflitos profissionais

As questões do quarto bloco abordaram o escopo do trabalho das ocupações da enfermagem e os conflitos profissionais existentes entre auxiliares e técnicos, entre esses profissionais e os enfermeiros, ou em relação a outras ocupações de saúde.

Inicialmente, foram discutidas as proposições existentes que pretendem transformar todos os auxiliares de enfermagem em técnicos e as que propõem a formação superior para todo profissional da área. Os participantes consideraram interessante a proposta de substituir os auxiliares dos serviços de saúde por técnicos. Mas ao mesmo tempo, reafirmam a necessidade de que as atividades exercidas por essa categoria precisam ser providas por outro profissional, já que os técnicos não as realizam. Um exemplo pode ser citado:

“Existe isso em serviço público, o auxiliar vira técnico, e existem atividades desenvolvidas por ele antes, que ele não realiza mais. Aí, são terceirizados os serviços de “auxiliares dos serviços hospitalares”.

Todos discordam da proposição de transformar técnicos em enfermeiros, afirmaram a necessidade de haver progressões entre o nível médio e o superior.

“É necessário gerenciamento na enfermagem”.

“Se for para transformar com qualidade baixa, técnico em enfermeiro, o profissional tende a continuar técnico do mesmo jeito. Tem plantão onde todos os técnicos são enfermeiros, mas a cabeça é a mesma”.

Outra preocupação decorrente dessa proposta é acerca dos salários dos enfermeiros. Um dos participantes disse: *“Vão se achatar os salários e crescer a insatisfação”.*

Foi perguntada a opinião dos participantes sobre as atividades executadas pelos auxiliares e pelos técnicos de enfermagem, e as atribuições de cada categoria profissional. Segundo os entrevistados, é tênue a linha que separa as funções desses profissionais: os auxiliares, geralmente, ficam com as tarefas elementares, cuidados ao paciente que não envolva grandes riscos; os técnicos, por terem conhecimento teórico maior, desempenham atividades de maior responsabilidade e complexidade.

Na opinião dos mesmos, não existe diferenciação na prática entre auxiliar e técnico de enfermagem. A diferença depende de instituição para instituição, assim como varia entre os profissionais. Há auxiliares exercendo atividades críticas, dependendo da necessidade do hospital ou da capacidade destes.

“Auxiliares e técnicos exercem as mesmas atividades”.

“O auxiliar faz a mesma função do técnico e por ser antigo, ‘dinossauro’, atua inclusive na área crítica, e estão presentes na educação continuada”.

“Até mesmo por falta de mão-de-obra, não é feita divisão do trabalho. Apenas as funções do enfermeiro são específicas”.

Ainda segundo os entrevistados, quem determina as atividades é o enfermeiro, avaliando e distribuindo funções na equipe. Aqueles que apresentam as condições para exercer determinada função, como preparar medicação ou substituir o gestor em sua ausência, seja técnico ou auxiliar, acabam por fazer tarefas das outras categorias, inclusive, as do enfermeiro.

“A definição de quem vai desempenhar determinadas funções, complexas ou não, é do enfermeiro”.

“Técnicos ficam mais em atividades críticas, porém quando o auxiliar executa melhor a atividade, ele assume as atividades mais complexas”.

Existiu polêmica nos grupos quanto à realização pelo técnico, ou auxiliar, de atividades privativas ao enfermeiro, conforme legislação que regulamenta o exercício da área da enfermagem. Enquanto alguns negaram veementemente a existência dessa situação, muitos outros assumiram sua ocorrência, conforme foi falado por um participante:

“Em cidades pequenas, técnicos e auxiliares fazem sutura, parto epísio, engessam, fazem Raios-X e conduzem anestesia”.

Foi perguntado aos entrevistados sobre a existência de conflitos de exercício profissional, em relação às atribuições e atividades executadas nos serviços, entre auxiliares e técnicos, e entre esses profissionais e os enfermeiros. Nesse ponto da discussão, os participantes salientaram que embora exista indefinição acerca do exercício das funções na área da enfermagem, a remuneração mantém-se como marcador da distinção entre as ocupações: o salário do enfermeiro é maior que o do técnico, e este é maior que o do auxiliar. Eles explicaram que quando os hospitais contratam técnicos como auxiliares, e ainda, enfermeiros como técnicos, nota-se um conflito velado entre as categorias. O pensamento entre eles é o seguinte: *“eu não ganho o suficiente para fazer isso”*.

Além desse aspecto, os participantes relataram que existe oportunismo por parte de enfermeiros e, inclusive, de alguns médicos, que delegam funções privativas das suas categorias para técnicos e auxiliares, por falta de tempo ou por puro comodismo.

Foi perguntado também acerca de conflitos no exercício profissional em relação às atribuições e atividades executadas nos serviços entre as ocupações de enfermagem e as outras ocupações de saúde. Segundo os entrevistados, a enfermagem é vista pelos profissionais das demais áreas de saúde como insumo para suas atividades. Em decorrência disso, os enfermeiros, técnicos e auxiliares sofrem

acúmulo de funções, o que gera um clima de descontentamento entre essas categorias.

Apêndice – Máscara Operacional da ETAC

Tab 1	Tab 2	Tab 3	Tab 4	Tab 5	Tab 6	TAB 7	Tab 8
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

Situação da Entrevista		Operador:		Número do PROF AE:	
1 - Número de Controle:	(AutoNumeração)	Data da Pesquisa:	12/03/2010		
2 - Nome do Respondente:					
3 - Código do Município:		Região:		Situação RAIS:	
4 - Descrição do Município:					
5 - Situação da Pesquisa:					
6 - Telefone :					
7 - E-mail do Respondente:					

SEÇÃO A – Dados Gerais	
1 - Sexo do Respondente:	
2 - Data Nascimento do Respondente:	
3 - Em que município e Unidade da Federação reside? :	
	Outro Município Sigla UF :
	Nome do Município :

Tab 1	Tab 2	Tab 3	Tab 4	Tab 5	Tab 6	TAB 7	Tab 8
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

SEÇÃO B – Educação e Formação Profissional											
1 - Qual/Quais curso/s do PROF AE frequentou ?											
☐ Auxilia de Enfermagem	<table border="1"><tr><td>Nome da Instituição :</td><td> </td></tr><tr><td>Município da Instituição :</td><td> </td></tr><tr><td>Tipo da Instituição :</td><td> </td></tr><tr><td>Ano Início :</td><td> 0 </td><td>Ano Final :</td><td> 0 </td></tr></table>	Nome da Instituição :		Município da Instituição :		Tipo da Instituição :		Ano Início :	0	Ano Final :	0
Nome da Instituição :											
Município da Instituição :											
Tipo da Instituição :											
Ano Início :	0	Ano Final :	0								
☐ Técnico de Enfermagem	<table border="1"><tr><td>Nome da Instituição :</td><td> </td></tr><tr><td>Município da Instituição :</td><td> </td></tr><tr><td>Tipo da Instituição :</td><td> </td></tr><tr><td>Ano Início :</td><td> 0 </td><td>Ano Final :</td><td> 0 </td></tr></table>	Nome da Instituição :		Município da Instituição :		Tipo da Instituição :		Ano Início :	0	Ano Final :	0
Nome da Instituição :											
Município da Instituição :											
Tipo da Instituição :											
Ano Início :	0	Ano Final :	0								
2 - O que o levou a fazer o curso do PROF AE ?											
3 - Você concluiu o ensino fundamental através do PROF AE? :											
4 - Possui formação em outra área?											
☐ Técnica	<table border="1"><tr><td>Possui formação :</td><td> </td></tr><tr><td>Em qual área :</td><td> </td></tr><tr><td>Pretende Fazer :</td><td> </td></tr></table>	Possui formação :		Em qual área :		Pretende Fazer :					
Possui formação :											
Em qual área :											
Pretende Fazer :											
☐ Superior	<table border="1"><tr><td>Possui formação :</td><td> </td></tr><tr><td>Em qual área :</td><td> </td></tr><tr><td>Pretende Fazer :</td><td> </td></tr></table>	Possui formação :		Em qual área :		Pretende Fazer :					
Possui formação :											
Em qual área :											
Pretende Fazer :											

A seção Continua na (Tab 3)

Tab 1	Tab 2	Tab 3	Tab 4	Tab 5	Tab 6	TAB 7	Tab 8
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

Continuação da SEÇÃO B – Educação e Formação Profissional

5 - O que o motivou/motiva fazer outro curso ?

6 - Você está inscrito no COREN ?

7 - O seu registro no COREN é como :

☐ atendente de enfermagem
☐ auxiliar de enfermagem
☐ técnico de enfermagem
☐ enfermeiro

Tab 1	Tab 2	Tab 3	Tab 4	Tab 5	Tab 6	TAB 7	Tab 8
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

SEÇÃO C – Trajetória Ocupacional

1 - Por que você escolheu a área de enfermagem para trabalhar ?

2 - Você exerce alguma atividade profissional (trabalha) atualmente ?

☐ Sim
☐ Não trabalha atualmente

Por que não : Outra:

3 - Se não pergunte sobre o seu último emprego :

Emprego Principal : Outro:
 Vínculo do Emprego Principal: Outro:
 Estabelecimento do Emprego Principal: Outro:
 Emprego Secundário : Outro:
 Vínculo do Emprego Secundário: Outro:
 Estabelecimento do Emprego Secundário: Outro:

**SE NÃO ESTÁ TRABALHANDO
Ir Para Tab 6**

Tab 1	Tab 2	Tab 3	Tab 4	Tab 5	Tab 6	TAB 7	Tab 8
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

Continuação da SEÇÃO C – Trajetória Ocupacional

4 - Você possui mais de um emprego ou atividade laboral (assalariado ou autônomo)?

5 - Sobre o seu emprego ATUAL:

Emprego Principal :	v	Outro:	
Tipo de Vínculo do Emprego Principal:	v	Outro:	
Estabelecimento do Emprego Principal:	v	Outro:	

Emprego Secundário :	v	Outro:	
Tipo de Vínculo do Emprego Secundário:	v	Outro:	
Estabelecimento do Emprego Secundário:	v	Outro:	

6 - Você está no mesmo emprego/trabalho de quando você se matriculou/cursou o PRPFAE?
 (Se não, qual era o seu trabalho anterior)

7 - Sobre o seu emprego ANTERIOR:

Emprego Principal :	v	Outro :	
Tipo de Vínculo do Emprego Principal:	v	Outro :	
Estabelecimento do Emprego Principal:	v	Outro:	

Emprego Secundário :	v	Outro :	
Tipo de Vínculo Secundário :	v	Outro :	
Estabelecimento do Vínculo Secundário:	v	Outro :	

Tab 1	Tab 2	Tab 3	Tab 4	Tab 5	Tab 6	TAB 7	Tab 8
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

Continuação da SEÇÃO C – Trajetória Ocupacional

7 - Depois do curso do PROFAE, as atividades de rotina do seu trabalho como auxiliar/técnico de enfermagem mudaram?
☐ (Marcado Sim / Desmarcado Não) Se Sim, Como?

8 - Depois do curso do PROFAE, o seu enquadramento funcional como auxiliar ou técnico de enfermagem mudou?
☐ (Marcado Sim / Desmarcado Não) Se Não, Porque?

9 - Em relação aos seguintes aspectos da sua vida profissional depois de concluído o curso do PROFAE, você considera que:

Remuneração :	v
Relação com os Colegas de trabalho :	v
Relação com os "Gerentes/Supervisor" :	v
Valorização entre os familiares e amigos :	v
Empregabilidade :	v
Estabilidade no emprego :	v
Capacidade técnica (saber fazer) :	v

Tab 1	Tab 2	Tab 3	Tab 4	Tab 5	Tab 6	TAB 7	Tab 8
-------	-------	-------	-------	-------	-------	--------------	-------

SEÇÃO D – Avaliação do PROFAE

1 - O/A (leia cada item da lista de uma vez) teve "muita importância", "importância", "pouca importância", ou "nenhuma importância" na sua motivação para se matricular no PROFAE:

Gratuidade do Curso :	
Auxílio monetário para realização do curso :	
Liberação no trabalho :	
Perspectiva de formação prof. e ou conclusão dos estudos :	
Perspectiva de melhoria da posição no trabalho :	
Perspectiva de melhoria de salário :	
Exigência da Legislação do Exercício Profissional :	

2 - O/A Sr/a encontrou "muita dificuldade", "dificuldade", "alguma dificuldade" ou "nenhuma dificuldade" para/com:

Realizar estágio :	
Compreender material didático :	
Acompanhar as aulas e os professores :	
Com a carga horária do curso :	
Conciliar os estudos com o serviço/trabalho :	
Conhecimento em português e matemática :	

Tab 1	Tab 2	Tab 3	Tab 4	Tab 5	Tab 6	TAB 7	Tab 8
-------	-------	-------	-------	-------	-------	--------------	-------

CONTINUAÇÃO SEÇÃO D – Avaliação do PROFAE

3 - Após a conclusão do curso do PROFAE você se considera mais preparado para:

Realizar as atividades do seu trabalho :	☐
Usar práticas preventivas de biossegurança (aspepsia e uso de material preventivo como máscaras e luvas descartáveis)	☐
Se relacionar com os pacientes	☐
O trabalho com os colegas de equipe	☐
Tomar decisões no ambiente de trabalho	☐
Se relacionar com seus coordenadores/supervisores	☐
No conhecimento sobre a política do SUS	☐

4 - O/A Sr/a gostaria de conseguir outro trabalho?

Sim, Por que :

5 - Dê uma nota de 1 a 10 (melhor) para o CURSO DO PROFAE considerando o curso como causador de melhoria na sua vida profissional.

Nota: